



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

FÁBIO DE OLIVEIRA MEDEIROS

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FLORES E
PLANTAS ORNAMENTAIS E AS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS
E EXPORTADORAS DE FLORES DE CORTE**

RECIFE

Estado de Pernambuco - Brasil

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

FÁBIO DE OLIVEIRA MEDEIROS

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FLORES E
PLANTAS ORNAMENTAIS E AS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS
E EXPORTADORAS DE FLORES DE CORTE**

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito protocolar para obtenção do Título de Mestre em Administração e Desenvolvimento Rural do Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural – PADR, e aprovada em 25 de Março de 2009.

Orientador: Prof. PhD Luiz Andrea Favero

Linha de Pesquisa: Gestão, Mercados e Agronegócios

RECIFE

Estado de Pernambuco - Brasil

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

M488e Medeiros, Fábio de Oliveira
 Evolução das exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais e as principais regiões produtoras e exportadoras de flores de corte / Fábio de Oliveira Medeiros. -- 2009. 120 f. : il.

 Orientador : Luiz Andrea Favero
 Dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural) -- Universidade Federal Rural de Pernambuco. Departamento de Letras e Ciências Humanas.
 Inclui anexo e bibliografia.

CDD 658. 916

1. Flores de corte
 2. Exportação
 3. Participação mundial
 4. Tecnologia
- I. Favero , Luiz Andrea
II. Título

FÁBIO DE OLIVEIRA MEDEIROS

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FLORES E PLANTAS
ORNAMENTAIS E AS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS E EXPORTADORAS
DE FLORES DE CORTE**

Dissertação aprovada e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Administração e Desenvolvimento Rural – PADR, da Universidade Federal
Rural de Pernambuco.

Recife, 25 de Março de 2009.

Orientador:



Prof. PhD Luiz Andrea Favero - UFRPE

Examinadores:



Prof. PhD Yony de Sa Barreto Sampaio - UFPE



Profª. Dra. Vivian Loges – UFRPE



Prof. Dr. Horst Dieter Möller – UFRPE

Dedicatórias

*À minha mãe, Antonia de Oliveira Medeiros
Ao meu irmão, Luiz Cláudio de Oliveira Medeiros
Ao meu pai Luiz Medeiros dos Santos (em memória)
À minha avó Leonor Barbosa de Oliveira (em memória)*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é demonstrar e manifestar gratidão. É retribuir. É reconhecer que pessoas contribuíram pelo benefício recebido.

À Deus, minha eterna gratidão;

À minha mãe, que sempre fez parte na minha formação como pessoa e cidadão;

À minha avó Leonor Barbosa de Oliveira, pelas suas eternas orações;

Ao meu irmão Luiz Cláudio, pelas orientações sólidas;

Aos meus tios e primos, pelas conversas encorajadoras;

Aos meus amigos da Universidade e do PADR, pela valiosa troca de saberes que foram fundamentais na minha jornada acadêmica;

Ao professor e orientador Luiz Andrea Favero, pelo seu apoio, dedicação e compromisso disponibilizados para a realização deste trabalho.

RESUMO

O crescimento do setor de flores e plantas ornamentais vem despertando interesse entre os pesquisadores que atuam em diversas áreas, principalmente pela representatividade que exerce atualmente no volume e no valor negociado no agronegócio mundial, surgindo como um dos mais novos e importantes setores em potencial.

Diante disso, o estudo pretendeu analisar a participação das exportações brasileiras de flores de corte com o mundo; um *player*, que apesar de ainda pequena participação nos valores gerados pelo comércio mundial, sua produção e sua participação tendem a aumentar.

Depois de identificar os principais estados produtores nacionais nesse segmento, a pesquisa procurou explicar qual o diferencial competitivo entre esses estados nos processos de produção, pós-colheita e distribuição das flores de corte e compará-las com importantes atores internacionais, a fim de que as informações coletadas possam esclarecer se o país possui estrutura adequada ou melhorar ainda mais a já existente. O que se percebeu foi a pequena distribuição e propagação dos avançados sistemas utilizados em poucos estados brasileiros, demonstrando que o país, apesar da existência de importantes pólos de produção e comercialização, necessita ainda apoiar e propagar para outras regiões e em toda a cadeia, níveis de tecnologia de ponta fundamentais para melhorar e expandir a nossa participação no contexto mundial.

Palavras-chave: Flores de corte, exportação, participação mundial, tecnologia

ABSTRACT

The development of the flower growing and ornamental plants sector has attracted researchers from many fields of knowledge, mainly for its representativeness in terms of participation and profits in the world agribusiness scenario, thus it has emerged as one of the newest and most important sectors in potential.

Therefore, this study aimed to analyse the involvement of Brazilian exportations in cut-flowers; a player, that, in spite of the shy participation in the global market holds the possibility of increasing its production and involvement.

After identifying the main national producers in this market sector, this research focused on explaining the competitive power of Brazilian states in the process of production, after harvest and distribution of cut-flowers and, subsequently, comparing these states with international traders in order to verify if Brazil has already achieved a high level infrastructure or if improvements are still required. We verified that the little distribution and dissemination of advanced systems as the ones found in few Brazilian states, prove that the country, despite the existence of important production and trade centers, needs to support and diffuse to other regions and all over the chain high technology – here taken as fundamental to the improvement and expansion of our involvement in a global context.

Key-Words: cut-flowers, exportation, global involvement, technology

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
LISTA DE TABELAS.....	8
LISTA DE GRÁFICOS.....	9
LISTA DE FIGURAS.....	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 - O AGRONEGÓCIO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO MUNDO ...	11
1.2 - DADOS DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (TOTAL E FLORES DE CORTE)	12
1.2.1 - Importação dos Estados Unidos e principais parceiros.....	18
1.2.2 - Importação da Europa e principais parceiros.....	20
1.3 - DADOS DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS (TOTAL E FLORES DE CORTE) ...	23
1.3.1 - Exportações Europeias segundo a EUROSTAT.....	31
2. O AGRONEGÓCIO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL.....	33
3. DESCRIÇÃO DO PROBLEMA.....	36
4. JUSTIFICATIVA.....	38
5. OBJETIVO GERAL.....	40
6. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	40
7. REFERENCIAL TEÓRICO.....	41
7.1 - CADEIAS PRODUTIVAS.....	41
7.2 - INOVAÇÃO E A TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO.....	43
7.3 - TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO DO MERCADO DE FLORES.....	44
8. METODOLOGIA.....	51
9. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	54
9.1 - BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS.....	54
9.2 - PRINCIPAIS CONTINENTES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS EXPORTAÇÕES.....	62
9.3 - PRINCIPAIS PAÍSES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS EXPORTAÇÕES.....	63
9.4 - PRINCIPAIS CONTINENTES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS IMPORTAÇÕES.....	70
9.5 - PRINCIPAIS PAÍSES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS IMPORTAÇÕES.....	70
9.6 - PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS BRASILEIROS NO VALOR DAS EXPORTAÇÕES.....	81
9.7 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE FLORES DE CORTE.....	89
a) São Paulo:.....	94
b) Ceará:.....	97
c) Pernambuco:.....	104
10. CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	111
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICES.....	118

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Valor das importações de flores e plantas ornamentais pelos principais países*	14
TABELA 2: Valor das importações de flores de corte pelos principais países*	16
TABELA 3: Comparação das importações de flores de corte com o total dos principais países %	18
TABELA 4: Valor das importações americanas de flores e plantas ornamentais e principais países parceiros*	19
TABELA 5: Valor das importações de flores e plantas ornamentais pelos principais países*	21
TABELA 6: Valor das exportações de flores e plantas ornamentais pelos principais países fornecedores*	26
TABELA 7: Valor das exportações de flores de corte pelos principais países fornecedores*	29
TABELA 8: Comparação das exportações de flores de corte e do total dos principais países fornecedores %	31
TABELA 9: Valor das exportações de flores e plantas ornamentais pelos principais países fornecedores*	32
TABELA 10: Estimativa média do valor das vendas anuais e da participação relativa na agregação de valor, por segmentos da cadeia produtiva da floricultura no Brasil, 2007	35
TABELA 11: Relação entre o valor exportado de flores e plantas ornamentais do Brasil com o mundo e com os principais países exportadores (%)	54
TABELA 12: Balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais*	56
TABELA 13: Valor exportado dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais*	60
TABELA 14: Correlação da NCM SH-2002 com a NCM SH-2007*	60
TABELA 15: Valor exportado de flores e botões frescos de cortes p/buquês e ornamentações*	62
TABELA 16: Valor exportado de flores e plantas ornamentais para os principais continentes parceiros*	63
TABELA 17: Principais países parceiros comerciais das exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais*	65
TABELA 18: Participação do valor nas exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais dos países parceiros comerciais*	65
TABELA 19: Preço das exportações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*	66
TABELA 20: Principais países parceiros nas importações brasileiras de flores e plantas ornamentais*	72
TABELA 21: Preço das importações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*	73
TABELA 22: Valor importado dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais (US\$)	77
TABELA 23: Valor importado dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais (US\$)	77
TABELA 24: Principais produtos fornecidos pelos atuais parceiros comerciais do Brasil	78
TABELA 25: Principais produtos fornecidos pelos atuais parceiros comerciais do Brasil	79
TABELA 26: Participação das importações dos principais produtos da floricultura	80
TABELA 27: Principais pólos de produção de flores e plantas ornamentais no Brasil	81
TABELA 28: Estimativa da área cultivada com flores e plantas ornamentais no Brasil, por macro-regiões geográficas, em 2005	82
TABELA 29: Principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais (US\$)	84
TABELA 30: Crescimento dos principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais - % *	84
TABELA 31: Participação dos principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais - %	85
TABELA 32: Preço recebido pelos estados brasileiros exportadores dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais*	86
TABELA 33: Principais produtos importados pelos estados brasileiros - 2008	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Valor das importações de flores e plantas ornamentais pelos principais países*	14
Gráfico 2: Média de crescimento anual do valor importado de flores.....	15
e plantas ornamentais pelos principais países 1997 – 2007 (%)	15
Gráfico 3: Valor das importações de flores de corte pelos principais países *	16
Gráfico 4: Média de crescimento anual do valor importado de flores.....	17
de corte pelos principais países 1999 – 2007 (%).....	17
Gráfico 5: Valor das importações americanas de flores e plantas ornamentais e principais países parceiros*	19
Gráfico 6: Média de crescimento anual do valor importado de flores e plantas ornamentais pelos principais países 2001 – 2007 (%).....	22
Gráfico 7: Evolução anual do valor do preço importado de flores e plantas ornamentais pelos principais países.....	22
Gráfico 8: Valor das exportações de flores e plantas ornamentais pelos principais países fornecedores* 26	
Gráfico 9: Média de crescimento anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países 1997 – 2007 (%).....	27
Gráfico 10: Participação anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países (%).....	27
Gráfico 11: Evolução anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países – 1996 = 100.....	28
Gráfico 12: Valor das exportações de flores de corte pelos principais países fornecedores*	29
Gráfico 13: Média de crescimento anual do valor exportado de flores de corte pelos principais países 1999 – 2007 (%)	30
Gráfico 14: Evolução anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países – 2000 = 100.....	32
Gráfico 15: Evolução anual do valor do preço exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países.....	33
Gráfico 16: Comparação entre o valor exportado de flores e plantas ornamentais do Brasil com o mundo e com os principais países exportadores – %	55
Gráfico 17: Balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais	56
Gráfico 18: Crescimento da balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais – 1997 a 2008 (%).....	57
Gráfico 19: Evolução da balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais.....	57
Gráfico 20: Evolução do preço da balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais	58
Gráfico 21: Crescimento geométrico dos principais países parceiros nas importações brasileiras de flores e plantas ornamentais -1996 – 2008 (%).....	72
Gráfico 22: Participação dos principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais – 2008	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Principais países importadores de flores e plantas ornamentais no mundo	12
Figura 2: Principais países exportadores de flores e plantas ornamentais no mundo	24
Figura 3: Modelo simplificado da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no Brasil.....	92
Figura 4: Mapa dos principais estados produtores de flores e plantas ornamentais no Brasil.....	93
Figura 5: Mapa dos principais pólos de produção de flores em SP	95
Figura 6: Mapa dos principais pólos de produção de flores no CE	97
Figura 7: Mapa dos principais pólos de produção de flores em PE	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGROPÓLOS: Instituto Agropólos do Ceará

ALICEWEB: Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior

CEASA/PE: Centro de Abastecimento Alimentar de Pernambuco

CNAE: Classificação Nacional de Atividade Econômica

COMTRADE: Commodity Trade Statistic Database - United Nations

BNB: Banco do Nordeste do Brasil

BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EUROSTAT (EXPORT HELPDESK): Estatística de Comércio da União Européia

IBRAFLORE: Instituto Brasileiro de Floricultura

MDIC: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MTE: Ministério do Trabalho e Emprego

RAIS: Relação Anual de Informações Sociais

RECIFLOR: Feira de Flores e Plantas da CEASA/PE

SECEX: Secretaria de Comércio Exterior

USDA: United States Department Of Agriculture

UFPE: Universidade Federal de Pernambuco

UFRPE: Universidade Federal Rural de Pernambuco

1. INTRODUÇÃO

1.1 - O AGRONEGÓCIO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO MUNDO

No cenário internacional, a floricultura constitui-se em uma atividade do setor agrícola, sendo denominada de horticultura ornamental, uma vez que o seu processo produtivo tem semelhança ao das hortaliças e das plantas medicinais. As lavouras da floricultura não são identificadas normalmente entre as principais *commodities* agrícolas como a soja, milho, algodão, etc., porque não são exploradas como alimentos ou usadas para processamento alimentar. Portanto, a demanda e a oferta de produtos florais tendem a diferenciar-se dos produtos agrícolas comestíveis (OLIVEIRA e BRAINER, 2007).

O setor de Flores e Plantas Ornamentais pode ser considerado como um dos mais promissores e importantes segmentos do agronegócio mundial. Além de gerar recursos e divisas para um país, região metropolitana, estado, município ou no âmbito local, a cultura começa também a se preocupar com outros fatores que até pouco tempo não eram considerados importantes, como a questão ambiental (preservação das matas ciliares, uso racional de defensivos agrícolas e manejo do solo) e social (principalmente pela expansividade do número de mão-de-obra e pela promoção da fixação do homem no campo).

Segundo Lima (2005), o setor mundial de flores e plantas ornamentais movimentava valores próximos a US\$ 16 bilhões por ano na produção e cerca de US\$ 44 bilhões por ano no varejo, crescendo em torno de 10% ao ano durante a última década do Século XX.

Oliveira e Brainer (2007) informam que a área cultivada mundialmente gira em torno de 424 mil hectares, enquanto que na produção o valor bruto gerado ficou em torno de US\$ 35 bilhões no ano de 2005, afirmando ainda que a atividade como um todo movimentava US\$ 100 bilhões anuais. Os Estados Unidos, Holanda e Japão

controlam na produção aproximadamente 50% do valor e 20% da área em todo o mundo. O Canadá é o país que possui a maior superfície a ser explorada, com 96.172 ha, seguido pela China (80.000 ha), Índia (65.000 ha), Japão (45.000 ha), Estados Unidos (23.133 ha), Taiwan (9.314 ha), Brasil (8.500 ha), Holanda (8.500 ha), México (8.416 ha), entre outros. O consumo mundial em 2000 ficou em torno de 77 bilhões de dólares, e com a expansão das economias emergentes, esse consumo foi estimado em 100 bilhões de dólares em 2005. A magnitude de recursos e valores gerados propicia ao segmento uma característica de dinamicidade bastante elevada, o que permite dizer que é um dos mais novos e ativos setores do agronegócio mundial.

1.2 - DADOS DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (TOTAL E FLORES DE CORTE)

Todo o comércio de flores e plantas ornamentais está concentrado principalmente na União Européia, Estados Unidos e Japão, que consomem praticamente toda a produção mundial. Na América Latina temos a Colômbia, Equador e Costa Rica como grandes exportadores e na Ásia, a China, que se configura como um futuro e potencial consumidor do produto (Figura 1).

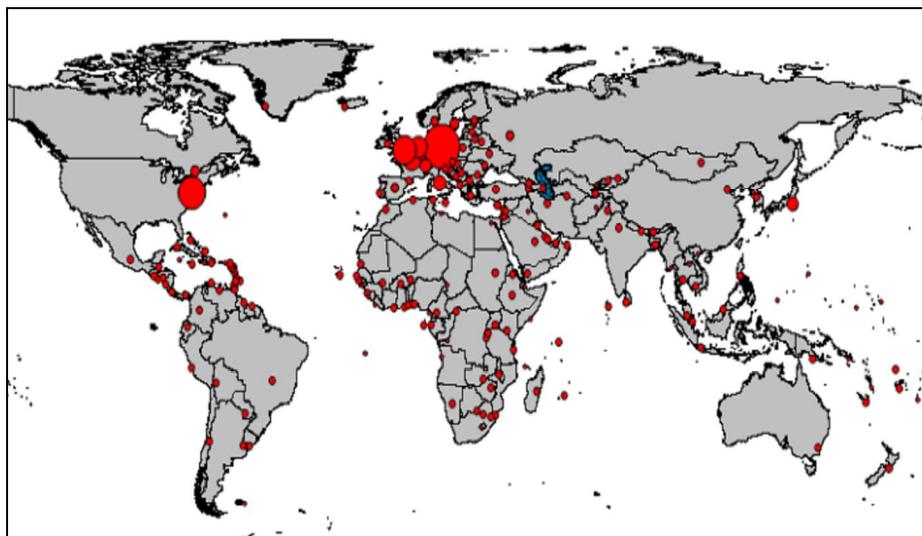


Figura 1 - Principais países importadores de flores e plantas ornamentais no mundo
Fonte: COMTRADE - 2009

Dados do COMTRADE¹ (tabelas e gráficos) mostram o atual quadro de países que adquirem e consomem flores e plantas ornamentais, destacando como principais importadores desses produtos da floricultura mundial a Alemanha, maior consumidora da comunidade europeia, seguida pelos EUA, Inglaterra, França e Holanda (tabela 1). Esses cinco principais países chegaram a consumir, aproximadamente, US\$ 81 bilhões no período que vai de 1996 a 2007 (ou 61,4% do valor importado), sendo US\$ 30 bilhões a mais que a soma dos outros países importadores. Em 2007, esses países consumiram US\$ 9,3 bilhões, o que equivale a 56,8% de participação na importação mundial. A relevância desses parceiros no consumo mundial demonstra que os principais mercados estão concentrados basicamente na Europa e EUA. Já o país que mais cresceu no valor importado anual desde 1996 foi a Inglaterra, que obteve um crescimento médio de 10,0%, seguido pela Holanda (7,4%), França (5,2%) e EUA, com 4,7%. Em termos de participação, a Alemanha, apesar de grande consumidora do comércio mundial e de manter ainda, desde 1997, uma média de consumo que gira em torno de US\$ 2,1 bilhões, cai consideravelmente de 26% em 1996 para 15,9% em 2007. O destaque neste segmento fica com a Inglaterra (país que obteve a melhor evolução dentre os demais), pulando de 8,0% para 11,6% de participação no mesmo período de 12 anos e já passa a partir de 2006 os EUA, que diminuiu a sua participação de 13% para 11,1%. A forte concentração da importação do consumo de flores e plantas ornamentais na Europa permite identificar, de forma isolada, que o continente configura-se ainda como um forte mercado para os atuais e futuros exportadores desse produto.

Mas uma outra visão importante é a de que o segmento “Outros Países” também aumenta significativamente a sua inserção no comércio mundial de flores e plantas ornamentais, uma vez que a sua participação passa de 34,6% para 43,2%, com crescimento médio nesse período de 8,4%, afetando consideravelmente o total importado no mundo (que obteve um crescimento médio de 6,2% no período de 1996 a 2007), demonstrando, portanto, que existe uma importante modificação do mapa da distribuição de flores e plantas ornamentais, onde outros atores já aparecem adquirindo

¹ Commodity Trade Statistic Database - United Nations

também o produto e que, de uma certa forma, permite identificar que o consumo mundial tende a uma ligeira realocação como também um forte crescimento nos próximos anos.

TABELA 1
Valor das importações de flores e plantas ornamentais pelos principais países*

ANO	Alemanha	Inglaterra	EUA	Holanda	França	Outros países	TOTAL
1996	2.223,9	686,1	1.106,5	716,6	850,6	2.956,5	8.540,2
1997	2.058,6	792,2	1.191,3	756,4	816,3	3.117,8	8.732,6
1998	2.188,5	872,9	1.262,4	765,5	888,5	3.113,3	9.091,0
1999	2.024,5	877,6	1.281,2	793,9	891,0	3.296,2	9.164,4
2000	1.463,7	877,3	1.362,0	819,2	833,7	3.280,7	8.636,6
2001	1.670,3	962,7	1.342,6	801,1	790,5	3.370,3	8.937,4
2002	1.840,5	1.256,1	1.321,0	905,1	909,3	3.738,9	9.970,8
2003	2.008,8	1.435,1	1.454,3	1.053,1	1.119,2	4.366,9	11.437,4
2004	2.230,6	1.577,4	1.607,2	1.135,0	1.263,7	5.056,2	12.870,2
2005	2.494,8	1.603,8	1.631,0	1.176,0	1.274,0	5.525,0	13.704,6
2006	2.472,5	1.661,3	1.721,5	1.308,7	1.321,4	6.010,0	14.495,5
2007	2.585,5	1.891,0	1.813,4	1.543,3	1.429,3	7.047,7	16.310,2
TOTAL	25.262,1	14.493,5	17.094,4	11.773,8	12.387,5	50.879,6	131.890,9

Fonte: COMTRADE – 2009

* milhões US\$

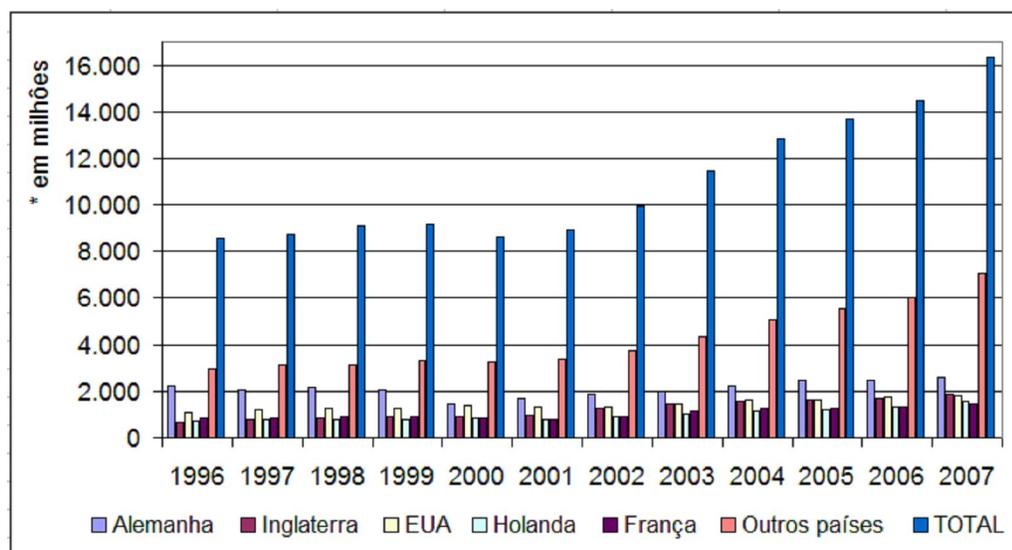


Gráfico 1: Valor das importações de flores e plantas ornamentais pelos principais países*

Fonte: COMTRADE - 2009

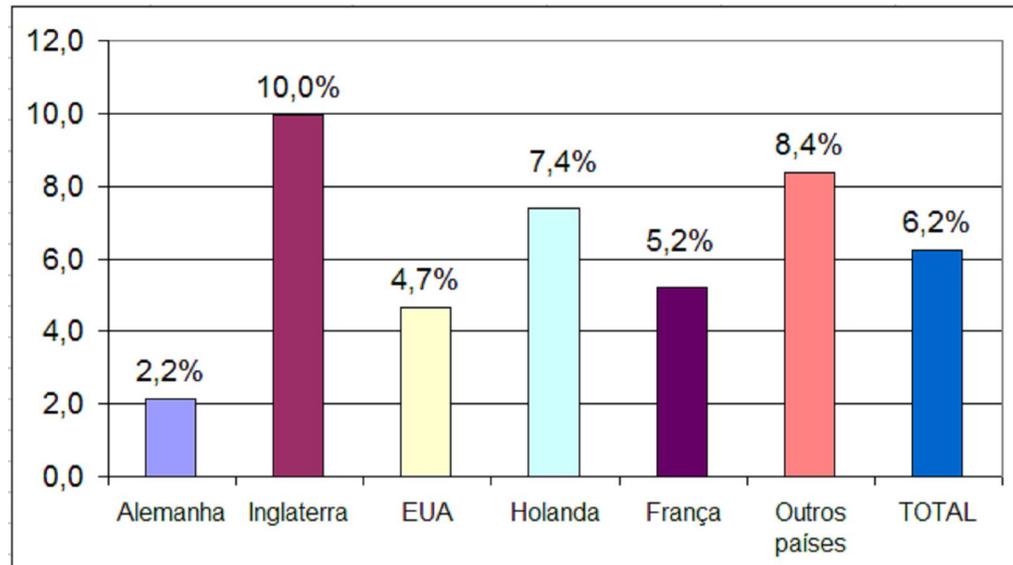


Gráfico 2: Média de crescimento anual do valor importado de flores e plantas ornamentais pelos principais países 1997 – 2007 (%)

Fonte: COMTRADE - 2009

Em relação às importações mundiais de flores de corte percebe-se uma ligeira troca de posição entre os principais países que consomem esse tipo de produto. A Inglaterra, segunda colocada no consumo total de flores e plantas ornamentais em 2006, importou em 2007 cerca de US\$ 1,13 milhão em flores de corte, tirando a primeira colocação e passando a Alemanha nesse ano cujo valor foi de US\$ 1,1 milhão (tabela 2). Próximos a eles estão os EUA que consumiram aproximadamente US\$ 1,05 milhão. Esses países são os únicos que ultrapassaram a casa do bilhão importado. Destaca-se também a Holanda e a França que consumiram respectivamente US\$ 672,4 e US\$ 521,5 mil em flores de corte. A expansão mais relevante nos últimos anos (1999 a 2007) foi da Inglaterra, cujo crescimento médio nesse período foi de 10,4%. O país participou com 16,1% de todo valor importado em 2007, a Alemanha 15,6% e os EUA 14,8%. A Holanda também obteve um importante crescimento nas suas importações de flores de corte, cerca de 7,1% desde 1999. O segmento “Outros países” (crescimento médio de 10,5% e participação de 36,6%) demonstra o interesse de vários países pelo segmento de flores de corte, fazendo com que outros importadores possam se tornar futuros parceiros comerciais do Brasil desses produtos.

TABELA 2
Valor das importações de flores de corte pelos principais países*

ANO	Inglaterra	Alemanha	EUA	Holanda	França	Outros Países	TOTAL
1999	531,5	948,0	734,9	392,3	415,8	1.178,3	4.200,7
2000	542,3	719,7	770,8	424,7	382,3	1.176,4	4.016,2
2001	592,2	802,0	715,8	414,6	364,4	1.184,7	4.073,5
2002	799,9	830,1	684,0	440,3	408,2	1.235,3	4.397,9
2003	910,1	850,5	768,5	477,5	482,5	1.421,5	4.910,7
2004	978,2	975,9	887,0	497,7	511,2	1.676,1	5.526,1
2005	957,4	1.086,9	906,0	535,6	517,1	1.893,4	5.896,3
2006	1.004,9	1.089,5	980,2	590,8	520,8	2.126,7	6.313,0
2007	1.133,9	1.102,2	1.043,6	672,4	521,5	2.577,4	7.051,0
TOTAL	7.450,3	8.404,9	7.490,7	4.445,8	4.123,9	14.469,8	46.385,3

Fonte: COMTRADE – 2009

* milhões US\$

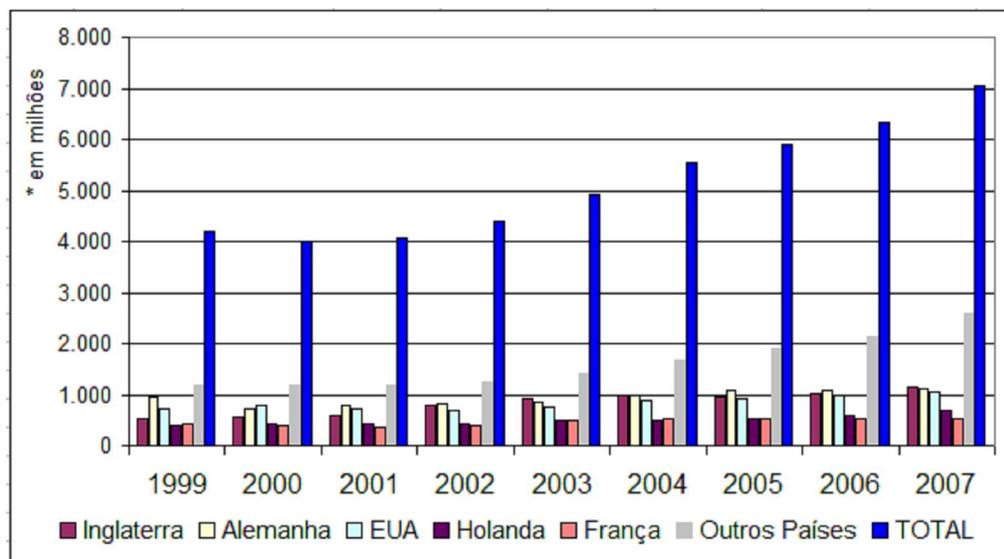


Gráfico 3: Valor das importações de flores de corte pelos principais países *

Fonte: COMTRADE - 2009

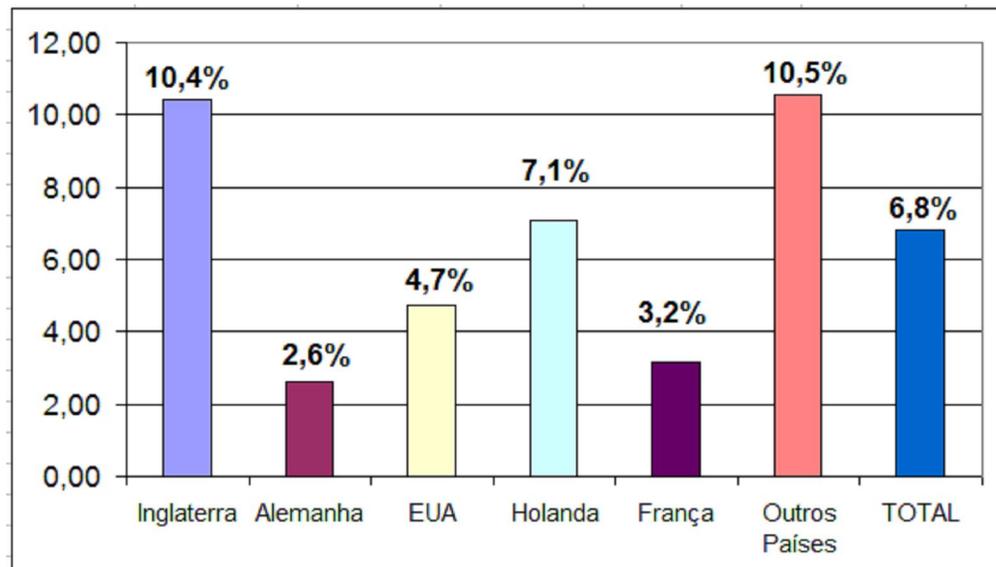


Gráfico 4: Média de crescimento anual do valor importado de flores de corte pelos principais países 1999 – 2007 (%)
 Fonte: COMTRADE - 2009

Comparando os tipos de produtos que são importados pelos países, podemos identificar quais são as necessidades de cada mercado e apontar para o Brasil quais importadores seriam fundamentais e estratégicos para o escoamento da nossa produção de flores de corte. Na tabela 3, baseado nas informações do COMTRADE, a Inglaterra é o país que mais importa flores de corte quando comparado com o total consumido por esse país em relação aos produtos da floricultura. A participação desse tipo de produto no país chegou a 60% do total importado em 2007. A Holanda (pelo mercado gigantesco que é atualmente) chega a consumir 43,6% aproximadamente de tudo que importa em flores de corte. Os EUA importam mais de cinquenta por cento em flores de corte (57,5%) e nesse caso podemos presumir que a Colômbia (principal exportador para esse país) está faturando bastante com as importações dos americanos em relação aos produtos de flores de corte. A Alemanha continua consumindo na casa dos quarenta por cento e a França, por sua vez, demonstra que está consumindo menos as flores de corte, fazendo cair de 46,7% em 1999 para 36,5% em 2007 a participação desse segmento. No mundo, o total consumido de flores de corte por todos os países quando comparado com o que é importado pelo segmento floricultura chegou a 43,2% em 2007, fazendo com que esse tipo de segmento se torne

muito comercializado e atraente para àqueles que possuem capacidade de se tornar grandes exportadores.

TABELA 3
Comparação das importações de flores de corte com o total dos principais países %

ANO	Inglaterra	Alemanha	EUA	Holanda	França	Outros Países	MUNDO
1999	60,6	46,8	57,4	49,4	46,7	35,7	45,8
2000	61,8	49,2	56,6	51,8	45,9	35,9	46,5
2001	61,5	48,0	53,3	51,8	46,1	35,2	45,6
2002	63,7	45,1	51,8	48,6	44,9	33,0	44,1
2003	63,4	42,3	52,8	45,3	43,1	32,6	42,9
2004	62,0	43,8	55,2	43,8	40,5	33,1	42,9
2005	59,7	43,6	55,5	45,5	40,6	34,3	43,0
2006	60,5	44,1	56,9	45,1	39,4	35,4	43,6
2007	60,0	42,6	57,5	43,6	36,5	36,6	43,2

Fonte: COMTRADE – 2009

1.2.1 - Importação dos Estados Unidos e principais parceiros

Terceiro maior importador em valor de flores e plantas ornamentais, conforme dados do COMTRADE, os Estados Unidos segue participando ativamente no consumo mundial desse tipo de produto e concorrendo fortemente com os principais países Europeus neste segmento; e são do continente americano os dois principais parceiros comerciais que exportam flores e plantas ornamentais para o país. Segundo a USDA (United States Department Of Agriculture), Colômbia, Canadá, primeiro e segundo países fornecedores do produto, respectivamente, seguidos pela Holanda e Equador (outro país do continente), são atualmente os principais exportadores e principais parceiros comerciais dos Estados Unidos neste tipo de comércio (Tabela 4). Juntos, esses países participaram em 2008 com 78,8% do valor que os EUA importa, o equivalente a US\$ 1,16 bilhão, aproximadamente. A Colômbia, país de maior participação, faturou no ano de 2008 US\$ 515,6 milhões, com decréscimo em torno de 0,7% em relação a 2007 e uma média de 4,1% nos últimos dez anos. Equador é o país que mais cresceu na média, com 4,7%, apesar de faturar um pouco mais da metade do que arrecadou a Holanda no total em 2008 (US\$ 237,0 milhões), terceiro principal país exportador. O segmento “Outros países” começa a aparecer no mercado norte-americano, setor que obteve a maior expansão na última década, com 6,4%. Na participação anual, o segmento já ultrapassa o Canadá e a Holanda. Em termos de evolução, os dados mostram também que o segmento “Outros países” se destaca

fortemente como o setor de maior crescimento nos últimos dez anos, bem como uma evolução considerável desde 1998. A importância desses dados acerca do crescimento do faturamento anual demonstra que a importação dos EUA não se limita mais a poucos parceiros, permitindo a visualização da existência de outras janelas de mercado e que podem ser utilizadas pelos futuros e novos exportadores, fazendo com que o país cresça em valor importado ajudado principalmente pelos atuais como também pelos promissores parceiros comerciais. Observa-se na tabela 4 que a crise mundial afetou as importações dos americanos em relação aos produtos da floricultura no ano de 2008. Todos os países parceiros tiveram queda nas suas exportações para os EUA.

TABELA 4
Valor das importações americanas de flores e plantas ornamentais e principais países parceiros*

ANO	Colômbia	Canadá	Holanda	Equador	Outros países	Total Mundo
1998	362,7	229,3	226,8	90,2	170,5	1079,4
1999	345,2	249,8	229,4	92,3	183,2	1100,0
2000	349,0	282,7	230,2	89,3	207,9	1159,0
2001	306,4	310,9	224,2	99,8	209,0	1150,3
2002	293,4	315,3	222,0	87,4	214,1	1132,2
2003	347,5	329,7	231,5	106,0	234,3	1249,1
2004	421,2	333,6	249,9	134,5	238,4	1377,6
2005	424,7	304,2	250,1	129,6	274,4	1382,9
2006	455,4	298,9	257,8	141,7	303,2	1457,0
2007	519,3	303,6	258,3	145,6	322,6	1549,2
2008	515,6	271,2	237,0	134,3	312,0	1470,1

Fonte: USDA – 2009

* milhões US\$

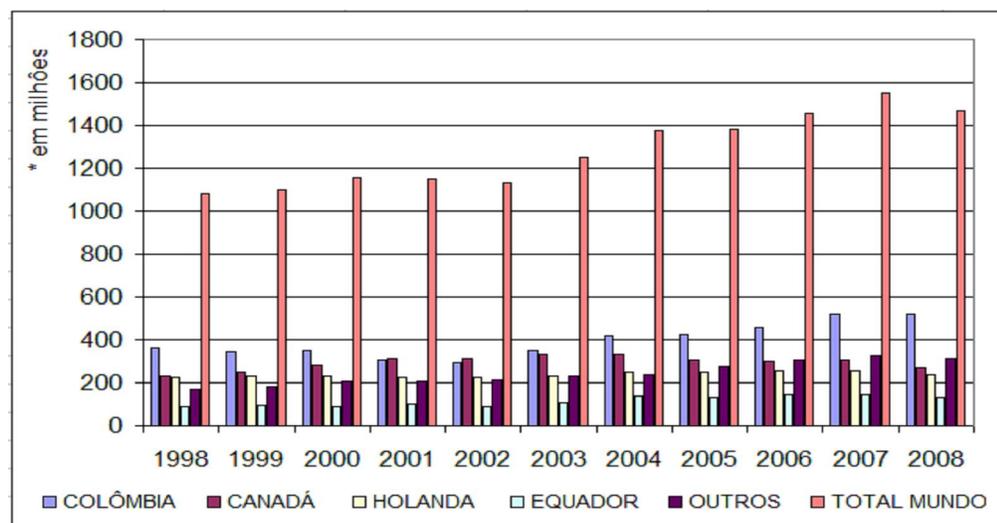


Gráfico 5: Valor das importações americanas de flores e plantas ornamentais e principais países parceiros*

Fonte: USDA - 2009

1.2.2 - Importação da Europa e principais parceiros

A Europa, principal continente importador de flores e plantas ornamentais, possui os principais países que mais adquirem esse tipo de produto. Vários são os parceiros comerciais que distribuem as flores para o continente, dentre eles a própria Holanda, que detêm o primeiro lugar na distribuição e comercialização INTRA UE27² (reexportação). Levando em consideração às importações EXTRA UE27 (países que exportam para a Europa), temos o Quênia, principal fornecedor externo, seguido por Israel, Colômbia, Equador, Estados Unidos e Costa Rica. Em 2007, esses países participaram com aproximadamente 61,8% do que consome a Europa dentre os vários parceiros comerciais que vendem seus produtos para o continente. Nos últimos oito anos, o total importado INTRA UE27 (comércio que é realizado internamente) pelo continente europeu chegou próximo aos EUR 65 bilhões, média de EUR 8 bilhões anuais. Esse valor em volume equivale a aproximadamente 2,7 milhões de toneladas anuais. Em relação às importações EXTRA UE27, o valor consumido pelos países europeus chegou próximo aos EUR 10,2 bilhões, média anual de EUR 1,3 bilhão. Em volume comercializado equivale a aproximadamente 400 mil toneladas anuais.

Segundo a EUROSTAT (Estatística de Comércio da União Européia), a Alemanha é o país que mais importa no continente europeu, chegando a consumir quase duas vezes mais que a Inglaterra em 2007, segunda colocada. Esses dois países mais a França, foram os únicos a passar da casa do bilhão em consumo (tabela 5). Outros como a Itália, Holanda e a Bélgica, localizam-se na 4^o, 5^o e 6^o posições, respectivamente. Em termos de crescimento médio todos os países tiveram expansão no valor consumido, apenas a Alemanha, que na média de 8 anos analisados, teve uma queda de 1,4%, perdendo também em participação no total, bem como sendo o único país que menos evoluiu. O destaque vai para a Inglaterra que cresceu 4,8%, passando a França (2,7%) definitivamente a partir de 2005. O segmento “Outros países” cresceu significativamente 11%, tanto é que nos outros dados analisados, o de participação e

² A modalidade EUR 27 fornece estatísticas de comércio para toda a UE (e para cada um dos 27 Estados-Membros).

evolução, esse segmento também se destaca, demonstrando que a Europa possui, dentre àqueles que já são destaques, vários países que são potenciais importadores de flores e plantas ornamentais.

Outro dado significativo e muito importante para análise dos países que poderão ser possíveis parceiros comerciais, se refere ao preço pago pela importação dos produtos da floricultura. Dividindo aquilo que se importou em valores com o volume em quilogramas, temos uma idéia interessante de quanto os principais países estão pagando anualmente no mercado internacional. A Inglaterra é o país que pagou mais caro em 2007 com EUR 6,2 por quilograma importado, como também se torna o parceiro comercial que mais pagou na média dos últimos oito anos (EUR 4,9). A Holanda por sua vez é o país que mais barato paga pela importação e o único abaixo de EUR 1,5, com um preço médio de EUR 1,3.

TABELA 5
Valor das importações de flores e plantas ornamentais pelos principais países*

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Alemanha	2.713	2.603	2.565	2.546	2.656	2.558	2.512	2.452
Inglaterra (Reino Unido)	1.057	1.100	1.293	1.228	1.296	1.393	1.465	1.445
França	1.166	1.171	1.215	1.253	1.311	1.288	1.364	1.398
Itália	438	462	470	540	521	531	561	575
Holanda (Países Baixos)	356	357	387	386	394	415	440	478
Bélgica	320	326	371	378	390	387	408	378
Suécia	220	218	211	240	266	309	307	291
Áustria	246	280	281	268	270	289	307	290
Espanha	170	175	196	202	199	228	232	272
Dinamarca	154	167	167	183	204	248	255	257
Polônia	72	89	94	89	90	123	148	206
Irlanda	71	77	96	98	102	116	141	164
Portugal	78	95	90	91	87	84	91	98
Outros	281	319	332	334	363	438	472	575
TOTAL	7.340	7.439	7.768	7.836	8.149	8.406	8.702	8.880

Fonte: EUROSTAT – 2008

* milhões EUR

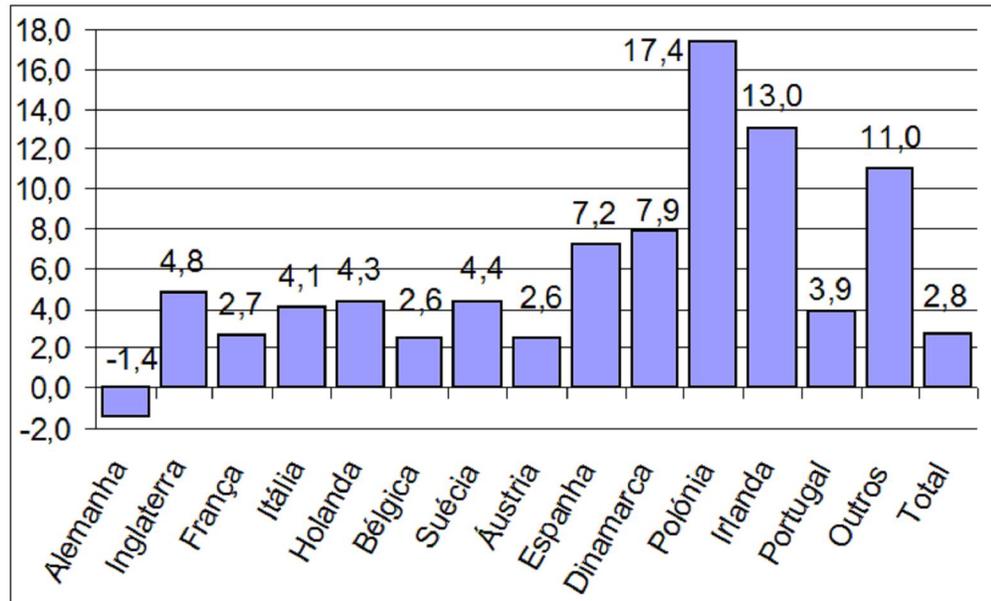


Gráfico 6: Média de crescimento anual do valor importado de flores e plantas ornamentais pelos principais países 2001 – 2007 (%)
 Fonte: EUROSTAT - 2008

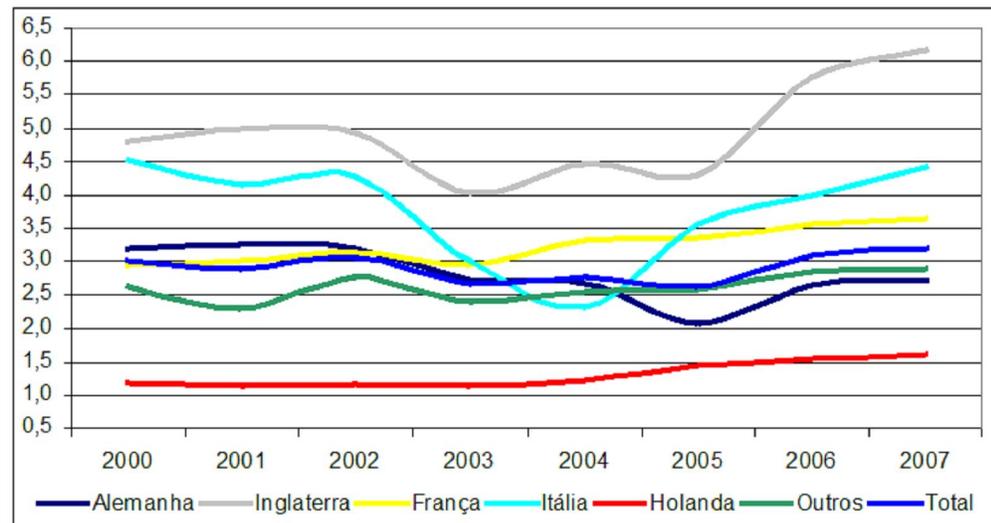


Gráfico 7: Evolução anual do valor do preço importado de flores e plantas ornamentais pelos principais países
 Fonte: EUROSTAT - 2008

1.3 - DADOS DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS (TOTAL E FLORES DE CORTE)

Vários são os países que produzem flores e plantas ornamentais, sendo alguns com uma inserção significativa de tecnologia na cadeia produtiva e outros com pouca ou mesmo nenhuma utilização. A Holanda, país de pouca capacidade territorial e clima desfavorável para alguns tipos de flores, é a detentora dos melhores níveis tecnológicos adotados nos diversos estágios em toda a sua cadeia produtiva, servindo de referência e exemplo para todo o mundo. O país domina as práticas de melhoramentos genéticos, utiliza racionalmente agrotóxicos e pesticidas na busca de conservação do meio ambiente, aplica vultosos investimentos em pesquisa de novas tecnologias de produção, usa as melhores e mais modernas tecnologias de pós-colheita, o sistema *Veiling* de comercialização eletrônica é um dos mais modernos do mundo como também tem o total domínio da logística de distribuição mantendo com eficiência a manutenção da cadeia do frio. É justamente esse diferencial de competitividade frente aos outros concorrentes que torna o país o principal produtor e exportador mundial de flores e plantas ornamentais, enquanto que a Europa sozinha importa 75% do consumo mundial.

Outros países também são grandes detentores de altos níveis de tecnologia em sua cadeia produtiva. A Colômbia, por exemplo, um dos maiores concorrentes mundiais, tem praticamente toda a sua produção conduzida para o mercado externo, onde é detentora dos melhores níveis de tecnologia na parte de marketing, arranjos florais e estética dos seus produtos. A Costa Rica e a Nicarágua têm altos conhecimentos técnicos sobre tecnologias de pós-colheita, padronização, classificação e embalagem, como também sobre logística de distribuição internacional. O nível de produção de rosas do Equador já pode se equiparar à da Colômbia. Na Austrália, programas de hibridação permitem aos produtores aumentar a oferta de novas variedades para exportação. Além desses países, Peru, Itália, Chile, México, Dinamarca, Israel, Quênia, África do Sul podem ser considerados também como grandes produtores e exportadores de flores e plantas ornamentais (figura 2). O Brasil participa atualmente com 0,21% de todo o mercado exportador. Praticamente toda a sua produção é consumida no mercado interno.

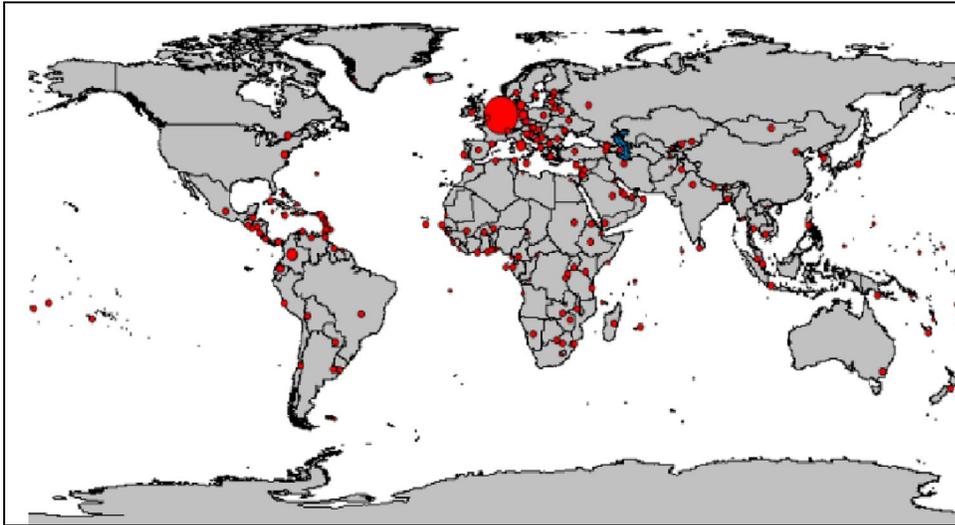


Figura 2 - Principais países exportadores de flores e plantas ornamentais no mundo
Fonte: COMTRADE - 2009

Os dados do COMTRADE sobre as exportações mundiais de flores e plantas ornamentais nos permite identificar com clareza quais os países que participam ativamente desse comércio como também mostram a intensidade com que distribuem seus produtos para todo o mundo. O valor comercializado anualmente por eles é muito expressivo e os dados coletados nos dá uma idéia clara do que o mercado proporciona de riqueza para esses fornecedores. Outras informações relevantes acerca do valor das exportações também podem ser extraídas, como a identificação do tipo de negócio que executa, uma vez que alguns deles são grandes importadores, exportadores (relativa a produção interna) e reexportadores (adquirem produtos de outros parceiros para posteriormente exportar), como por exemplo a Holanda; e informações de como esses países, por serem fortes concorrentes, se comportam em determinado mercado com seus parceiros. As informações que podem se tornar estratégicas para determinado concorrente pode servir também, por exemplo, de base para determinadas políticas de incentivos às exportações, uma vez que os dados apresentados pelos órgãos de pesquisa podem possibilitar o direcionamento correto de um determinado país vir a ser futuro parceiro comercial de um outro.

A Holanda, referência em todo o mundo no mercado de flores e plantas ornamentais, chegou a exportar, segundo os dados da COMTRADE, mais da metade

do que exportaram juntos todos os outros países no ano de 2007. A sua participação na riqueza gerada pelas exportações ficou em torno de 50,6%, aproximadamente US\$ 8,56 bilhões, ou seja, é atualmente o único país, junto com a Colômbia, que consegue ultrapassar e com folga a casa do bilhão (tabela 6). O seu crescimento médio desde 1996 ficou em torno de 6,6% e a sua participação em relação ao total recupera uma baixa identificada em 1997, aumentando a partir do ano de 2003. A sua evolução é ascendente a partir de 2002, recuperando-se do desempenho fraco em relação a ele mesmo na década de 90.

Vários países também são grande exportadores como a Colômbia (tem como principal mercado os Estados Unidos), a Itália, Bélgica, Dinamarca e Alemanha. Vistos separadamente os dados, podemos perceber que alguns desses países tiveram avanços significativos de crescimento e evolução de suas exportações. A Alemanha por exemplo, obteve um crescimento médio de 10,2% entre os anos de 1997 e 2007, mas não foi suficiente para passar a Dinamarca, cujo crescimento foi de 2,7%. A Colômbia, segundo melhor dado de crescimento médio, ficou com 7,6%, e já passa da casa do bilhão comercializado no ano de 2007. A Itália cresceu 6,0% e a Dinamarca não apresenta um bom desempenho, apesar de positivo, no crescimento médio de suas exportações (2,7%). Um bom exemplo da entrada de novos exportadores ou de novos entrantes, é o bom desempenho do segmento “Outros países”, que consegue expandir-se em 11,9%, obtendo também o melhor resultado na análise da evolução (gráfico 11), demonstrando que existem outros possíveis e futuros distribuidores de flores e plantas ornamentais espalhados no mundo.

No gráfico 10, os dados demonstrados permitem avaliar claramente como a Holanda influencia o mercado internacional. Na participação dos países incluídos em “outros países”, o que percebe-se é que os dados são inversamente proporcionais em relação aos dois agentes. Enquanto a Holanda cai no valor a partir de 1998, o setor “outros países” ganha em participação, ou seja, no período em que a Holanda diminui a sua participação em relação ao total, e de “outros países” aumenta, portanto, a Holanda quando não consegue suprir totalmente os seus clientes, seja na diminuição de sua

produção, seja na diminuição de suas importações para posteriormente reexportá-las, os outros países que fazem parte desse segmento conseguem entrar na janela de mercado deixado por ela, ou então, começa a existir uma busca ou uma mudança de atitude dos atuais importadores por produtos desses novos e promissores fornecedores de flores e plantas ornamentais.

TABELA 6
Valor das exportações de flores e plantas ornamentais pelos principais países fornecedores*

ANO	Holanda	Colômbia	Itália	Bélgica	Dinamarca	Alemanha	Outros países	TOTAL
1996	4.566	515	457	347	495	224	1.451	8.055
1997	3.904	552	435	343	482	211	1.345	7.272
1998	3.927	561	461	355	468	229	2.103	8.103
1999	4.341	554	488	380	450	225	2.271	8.709
2000	4.087	586	455	364	416	208	2.310	8.426
2001	3.927	614	445	388	424	241	2.454	8.493
2002	4.478	674	502	430	481	301	2.702	9.568
2003	5.965	684	580	532	564	368	2.980	11.674
2004	6.546	706	706	613	565	401	3.343	12.880
2005	6.688	910	697	620	510	473	3.615	13.513
2006	7.290	972	736	626	611	540	4.714	15.489
2007	8.559	1.120	835	705	634	619	4.448	16.920
TOTAL	64.278	8.450	6.794	5.704	6.099	4.040	33.737	129.103

Fonte: COMTRADE – 2009

* milhões US\$

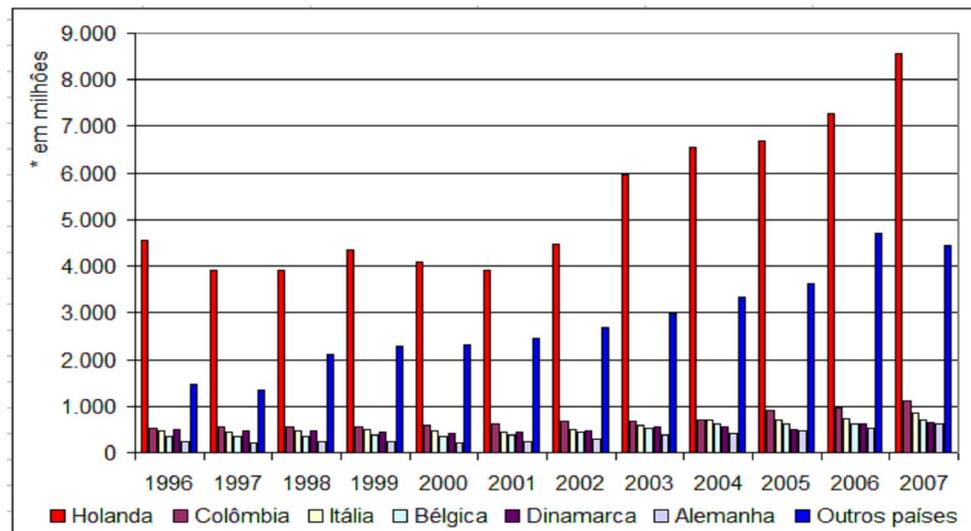


Gráfico 8: Valor das exportações de flores e plantas ornamentais pelos principais países fornecedores*

Fonte: COMTRADE – 2009

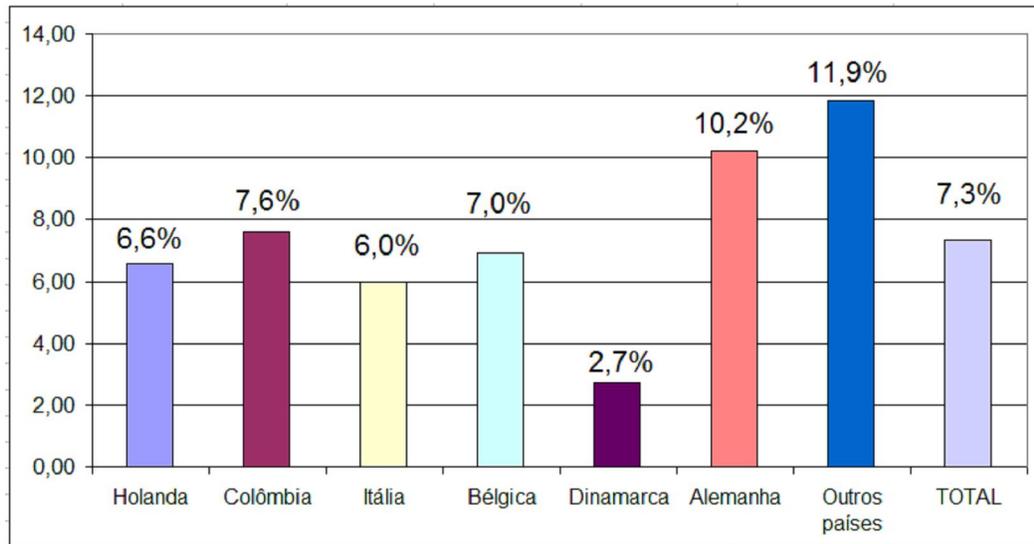


Gráfico 9: Média de crescimento anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países 1997 – 2007 (%)

Fonte: COMTRADE - 2009

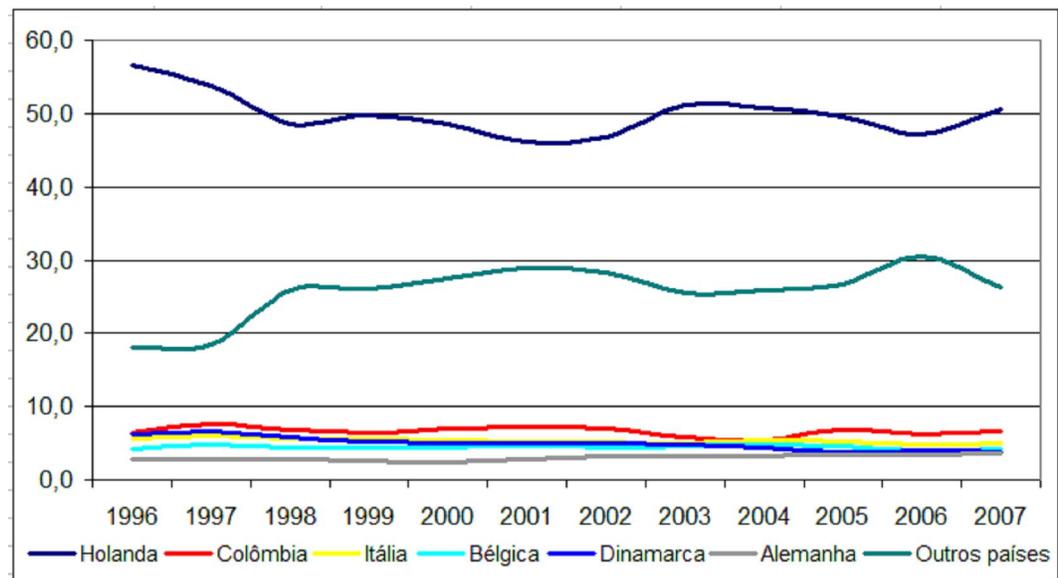


Gráfico 10: Participação anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países (%)

Fonte: COMTRADE - 2009

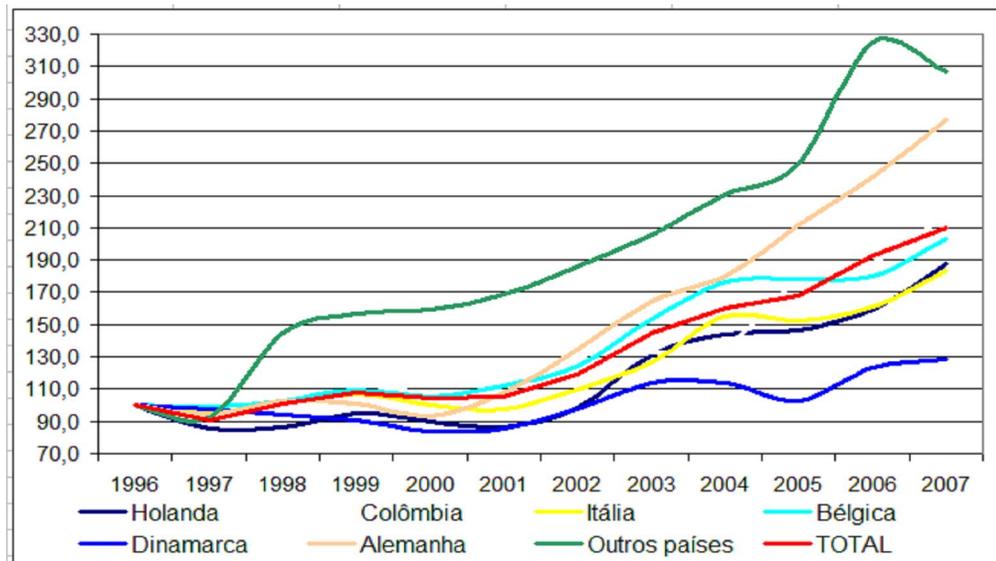


Gráfico 11: Evolução anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países – 1996 = 100
Fonte: COMTRADE - 2009

Com relação às exportações de flores de corte pelos principais países, a Holanda é disparado o principal distribuidor desse produto no mundo, com valores próximos a US\$ 3,95 bilhões no ano de 2007 (tabela 7). Em seguida, ainda na casa do bilhão exportado, está a Colômbia que faturou aproximadamente US\$ 1,12 bilhão. Configuram-se também como grandes exportadores o Equador, o Quênia e o Zimbábue. Na média do crescimento (1999 a 2007) o Quênia foi o país que obteve o melhor desempenho nos últimos nove anos, com 20,4% de expansão. Equador, Colômbia e a Holanda cresceram 12,0%, 9,5% e 8,2% respectivamente (gráfico 13). Em termos de proporção, o crescimento da Holanda, apesar de ter sido o menor entre os países, representa muito em valores, uma vez que a sua participação no mercado internacional de flores de corte em 2007 foi de 55,6%, ou seja, mais da metade de tudo que é comercializado no mundo. O aumento do segmento “outros países” permite identificar também que ocorre uma distribuição de países que exportam flores de corte no mundo e conseqüentemente de importantes produtores que se voltam para o mercado externo. Tudo isso possibilita a mudança da escolha por parte dos consumidores dos países que se configuram atualmente como grandes exportadores mundiais. Estão incluídos nesse segmento a Itália (US\$ 92 milhões), a Bélgica (US\$

87,3 milhões), Israel (US\$ 83 milhões), a Índia (US\$ 80,5 milhões), a Tailândia (US\$ 79,2 milhões), os EUA (US\$ 73,1 milhões) e a Etiópia, que exportou em 2007 aproximadamente US\$ 69 milhões em flores de corte.

TABELA 7
Valor das exportações de flores de corte pelos principais países fornecedores*

ANO	Holanda	Colômbia	Equador	Quênia	Zimbabwe	Outros Países	TOTAL
1999	2.187,8	550,4	180,4	90,4	0,0	876,5	3.885,4
2000	2.084,2	583,6	155,6	91,0	0,0	856,6	3.771,0
2001	1.968,8	610,3	229,3	134,6	0,0	817,9	3.760,9
2002	2.152,6	672,6	290,2	99,6	0,0	894,6	4.109,6
2003	2.815,5	682,3	295,2	176,0	0,0	903,1	4.872,2
2004	3.054,4	703,4	342,2	231,9	0,0	989,2	5.321,2
2005	3.116,4	906,3	370,3	242,6	0,0	970,5	5.606,1
2006	3.332,5	967,0	435,8	274,9	765,2	1.071,2	6.846,8
2007	3.944,6	1.114,9	403,0	313,4	201,1	1.119,2	7.096,2
TOTAL	24.656,9	6.790,9	2.702,0	1.654,4	966,3	8.498,9	45.269,4

Fonte: COMTRADE – 2009

* milhões US\$

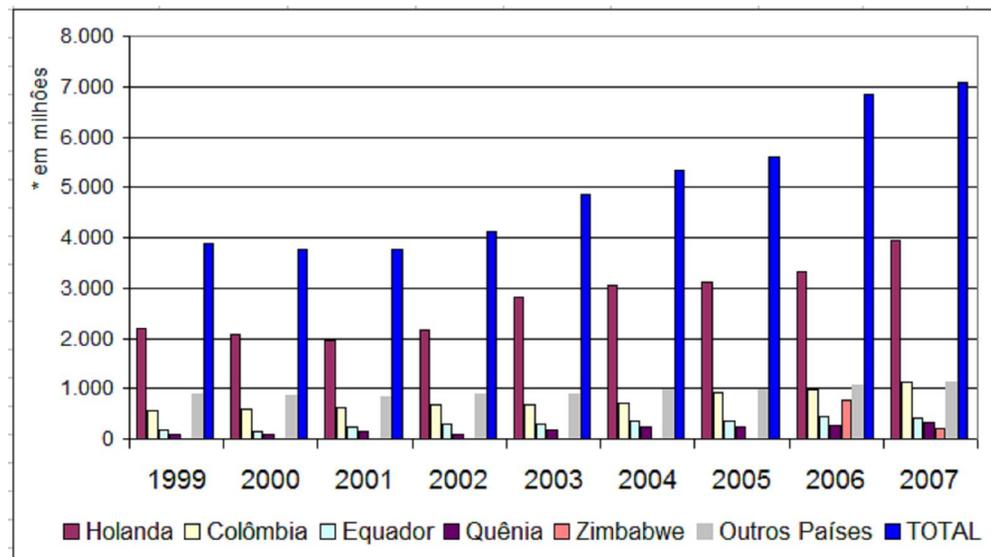


Gráfico 12: Valor das exportações de flores de corte pelos principais países fornecedores*

Fonte: COMTRADE – 2009

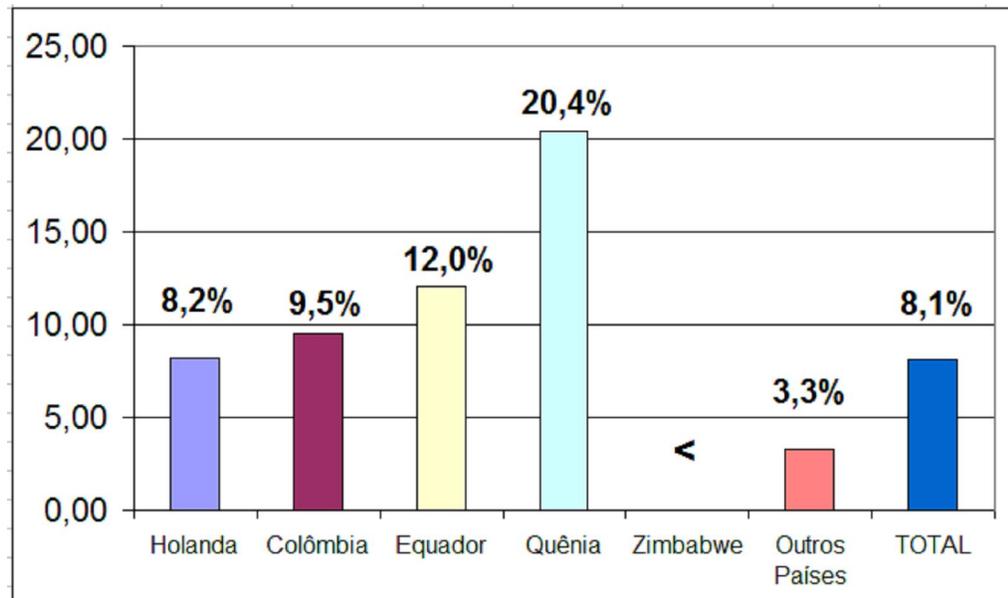


Gráfico 13: Média de crescimento anual do valor exportado de flores de corte pelos principais países 1999 – 2007 (%)
Fonte: COMTRADE - 2009

Comparando as flores de corte exportadas com o total disponibilizado pelos principais países fornecedores no mundo, podemos identificar que no caso da Holanda esse tipo de segmento perdeu participação nas suas exportações, passando de 50,4% em 1999 para 46,1% em 2007 (tabela 8). Apesar da queda, o segmento continua com uma grande importância no valor que é gerado atualmente pelo país nas exportações de flores e plantas ornamentais. O comportamento da Colômbia é parecido com a do Equador e do Zimbabwe, ou seja, praticamente toda a produção que é disponibilizada para o mercado externo é composta de flores de corte, demonstrando que esses países tornaram-se importantes produtores do agronegócio de flores e plantas ornamentais no mundo para esse tipo de segmento. Já o Quênia diversifica um pouco mais as suas exportações, cujo valor que foi gerado com o comércio do país no exterior chegou a 70,9% com as flores de corte. No mundo, esse importante segmento participou com aproximadamente 42% de tudo que é gerado de riqueza na comercialização de flores e plantas ornamentais no ano de 2007.

TABELA 8
Comparação das exportações de flores de corte e do total dos principais países fornecedores %

ANO	Holanda	Colômbia	Equador	Quênia	Zimbabwe	Outros Países	TOTAL
1999	50,4	99,4	98,6	95,3	0	24,8	44,6
2000	51,0	99,5	98,5	91,2	0	24,5	44,8
2001	50,1	99,4	99,0	87,9	0	22,9	44,3
2002	48,1	99,7	99,2	79,9	0	22,4	43,0
2003	47,2	99,7	99,1	79,5	0	20,0	41,7
2004	46,7	99,6	99,5	84,8	0	19,7	41,3
2005	46,6	99,6	99,5	85,4	0	18,5	41,5
2006	45,7	99,5	99,4	76,6	99,98	18,9	44,2
2007	46,1	99,5	99,2	70,9	99,98	18,1	41,9

Fonte: COMTRADE – 2009

1.3.1 - Exportações Europeias segundo a EUROSTAT

As exportações europeias de flores e plantas ornamentais, conforme dados divulgados anteriormente pela COMTRADE, têm um peso relevante na participação mundial dos continentes e/ou países que comercializam esse tipo de produto. Os dados fornecidos pela EUROSTAT, por sua vez, referem-se àquilo que é exportado internamente no continente europeu, ou seja, INTRA-EUR27; e como no âmbito internacional, os países que são destaques mundialmente também aparecem como grandes distribuidores internamente.

A Holanda, como sempre se destacando no segmento, é disparado o país que mais distribui flores e plantas ornamentais no continente europeu. Em 2007, o país faturou aproximadamente EUR 5,2 bilhões, com um crescimento de 3,4% em relação à 2006, o que representa em termos de participação 70,9%. Nos últimos oito anos o seu crescimento médio foi de 4,1%. O seu valor comercializado tem tanta influência no que é arrecadado no total, que no ano de 2003 a Holanda por ter caído em 1,3% fez cair também o total em 0,7%. No gráfico de evolução (gráfico 14), os dois segmentos estão praticamente juntos, mostrando que a Holanda tem forte influência no que é comercializado atualmente na Europa e mostrando que o país é o grande distribuidor desse tipo de produto no continente. Essas informações acerca do que é arrecadado em valor pela Holanda tem forte influência também no preço praticado no continente. O

país por ser detentor de grande volume distribuído, torna-se único a determinar a seu favor os mais altos preços comercializados. Em 2007 chegou a 3,8 EUR/KG, média de 3,2 EUR/KG em oito anos. Outros países europeus também são exportadores, como a Itália em segundo, bem próximo a ela e em terceiro a Alemanha (é o país que mais cresceu entre os anos com uma média de 9,6%), seguido pela Bélgica e Dinamarca. Vem em seguida e em menor proporção a Espanha e a França (tabela 9).

TABELA 9
Valor das exportações de flores e plantas ornamentais pelos principais países fornecedores*

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Holanda	3.919,8	4.053,2	4.502,1	4.445,1	4.648,6	4.850,4	5.003,6	5.174,9
Itália	313,4	321,7	351,3	363,5	393,0	397,4	416,5	435,4
Alemanha	213,4	230,7	276,0	276,9	299,6	323,5	365,0	403,0
Bélgica	325,7	318,6	339,8	357,5	372,4	384,8	393,5	382,8
Dinamarca	310,2	316,8	359,5	359,4	332,3	319,8	342,9	339,4
Espanha	183,1	190,2	193,0	184,6	193,7	168,6	172,4	168,0
França	130,0	133,7	137,0	116,7	115,6	112,9	105,8	103,8
Outros	150,8	158,8	167,0	179,2	238,4	306,2	261,7	294,8
Total	5.546,4	5.723,6	6.325,7	6.282,9	6.593,7	6.863,5	7.061,5	7.302,2

Fonte: EUROSTAT – 2008

* milhões EUR

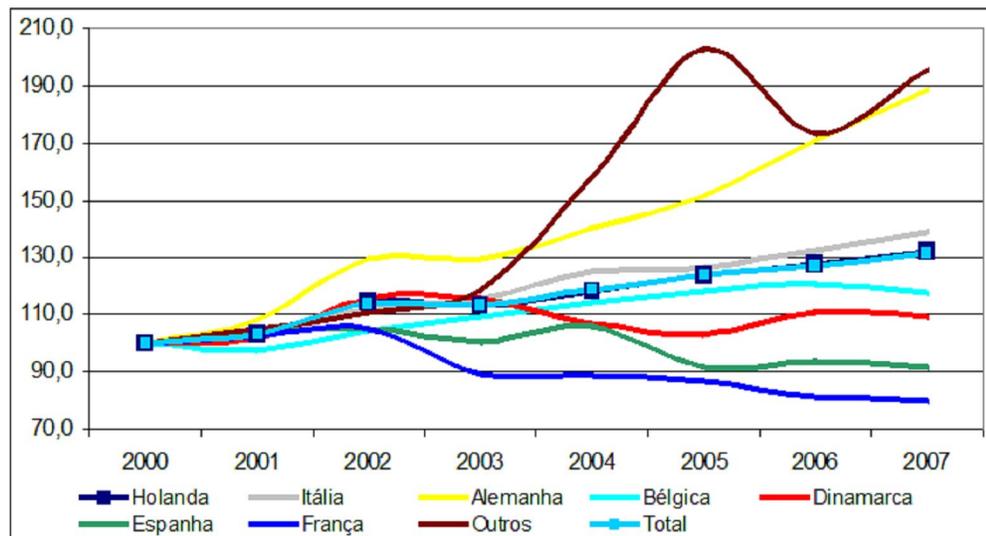


Gráfico 14: Evolução anual do valor exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países – 2000 = 100

Fonte: EUROSTAT - 2008

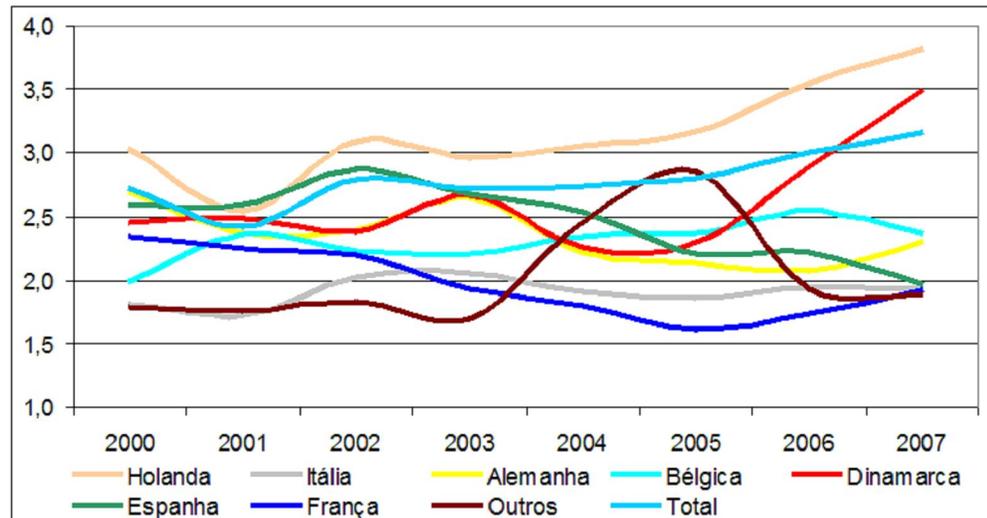


Gráfico 15: Evolução anual do valor do preço exportado de flores e plantas ornamentais pelos principais países
 Fonte: EUROSTAT - 2008

2. O AGRONEGÓCIO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL

Historicamente, a floricultura brasileira se desenvolveu no entorno dos mercados de consumo dos grandes aglomerados urbanos. A produção estava concentrada em sistemas de pequena produção familiar, voltada principalmente para mercados locais e regionais. As principais características do setor baseavam-se no cultivo intensivo em manejo e em mão de obra, na precariedade do sistema de distribuição e na limitada disponibilidade de tecnologias de conservação, que pudessem permitir a armazenagem e transporte de longa distância (SÉRIE AGRONEGÓCIOS, 2007).

Alguns autores consideram que a falta de oportunidades no setor agrícola, principalmente para as pequenas propriedades, abriu espaço para o crescimento das atividades ligadas à produção de flores e plantas ornamentais, principalmente nos cinturões verdes dos grandes centros urbanos (AGRIANUAL, 2002).

As inúmeras vantagens comparativas que o Brasil possui e que pode explorar muito mais em relação a produção em grande escala frente aos demais países no

mundo pode ser identificada, dentre várias características, pela significativa diversidade de climas e microclimas favoráveis, a disponibilidade de terra, de água, mão-de-obra barata e as melhorias das novas tecnologias agronômicas.

Apesar de incipientes no país, as melhorias na inserção de tecnologias podem ser identificadas em toda a cadeia produtiva, mesmo assim, existe a necessidade de expansão desse conhecimento em um número maior de atores, uma vez que poucos são as empresas que detêm desse nível tecnológico avançado. A mudança do padrão tecnológico brasileiro vem ocorrendo através de investimentos em pesquisa aplicada, assistência técnica e fornecimento ao crédito. A EMBRAPA é um grande parceiro em relação às pesquisas agropecuárias, já a assistência técnica pode ser prestada por cooperativas, associações, institutos e órgãos do governo, por meio de capacitações, treinamentos e cursos para os produtores e distribuidores; e o crédito subsidiado, que já é disponibilizado por vários programas de diferentes agências oficiais. Ocorre também no país a importação de fornecimento de material genético de qualidade, na produção e na distribuição de mudas e na logística de transferência internacional dos produtos do setor. Na região sudeste, o controle da qualidade já tem permitido a emissão de certificados de reconhecimento internacional (SÉRIE AGRONEGÓCIOS, 2007).

Outras vantagens importantes que o país possui frente aos seus concorrentes é a possibilidade de exploração não somente do mercado externo como também do mercado interno, uma vez que a sustentação econômica essencial dessa atividade no país é garantida ainda pelo vigor do mercado interno. “É justamente o consumo interno que sinaliza para as reais potencialidades no curto prazo do futuro sucesso econômico e empresarial da atividade. Portanto, o adequado conhecimento das características do segmento, como também as tendências e oportunidades, o poder de influenciar, estimular e orientar práticas que proporcionem um aumento de consumo se reveste de importância fundamental na cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais contemporânea, como única maneira eficiente e eficaz de encontrar vazão para a crescente produção interna (JUNQUEIRA e PEETZ, 2008)”.

Segundo Oliveira e Brainer (2007), baseado em informações da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais, estimou que as vendas do Complexo Agroindustrial de Flores (CAF) em todo o país totalizaram R\$ 2,3 bilhões no ano de 2004, representando um aumento de 10% frente ao ano anterior. Considerando ainda que a produção represente mais ou menos 30% do que é gerado na cadeia produtiva, o valor gerado no mesmo ano por esse elo ficou em torno de R\$ 750 milhões. Segundo os autores, o valor bruto da produção que foi calculado por Aki em 2000 no segmento do produtor chegou próximo a R\$ 500 milhões. O consumo per capita brasileiro fica em torno de R\$ 13,00 ou US\$ 4,3 para os estudos de Oliveira e Brainer (2007), enquanto que Aki calculou que esse consumo em 2000 estava em torno de R\$ 8,02 ou US\$ 3,34. Junqueira e Peetz (2008) indicam que o consumo aparente gira em torno de US\$ 7 per capita, e que o faturamento anual do segmento gira em torno de US\$ 1,3 bilhão (tabela 10).

TABELA 10
Estimativa média do valor das vendas anuais e da participação relativa na agregação de valor, por segmentos da cadeia produtiva da floricultura no Brasil, 2007

Segmento da cadeia produtiva da floricultura	Participação na agregação de valor (%)	Valor anual de vendas (US\$ 1.000)
Varejo e Serviços	PV = 3,5 a 4,0 vezes PP	1.300.000,00
Atacado	PA= 1,5 a 1,8 vezes PP	entre 487.500,00 a 668.571,43
Produtor	PP	entre 325.000,00 a 371.428,57

Fonte: JUNQUEIRA e PEETZ, com base em informações de empresas do mercado

PP = preços recebidos pelos produtores

PA = preços no atacado

PV = preços no varejo

3. DESCRIÇÃO DO PROBLEMA

Estudos no Brasil mostram que os avanços dos níveis tecnológicos na cadeia produtiva do Agronegócio da Floricultura têm sido os principais fatores pela constante melhora na qualidade de produção como também pela diversificação e diferenciação de novos produtos, apesar de que esse avanço na geração de tecnologia na floricultura não tem acompanhado por completo o crescimento de todo o sistema produtivo. É através da introdução dessas novas tecnologias e de novas técnicas de manejo, por exemplo, que é permitido ao setor aumentar o número de espécies cultivadas e modificar àquelas que até então já eram produzidas. Quando utilizada para criação de novas variedades, a introdução de tecnologias também proporciona que a espécie possa se adaptar e se adequar às exigências e condições brasileiras de solo, clima, temperatura, região, etc., permitindo que ela seja produzida em qualquer parte do país.

Bortolin (2006) explica que no caso das flores de corte, mais especificamente com as rosas, a tecnologia empregada proporcionou um aumento de 25% nas vendas para o mercado nacional como também fez crescer a ampliação das exportações principalmente para os mercados da Holanda e Portugal. Mesmo com a relevância do aumento das vendas no mercado interno e das exportações, o país ainda se posiciona muito longe do que é gerado de riqueza pelos principais produtores e exportadores mundiais. A participação do Brasil no mercado mundial gira em torno de 0,21% de tudo o que é exportado, e o seu mercado interno, por ser considerado um dos mais promissores à nível internacional, ainda não é suprido por completo com aquilo que é produzido internamente.

Dentre os vários atores que fazem parte da cadeia produtiva brasileira de flores e plantas ornamentais, àqueles que mais se destacam no setor de flores de corte e por possuírem importante inserção de níveis tecnológicos em vários elos da cadeia estão situados nos estados:

- de São Paulo, principalmente na região de Holambra, destaque na produção e exportação de flores de corte e que é referência na tecnologia apurada de produção, cuja concentração é realizada pelas cooperativas (uma vez que não se preocupam com a comercialização), utilizando tecnologias como a do cultivo protegido, tecnologias de irrigação como também a utilização de substrato, o que proporcionam alta produtividade, custos reduzidos e alto padrão de qualidade; e os processos sofisticados de comercialização e distribuição, realizada principalmente pelo Veiling Holambra, modelo adotado da Holanda e que se baseia na concentração diária de oferta e demanda;
- do Ceará, onde em 1994, tiveram início os cultivos tecnificados em estufas e projetos voltados para exportação, e a implantação após 2000 de grandes projetos de produção (como o aumento da área produtiva e de geração de empregos em áreas rurais e melhoria no nível tecnológico de produção), de infra-estrutura para a comercialização (como a construção do primeiro terminal aeroportuário brasileiro destinado à exportação de flores) e de estratégias de marketing, com a divulgação maciça do cultivo de rosas;
- e de Pernambuco, principalmente no elo que envolve a produção de flores temperadas na região do agreste com as flores de corte, as tropicais nas regiões da Mata Norte e Sul do estado, e mais recentemente no município de Petrolina, importante pólo que começa a surgir, apesar de uma produção incipiente, porém o nível tecnológico de produção utilizado é o mesmo que se usa há um bom tempo e com sucesso pelo pólo de fruticultura irrigada (um dos mais modernos do país), além da infra-estrutura logística de exportação e o forte apoio institucional local.

Tais estados, como por exemplo São Paulo e Ceará, por se destacarem desde a produção até a exportação de flores, principalmente no segmento de flores de corte, se tornam referência à nível nacional sobre a inserção de níveis tecnológicos em toda cadeia produtiva, e que por possuírem esse diferencial competitivo relevante no mercado interno, servem de base para a comparação com outros países em relação

aos níveis de tecnologia adotados por eles e que são fundamentais para o grande destaque à nível mundial de sua participação e na distribuição das exportações internacionais. Mas a grande diferença nos níveis de inserção de tecnologia nos estados brasileiros citados e que são fortes produtores e exportadores de flores de corte ainda impede que o país como um todo consiga se configurar nesse momento como um grande exportador à nível mundial, fazendo com que o setor necessite de um maior conhecimento sobre a importância de se implantar e implementar em todos os elos da cadeia produtiva níveis tecnológicos que permitirão ao país competir igualmente com aqueles que detêm de grande *know-how* nesse tipo de segmento.

As exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais registraram significativamente expansões nestes últimos anos, mas ainda aquém dos valores que são gerados internacionalmente pelos principais países que atuam no setor. Presume-se internamente que as flores de corte tem contribuído para esse crescimento, mas que ainda não condiz com a verdadeira capacidade produtiva e exportadora que poderia existir, caso o país adotasse níveis consideráveis de tecnologia em todos os elos da cadeia produtiva.

Entender porque o segmento de flores de corte tem gerado baixos resultados na balança comercial brasileira da floricultura, com pouca representatividade nas exportações totais do país e que detém uma participação de apenas 0,21% de tudo o que é comercializado no mercado internacional se torna o principal problema a ser estudado nesta pesquisa.

4. JUSTIFICATIVA

Os dados aproximados que são disponibilizados atualmente através dos órgãos de pesquisa ou pelos pesquisadores não nos oferecem informações concretas de como se comporta o setor brasileiro de flores de corte na produção, no consumo interno e na participação mundial. Faz-se necessário a construção de um banco de dados e de uma série histórica, para que possamos avaliar com precisão a evolução desse setor

brasileiro no âmbito internacional e identificar nos elos e nos segmentos da cadeia de flores de corte se ocorreram maior ou menor inserção de tecnologia. Os dados das importações permitem identificar superficialmente aquilo que o país adquire de produtos (seja para a finalidade de insumos necessários para a propagação e desenvolvimento da produção, seja para consumo interno) e os dados das exportações que servem para classificar o nível de participação do Brasil no mercado externo. Pelo que é apresentado pela SECEX atualmente, a cadeia produtiva do Agronegócio da Floricultura do país como um todo, e por sua vez os segmentos de flores de corte, possuem uma participação muito pequena do que é gerado de divisas pela comercialização mundial, e continuam aquém dos principais países produtores e exportadores do setor.

O questionamento sobre a importância da inserção de tecnologia nos diversos estágios da cadeia produtiva brasileira de flores de corte, faz com que os produtores brasileiros necessitem pagar menos *royalties*, melhorando com isso os seus custos de produção, aumentando o seu diferencial competitivo dos produtos frente aos seus concorrentes no mercado externo, na medida em que as características territoriais e climáticas já não são mais suficientes para atingir níveis de competitividade sustentáveis, seja no mercado interno, seja no mercado global onde a competição é mais acirrada. Portanto, observa-se a relevância de se desenvolver um estudo que identifique a participação das flores de corte nas exportações brasileiras, na medida em que esse segmento, por suas características próprias, é um indicador de níveis tecnológicos diferenciados na produção e na pós-colheita, para atender as exigências do mercado internacional e que são tão determinantes para o aumento da competitividade da cadeia produtiva do Agronegócio da Floricultura Brasileira.

O interesse pela escolha de se estudar a participação das flores de corte no mercado internacional se justifica tanto pela importância cada vez mais crescente que esse segmento pode representar atualmente para o Brasil nos mercados interno e externo de flores e plantas ornamentais, como também pelas potencialidades concretas que o país possui a ponto de ser indicado como um dos grandes produtores e

fornecedores mundiais em médio prazo. No caso das flores de corte, os grandes produtores e exportadores dos estados do Ceará e São Paulo, ainda que seja um número reduzido no país, já adquirem de uma significativa experiência externa acerca das tecnologias desenvolvidas e adotadas na cadeia produtiva de alguns atores internacionais, como por exemplo a Holanda e a Colômbia.

No caso de Pernambuco, o destaque é a combinação de condições favoráveis para exploração do segmento de flores tropicais com novas tecnologias de produção e de pós-colheita, com possibilidades de se transformar no médio prazo como um dos grandes produtores e exportadores. Outro aspecto relevante a ser considerado é sobre a importância em se buscar novas fontes e novos conhecimentos acerca do que está acontecendo internacionalmente sobre o mercado e a produção de flores de corte comparando com os níveis tecnológicos empregados pelos principais atores da cadeia produtiva mundial, e poder propagar essas informações internamente para que possamos melhorar a qualidade de nossos produtos, diminuir nossa dependência externa, como também aumentar e expandir a nossa participação nesse mercado.

5. OBJETIVO GERAL

Analisar a participação das flores e plantas ornamentais e das flores de corte nas exportações da floricultura brasileira identificando os principais pólos de produção e de exportação.

6. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

6.1 - Analisar a evolução e a tendência do Brasil nas exportações nacionais de flores e plantas ornamentais e sua inserção no mercado externo;

6.2 - Identificar os principais pólos brasileiros de produção e exportação de flores de corte;

6.3 - Avaliar as perspectivas do segmento de flores de corte no agronegócio da floricultura de exportação.

7. REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 - CADEIAS PRODUTIVAS

O conceito de cadeias produtivas para o estudo da agricultura como negócio - Agronegócio, é uma ferramenta metodológica indispensável para entender a complexidade atual do desenvolvimento da agricultura e da agroindústria. A necessidade dos pesquisadores, dos agentes econômicos públicos e privados de conhecerem a agricultura brasileira em toda a sua dimensão transformou o conceito de cadeia produtiva numa espécie de referencial teórico quase obrigatório para analisar e compreender a situação atual e a evolução futura das atividades de produção, transformação e distribuição de produtos agrícolas.

Academicamente são duas as vertentes empregadas nas áreas de economia e administração para analisar o agronegócio. Uma oriunda da escola americana de Harvard (Davis e Goldberg, 1957/1968) e outra francesa, desenvolvida na escola de economia industrial francesa em Paris (Morvan e Malassis, décadas de 60 e 70). A primeira analisa de forma integrada o desempenho de uma organização agroindustrial nos seus diferentes níveis desde o fornecimento de insumos até os setores de distribuição e consumo final, ou seja, a visão de *Agribusiness*; enquanto que a segunda se volta mais para a análise das atividades que transformam um produto primário em produto pronto para o consumo final, conceitos de *análise de Filière* (FAVERO, 2008).

Conforme Prochnik (2002), cadeia produtiva são etapas consecutivas de transferência e de transformação pelos quais passam diversos insumos necessários para se obter um produto final.

Segundo Favero (2008) uma cadeia produtiva constitui um sistema que permite a interação entre um conjunto de atores econômicos (produtores de matérias-primas, fornecedores de serviços, indústria de transformação, distribuição e consumidores) os quais têm como meta a realização de um objetivo comum. Considera que a visão proporcionada pela teoria das cadeias produtivas leva para um segundo plano a visão

setorial da produção, valoriza o *enfoque sistêmico* de interdependência de atividades (atuações verticais e horizontais) em todos os níveis de agregação de valor aos produtos, tendo como foco o mercado com estratégias integradas de negócios para obter êxito junto aos clientes e não buscando somente a eficiência produtiva fundamentada na teoria clássica dos custos de produção.

Zylbersztajn (1995) confronta os dois conceitos esclarecendo pontos comuns de pensamento e pontos de divergência. Os mais comuns estão relacionados com a visão sistêmica, onde os atores envolvidos na cadeia podem ser originários de vários setores da economia, pensamento esse que se afasta dos tradicionais conceitos entre setor agrícola, industrial e serviços. Ele destaca também a importância das instituições organizadas (não são vistas mais como um elemento neutro), fundamentais para fornecerem suporte as atividades produtivas. Outro ponto de convergência tem a ver com os subsistemas de uma cadeia (de produção, de transferência e de consumo) onde o autor explica que o consumo é a força central que move o agronegócio. As necessidades dos consumidores são atualmente as principais causas de disputas entre os diferentes subsistemas envolvidos na cadeia. As mudanças tecnológicas também são de comum acordo entre os dois tipos de conceitos levantados pelo autor.

As divergências entre os dois conceitos tem mais relação quando se analisa a quantidade de produtos. A análise francesa (*análise de filière*) tem como foco o estudo de um só produto, enquanto que na escola americana o conceito de *Agribusiness* pode conter produtos em diversas empresas ou apenas uma empresa que se torna ativa em diferentes cadeias. Um outra divergência esclarecida pelo autor tem a ver com o grau de coordenação e a forma que se materializa esse mecanismo.

Neves (1999) explica que se uma empresa está atuando no negócio de frango, carne, leite, etc., apenas um sistema será descrito, enquanto que se tivermos empresas atuando em vários negócios, portanto todos os sistemas (cadeias) deverão ser descritos. A análise para o autor de um sistema agroindustrial se torna muito importante e útil para as diversas áreas de uma empresa.

7.2 - INOVAÇÃO E A TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO

Segundo Tigre (2006), a inovação tecnológica constitui um dos mais importantes fatores determinantes da competitividade internacional. Ele aborda que a inserção de novas tecnologias nos processos e nos produtos na busca de diferencial da competitividade não é apenas uma característica dos setores manufatureiros, como era até então discutido nas antigas bibliografias, onde os países considerados menos dinâmicos eram àqueles que se especializavam em produtos primários. A aplicação e a difusão de novas tecnologias de montante a jusante da cadeia produtiva dos produtos considerados do setor primário vem se revelando cada vez mais importante para sustentar a competitividade das empresas que exploram esse ramo de atividade.

Para Porter (1999), a competitividade de um país depende da capacidade da sua indústria de inovar e melhorar. As empresas conquistam uma posição de vantagem competitiva em relação aos seus competidores em razão das iniciativas de inovação, ou seja, elas encaram e abordam a inovação no seu sentido mais amplo, abrangendo justamente novas tecnologias e novas maneiras de fazer as coisas.

Batalha (2007), exemplifica uma inovação tecnológica segundo a “natureza intrínseca da idéia inovadora”, originando dois tipos de classificação: a de caráter predominantemente tecnológico (*technologie push*) e a de caráter mercadológico (*marketing pull*). No primeiro exemplo, o autor explica que a firma prioriza ações que possam desenvolver novos processos de fabricação, novas matérias-primas, produtos de concepção inovadora, etc. Empresas que se voltam para o segundo caso são orientadas diretamente pela demanda, ou seja, as inovações são resultados diretos da observação dos mercados, e que estão relacionadas com atividades que representam investimentos menos importantes e com menor risco para a firma, como por exemplo as novas formas de distribuição, novas formas de embalagem, reposicionamento de marketing de um produto, novo modo de financiamento ou pagamento do consumidor, etc. O autor relata ainda um fato relevante: no caso das firmas agroindustriais, e principalmente nas firmas agroalimentares, a grande maioria das inovações é do tipo

marketing pull, em que os novos produtos são sobretudo o resultado de novas formulações ou novas embalagens.

Um caso importante de ser analisado é a importância da tecnologia e das inovações tecnológicas para as empresas agroindustriais. Elas são cada vez menos específicas a uma cadeia de produção, ou seja, começam a possuir um “caráter transversal”, uma vez que atingem e se utilizam de várias cadeias de produção ao mesmo tempo. Batalha (2007) explica que existem três tipos relevantes de sistemas técnicos (tecnologias de base, tecnologias chave e tecnologias emergentes), e que são essenciais para o bom relacionamento da empresa com o mercado e com os seus concorrentes. Se essa empresa se apropriar de apenas uma operação técnica e negligenciar no presente ou no futuro as demais, as restrições que as inovações tecnológicas poderiam proporcionar no mercado acabam não influenciando por completo essa indústria perante a concorrência. Para ele, existem dois tipos de inovação tecnológica a saber: a de tecnologia específica e efeitos locais (pairam basicamente na cadeia de produção, mas que proporcionam um controle mais estreito de cada cadeia) e a de tecnologia de efeito difuso (possuem a capacidade de alterar a dinâmica concorrencial de várias cadeias de produção ao mesmo tempo e que são representadas basicamente pelas empresas que adotam uma estratégia do tipo *technologie push*).

7.3 - TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO DO MERCADO DE FLORES

Vale salientar que uma inovação pode aparecer ou se manifestar de diversas formas, seja em um novo desenho do produto, seja em um novo processo de produção, em uma nova abordagem de marketing ou ainda em novos métodos de treinamento. Pode surgir também em idéias já formuladas, incrementando melhorias em processos idealizados, como também na oportunidade de novos segmentos de mercados ou antigos nichos que foram negligenciados por outras empresas.

Um grande exemplo de superação da adversidade no segmento de flores e plantas ornamentais, tanto no âmbito territorial quanto no climático, é a Holanda. O

país, que se destaca mundialmente como o maior exportador e importador desses produtos, dispõe atualmente de institutos de pesquisa de alto nível no cultivo, na embalagem e na remessa de flores. Esse ótimo desempenho, segundo Porter (1999), pode ser explicado pela desvantagem seletiva que o país possui, como os altos custos da terra, escassez de mão-de-obra ou falta de matérias-primas locais, que obrigaram o setor inovar e aprimorar os diversos elos da cadeia produtiva como requisito da competição.

Uma outra característica que explica essa superação do setor de floricultura na Holanda se deve ao fato de que o próprio país, que possui regulamentos cada vez mais severos sobre a utilização de produtos químicos prejudiciais ao meio ambiente, obrigou-os a entender que a única maneira eficaz de enfrentar o problema consistiria em desenvolver um sistema de ciclo fechado. Porter (1999) explica que no ciclo fechado as flores são cultivadas em sofisticadas estufas, em água e lã mineral, e não mais no solo. Essa alternativa reduz o risco de contaminação, diminuindo a necessidade de fertilizantes e pesticidas que já são incluídos na água em circulação e reutilização.

Somente nessa etapa da cadeia produtiva, os benefícios advindos da introdução de altos níveis tecnológicos, influenciados sobretudo pelo processo de produção rigorosos adotados pelos atores, permitiu que se reduzissem as variações nas condições de cultivo, onde os custos de manuseio caíram consideravelmente, aumentando a produtividade de muitos dos recursos envolvidos na produção, como também fez melhorar significativamente a qualidade do produto frente aos seus concorrentes.

Já na parte mais a jusante da cadeia produtiva, o país utiliza de sofisticadas formas de venda e de distribuição de toda a sua produção, seja para mercados locais, regionais ou internacionais. Na venda, a Holanda dispõe de unidades alfandegárias de leilão que são destinadas exclusivamente para o negócio florista. O leilão é realizado totalmente por meio eletrônico, onde os carrinhos cheios de flores passam na frente dos compradores que dispõem de um mecanismo de aquisição altamente computadorizado,

que permite uma compra pelo melhor preço ofertado. Na distribuição, o país adota as melhores formas de logística empregadas em todo o mundo. Depois da venda, as flores seguem já com o código do comprador para um caminhão que vai em direção aos mercados locais. Caso viagem para localidades mais distantes, seja elas regionais ou internacionais, o produto segue para contêineres especiais, pré-resfriados, que viajarão por vias ferroviárias ou por vias aéreas.

Essa inovadora e especializada infra-estrutura adotada na Holanda nos diversos elos da cadeia produtiva da floricultura permite que o setor adquira e assegure uma produtividade muito elevada, levando o país, pelos menos nesse setor, ampliar e sustentar a sua vantagem competitiva em nível global.

Os exemplos da superação e da supremacia do mercado de flores e plantas ornamentais holandês permitem identificar e ratificar o que Porter (1999) diz: “as empresas devem buscar, e não evitar, as pressões e os desafios. Parte da estratégia consiste em se beneficiar do ambiente do próprio país, de modo a criar o ímpeto para a inovação”.

A força comercial que alguns países possuem atualmente, principalmente na produção e nos valores que são exportados para todo o mundo, nos faz afirmar que quanto mais se incorpora níveis de tecnologia em todos os elos da cadeia produtiva mais competitivo o país se torna frente aos demais concorrentes; e isso pode ser identificado novamente com os exemplos reais e resumidos da Holanda como também dos principais líderes que se destacam no mercado internacional de flores e plantas ornamentais:

- Holanda: o caso holandês de inserção de níveis tecnológicos em toda a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais é um ótimo exemplo para ser seguido. Foi a partir de 1989 que o governo daquele país iniciou o Plano Nacional de Políticas Ambientais, desenvolvendo vários tipos de programas, dentre eles o Programa de Desenvolvimento de Tecnologias Sustentáveis (DST), que tinha como meta inovar o próprio processo de inovação já adotado no país, incluindo-se também o setor

agropecuário, onde faz parte o setor de flores e plantas ornamentais. Os temas principais estavam baseados na melhoria da gestão e no uso da energia solar, ou seja, aumentar a quantidade de energia solar fixada na forma de biomassa com o uso de estufas solares (casas de vidro), e mecanismos para distribuir de forma mais balanceada a energia solar; sistemas de produção baseados em ciclos fechados, onde as flores são cultivadas em um sistema de alta tecnologia de cultivo em estufas durante todo o ano, em água e lã mineral, e não mais no solo, e também uma outra característica importante do monitoramento e do uso rigoroso do ciclo fechado é a variação nas condições de cultivo, o que faz melhorar a qualidade do produto, fazendo com que caíssem também os custos de manuseio, uma vez que as flores são cultivadas em plataformas especialmente projetadas para essa finalidade; redução do uso dos insumos, de nutrientes e pesticidas a partir da modificação genética das plantas o que faz diminuir consideravelmente a contaminação dos lençóis freáticos com pesticidas, herbicidas e fertilizantes. Essa alternativa faz diminuir a necessidade do uso desses produtos químicos, que por sua vez já são incluídos na água em circulação e reutilização; melhor integração das culturas com os sistemas naturais; maior integração entre oferta e demanda, assegurando que a produção esteja mais próxima e mais integrada com o mercado, ou seja, a Holanda procurou especializar as atividades de venda e distribuição que dispõe de cinco unidades alfandegárias de leilão para o negócio florista, com câmaras frias onde são armazenadas, sendo encaminhadas posteriormente para as áreas de embarque, onde são carregadas em caminhões em direção aos mercados regionais ou em contêineres especiais, pré-resfriados e próprios para esses tipos de produtos para então seguirem ao aeroporto de Schiphol em direção à todas as partes do mundo. Ao enfrentar de frente os problemas ambientais, os holandeses passaram a aprimorar continuamente a tecnologia, introduzindo inovações que aumentaram consideravelmente a produtividade interna dos recursos no setor, como também a diminuição dos custos, a melhoria da qualidade dos produtos e a sua ampliação na acirrada competitividade global;

- Colômbia: O país vem tomando medidas quanto à questão ecológica, observando o uso racional de agroquímicos através de parcerias entre os produtores e grandes empresas fornecedoras. Novos insumos cada vez menos tóxicos são desenvolvidos, o

que gera uma nova ferramenta de marketing, o selo “Flor Verde”, garantindo a comercialização sem danificar o meio ambiente e dentro das normas internacionais (LIMA, 2005). Segundo Oliveira e Brainer (2007), as empresas que observam as normas específicas recebem a certificação Florverde por parte da *Société Générale de Surveillance (SGS)* Colômbia. Esse certificado envolve as culturas no que se refere aos riscos que envolvem o meio ambiente como também com os trabalhadores que fazem parte do setor produtivo. O país adquiriu também vasto conhecimento das mais avançadas técnicas dos arranjos florais e tendências na estética mundial no uso de flores e plantas ornamentais, possuindo atualmente várias empresas de competência internacionalmente comprovada que ocupam importante local no mercado mundial da arte floral (IBRAFLOR, 2005);

- Equador: introdução de tecnologias avançadas principalmente na produção de flores de corte (rosas), certificações de qualidade do produto, selo verde, com a proteção ao meio ambiente e melhores relações trabalhistas e conhecimento nas áreas de logística de distribuição. Essas exigências ocorreram após a intensa produção que proporcionaram forte degradação ambiental e problemas com a má qualidade do trabalho ofertado;
- Costa Rica e Nicarágua: treinamentos e capacitações em cultivo de flores e folhagens tropicais; introdução de tecnologias e de conhecimentos na seleção de novas espécies, de novas variedades e cultivares de flores e folhagens tropicais; conhecimento técnico sobre tecnologias de pós-colheita, padronização, classificação e embalagem, como também de importante conhecimento acerca da logística de distribuição internacional (IBRAFLOR 2005). Segundo ZÚÑIGA (1996), há o apoio aos produtores na disponibilidade dos bons serviços portuários, marítimos e bancários que tem ajudado no crescimento das exportações como também ao apoio das universidades aos pequenos produtores na inserção de novas tecnologias e de novas variedades proporcionando o aumento do rendimento produtivo;
- Austrália: país de grande potencial produtor e exportador, investe atualmente em pesquisas científicas no desenvolvimento de novas variedades e principalmente em espécies nativas, como os programas de hibridação, que fazem aumentar as variedades das cores, tipos e épocas de florescimento, expandindo dessa forma a

oferta para o exterior de produtos altamente padronizados e de melhor qualidade. O país também se destaca no prolongamento dos períodos de sazonalidade, possibilitando um maior controle da oferta para os países importadores, fazendo com que não haja quebra de contratos e dessa forma possa cumprir regularmente com as demandas internacionais;

- Zimbabwe: apesar da instabilidade política, o país possui vantagens acerca de um possível crescimento de sua floricultura, como por exemplo, variedade das condições climáticas, alto nível dos diretores e administradores das empresas produtoras e boa constância de tráfego aéreo para a Europa (IBRAFLOR, 2005);
- Estados Unidos: por motivos empregatícios, altos custos e escassez de trabalhadores, a empresa floral americana emprega cada vez mais sistemas de produção automatizados para as culturas florícolas e de viveiros com alto valor agregado durante todo o ano, principalmente em estufas ou espaços fechados e que podem ser mais facilmente controladas. A mecanização do processo produtivo vai desde a sementeira, transplante, aplicação de fertilizantes, adubação, irrigação e colheita, aumentando ainda mais a produtividade e consequentemente a escala de produção. Nos períodos mais frios ou em geadas é utilizada a hidratação através da pulverização e nos dias mais quentes a irrigação para limitar a evaporação da água. Nas estufas, sistemas mecanizados de ventilação e umidificação ajudam a alcançar condições ótimas de temperatura. Sensores instalados no interior ou em torno das plantas controlam a dosagem de substratos, iluminação, sombreamento, aquecimento, ventilação, adubação; tudo isso fazendo com que as flores e plantas ornamentais sejam produzidas em períodos menores de tempo. A armazenagem do produto já classificado ou não se dá em câmaras frigoríficas, para posteriormente serem transportadas em caminhões refrigerados até os portos marítimos e finalmente serem colocadas em containers próprios para exportação. O país apoia os seus produtores com incentivos e seguros contra geadas, frios, etc, também mantêm programas de pesquisas que estudam novas variedades e àquelas possivelmente em extinção, como também administra programas que incentivam às exportações com ênfase nos produtos de alto valor agregado (UNITED STATES, 2008);

- Canadá: a produção se dá em estufas altamente mecanizadas, onde são utilizados sistemas de computadores que controlam e regulam a temperatura ambiente, a luminosidade, principalmente no inverno rigoroso e de clima frio, quando são baixos os níveis de luz. A “reirrigação” se dá através da reutilização da água irrigada, reduzindo os impactos ambientais, os desperdícios e os custos com fertilizantes e pesticidas, onde os computadores acompanham o retorno da solução nutritiva utilizada pelas plantas. Investimentos também no controle de pragas foram essenciais para que eles buscassem novos métodos alternativos como o biológico ou “bio-rationais”, a fim de substituir pesticidas existentes. Os produtores do país foram obrigados a adotar alterações na tecnologia, como também na pesquisa de novas variedades, senão seriam excluídos do mercado (CANADÁ, 2008);
- China: Atualmente, o país conta com numerosas instituições de pesquisa e educação que se dedicam à horticultura ornamental, além de numerosos especialistas em horticultura, genética, paisagismo, como também de produtores e comerciantes que estão desenvolvendo esforços no sentido de retomar o prestígio que havia nesta atividade. Existe uma disputa acirrada da China com o Canadá em relação a área total cultivada mundialmente com flores e plantas ornamentais, chegando próximos a 80.000 ha, destinando grande parte dessa totalidade na produção para o consumo doméstico. Vêm ocorrendo também fortes investimentos na qualidade de seus produtos, na tecnologia da pós-colheita e em processos gerenciais, visando participar mais ativamente do mercado internacional. Recentemente, tem incrementado suas vendas ao exterior, especialmente para os países da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), destacando produtos como *bonsai* e plantas em vasos. Considerando os aspectos da existência de vasta flora nativa, da infra-estrutura de pesquisa, da numerosa população e do rápido crescimento econômico, a China deverá se situar, brevemente, entre os países com maior participação no mercado mundial de floricultura (OLIVEIRA e BRAINER, 2007).

8. METODOLOGIA

As informações foram coletadas em fontes primárias, obtidas através de entrevistas com os principais “agentes-chave” ou importantes atores da cadeia estudada, cujo questionário foi baseado no método *focus group*, e os dados das fontes secundárias consistiram em informações estatísticas de órgãos nacionais e internacionais e estudos realizados acerca da comercialização de flores de corte no Brasil. Essas informações permitiram também a elaboração de um diagnóstico sobre a inserção de níveis de tecnologia adotados na cadeia produtiva de flores de corte nas principais regiões produtoras e que foram fundamentais para identificar o nível de competitividade que o Brasil possui em relação aos concorrentes no mercado internacional.

Na análise internacional, os dados utilizados das exportações dos principais órgãos estatísticos serviram de base para identificar o nível de participação do Brasil no contexto geral, e a partir dessas comparações traçar e conhecer os países que são destaque à nível mundial, a fim de utilizá-los como parâmetro para a pesquisa interna, analisando também se o que é gerado de arrecadação e de participação das nossas exportações é fruto do nível de tecnologia adotado atualmente nos elos da cadeia de flores de corte. Para este aspecto da pesquisa elegeu-se os principais pólos de produção conforme classificação do IBRAFLOR (2005), e a representatividade dos principais estados produtores e exportadores dessa cadeia foi considerada pelos estudos secundários do setor e também pelos dados obtidos junto aos principais órgãos de pesquisa nacionais.

Conforme o IBRAFLOR (2005), os pólos de produção no Brasil de flores de corte estão distribuídos nas principais regiões brasileiras, conforme o seu nível de capacidade produtiva, de articulação entre os agentes institucionais dos órgãos públicos e privados, como também pelo seu potencial de produção que atende aos mercados interno e externo.

Os estados produtores de flores de corte que foram explorados nesse estudo estão inseridos no pólo caracterizado e identificado pelo Ibraflor como o de “inserção definida e estratégias efetivas de crescimento no mercado internacional”, uma vez que possuem um nível considerado de inserção e utilização de tecnologia nos elos que compõem as suas cadeias produtivas e que serviram de base para a comparação da participação das exportações à nível nacional e internacional. A pesquisa na Região de Holambra em São Paulo, que se destaca principalmente por ser um centro de desenvolvimento de tecnologia e o principal mercado da floricultura, foi desenvolvida através de entrevistas por telefone e complementada com questões específicas junto a especialistas. No caso do estado do Ceará, que se destaca na produção e na exportação nacional de rosas e bulbos, houve a aplicação de entrevistas de campo com as principais lideranças de produção, exportação e a direção do Instituto Agropólos, responsável pelos programas de incentivo às exportações e sede de atuação do *FloraBrasilis*, programa de promoção das exportações brasileiras de flores coordenado pelo IBRAFLO. Em Pernambuco, outro pólo de produção e exportação, a pesquisa foi conduzida em dois segmentos distintos: o de produção e exportação de flores tropicais através de entrevistas com produtores, exportadores técnicos e lideranças setoriais, e o de produção e mercado de flores de clima temperado, destinadas exclusivamente ao mercado interno. Neste último caso a pesquisa envolveu os elos da cadeia produtiva da produção, comercialização no atacado (RECIFLOR-CEASA), varejo e consumo final.³

Os elos distribuídos de jusante a montante na cadeia produtiva de flores de corte foram explorados da seguinte maneira nos estados do Ceará e Pernambuco:

- **na produção:** compra de insumos, utilização racional de fertilizantes que não agredam o meio ambiente, tipos de irrigação, utilização e propagação de cultivos protegidos, utilização ou não de mudas que facilitam o aumento de produtividade, tipos de tecnologias empregadas na produção;

³ Não foi realizada pesquisa junto aos consumidores, mas sim com os principais clientes de consumo final, como por exemplo as funerárias, os decoradores e casas de eventos.

- **na colheita e pós-colheita:** procedimentos adotados na colheita, mecanismos eficazes de armazenamento, conservação e classificação da produção e nos tipos de embalagens utilizadas;
- **distribuição e venda:** meios de transporte utilizados até o local de venda, tipos de infra-estruturas para comercialização, logística, marketing e exportação.

No Ceará, as informações coletadas em agosto de 2008 sobre a atual participação do estado no contexto nacional foram obtidas em entrevistas com o principal responsável pelo setor de floricultura do Instituto Agropólos do Ceará como também líder do Florabrazilis, com o diretor da Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais do estado e duas representantes da empresa Reijers (forte representante do país que atua no estado como também em São Paulo na produção e exportação de rosas frescas), uma conhecedora do alto nível do processo de produção da empresa e a outra responsável pelas exportações e pela câmara fria que fica situada no aeroporto internacional do estado. No mesmo local foi construída a primeira câmara fria destinada às exportações de flores e plantas ornamentais do país.

Em Pernambuco, foram obtidas em novembro de 2008 informações dos principais produtores que comercializam os produtos no principal centro distribuidor da região metropolitana do Recife, o Reciflor, situado na CEASA/PE. A partir dessas informações, foi possível identificar nos principais elos da cadeia, o nível de tecnologia adotado e estabelecer com os principais centros brasileiros uma comparação de como anda a produção de flores de corte do estado, principalmente no caso das flores temperadas. Essas informações foram essenciais para mostrar que o estado tem potencialidades concretas de se equiparar com os principais produtores nacionais em flores de corte.

9. ANÁLISE DOS RESULTADOS

9.1 - BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS

Considerando-se as exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais à nível mundial, a participação do Brasil em relação aos fortes países distribuidores ainda é muito pequena, demonstrando que o país necessita de mudanças em todos os segmentos da cadeia nacional para conseguir se configurar como um forte concorrente.

A participação do Brasil no total das exportações mundiais pode ser visualizada na tabela 11 e no gráfico 16. Apesar de ainda muito pequena a sua participação, aumenta a sua inserção no comércio internacional de flores e plantas ornamentais, passando de 0,15% em 1996 para 0,21% em 2007. Em dólares, os valores que são exportados pelo país também podem ser comparados com os principais países exportadores, e percebe-se que o Brasil cresce desde 1996. A divisão das exportações do Brasil pelo que é exportado pelos principais países no mundo nos dá uma clara visão do quanto é longe a atual arrecadação brasileira proporcionada pelos produtos da floricultura e de plantas ornamentais.

TABELA 11
Relação entre o valor exportado de flores e plantas ornamentais
do Brasil com o mundo e com os principais países exportadores (%)

ANO	Holanda	Colômbia	Itália	Bélgica	Dinamarca	Alemanha	TOTAL
1996	0,26	2,30	2,60	3,41	2,39	5,30	0,15
1997	0,28	1,99	2,53	3,20	2,29	5,22	0,15
1998	0,31	2,15	2,61	3,39	2,57	5,27	0,15
1999	0,30	2,37	2,69	3,45	2,92	5,83	0,15
2000	0,29	2,05	2,64	3,30	2,89	5,78	0,14
2001	0,35	2,24	3,09	3,54	3,24	5,70	0,16
2002	0,36	2,39	3,22	3,75	3,35	5,36	0,17
2003	0,36	3,13	3,69	4,02	3,79	5,81	0,18
2004	0,39	3,59	3,59	4,14	4,49	6,32	0,20
2005	0,41	3,04	3,97	4,46	5,42	5,84	0,20
2006	0,44	3,32	4,39	5,17	5,29	5,99	0,21
2007	0,41	3,15	4,23	5,00	5,56	5,70	0,21

Fonte: COMTRADE – 2009

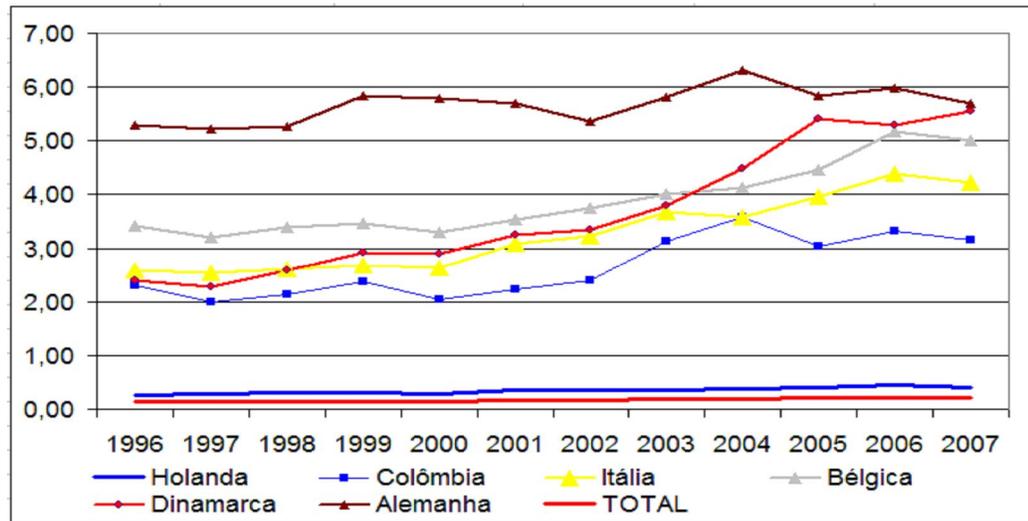


Gráfico 16: Comparação entre o valor exportado de flores e plantas ornamentais do Brasil com o mundo e com os principais países exportadores - %
 Fonte: COMTRADE – 2009

Segundo a SECEX (Secretaria de Comércio Exterior) do Ministério do Desenvolvimento, o valor total das exportações e importações brasileiras de flores e plantas ornamentais chegou a US\$ 49,7 milhões em 2008, proporcionando um saldo positivo de aproximadamente US\$ 21,5 milhões na balança comercial (tabela 12). As exportações cresceram 10,1% de 1996 a 2008 e as importações 9,8%, o que permitiu que o saldo da balança tivesse uma expansão de 16,4% nesse período. O gráfico 17 mostra que a evolução do saldo comercial, o qual começa a despontar no ano de 2002, decorre mais do aumento das exportações do que da retração das importações, podendo significar uma mudança de postura dos consumidores brasileiros que passaram a comprar mais produtos nacionais, os quais apresentam mais qualidade e são mais competitivos.

Se esta tendência se confirma pode-se deduzir que os consumidores brasileiros começam a valorizar a produção nacional justamente no momento em que a adoção de novas tecnologias de plantio e pós-colheita são introduzidas nos pólos de produção tradicionais como São Paulo, no Estado do Ceará, que assumiu a liderança na produção nacional de rosas, e Pernambuco, o principal produtor e exportador de flores tropicais.

TABELA 12
Balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais*

ANO	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de Comércio
1996	11.855.354	6.181.325	5.674.029	18.036.679
1997	11.004.990	5.875.900	5.129.090	16.880.890
1998	12.042.129	7.961.696	4.080.433	20.003.825
1999	13.130.062	5.476.909	7.653.153	18.606.971
2000	12.010.545	6.414.375	5.596.170	18.424.920
2001	13.746.928	7.094.420	6.652.508	20.841.348
2002	16.133.770	8.210.727	7.923.043	24.344.497
2003	21.398.426	6.869.943	14.528.483	28.268.369
2004	25.357.195	6.736.525	18.620.670	32.093.720
2005	27.640.817	5.621.773	22.019.044	33.262.590
2006	32.329.151	8.758.470	23.570.681	41.087.621
2007	35.278.392	10.788.145	24.490.247	46.066.537
2008	35.596.241	14.104.553	21.491.688	49.700.794

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$ FOB

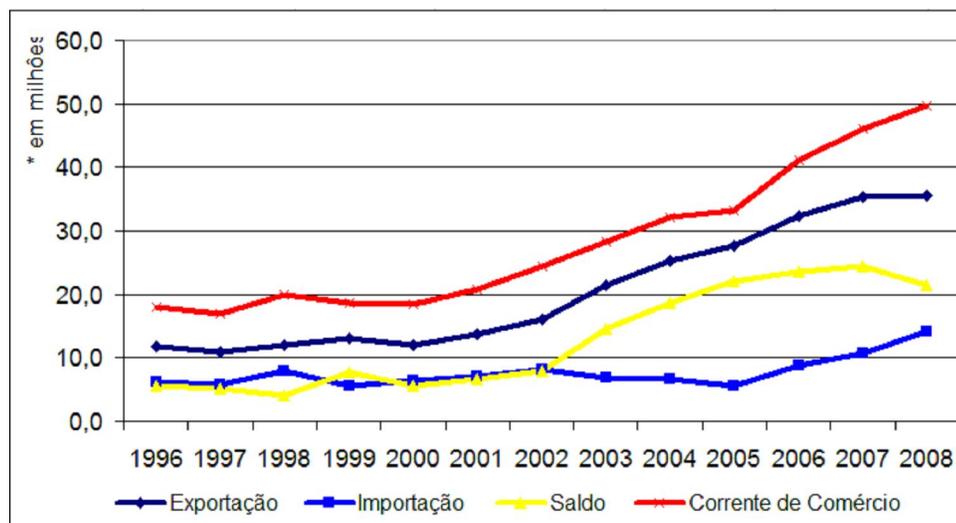


Gráfico 17: Balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$ FOB

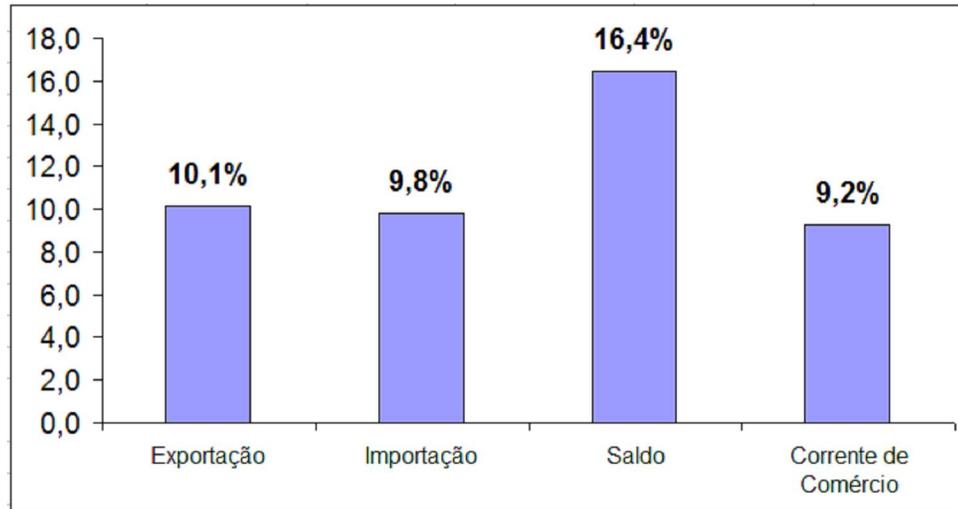


Gráfico 18: Crescimento da balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais – 1997 a 2008 (%)

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

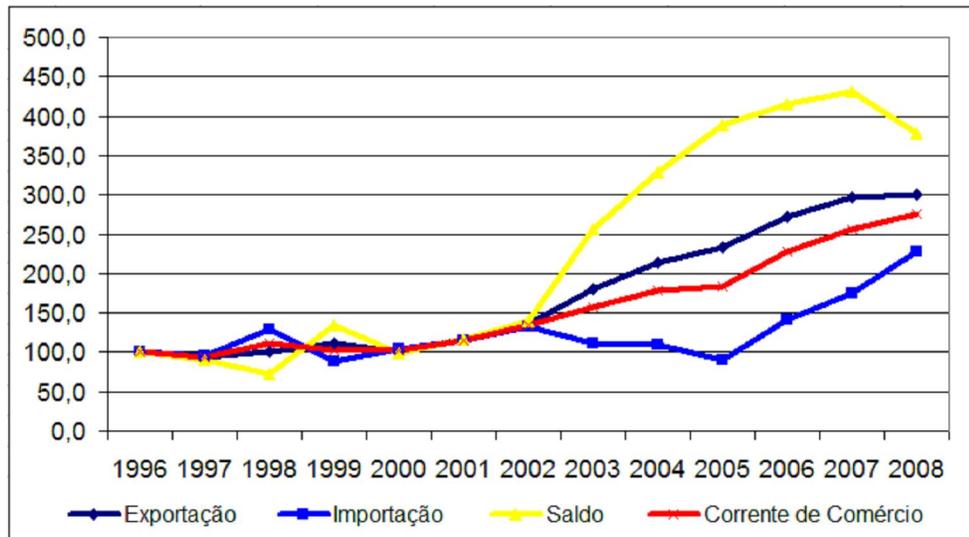


Gráfico 19: Evolução da balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

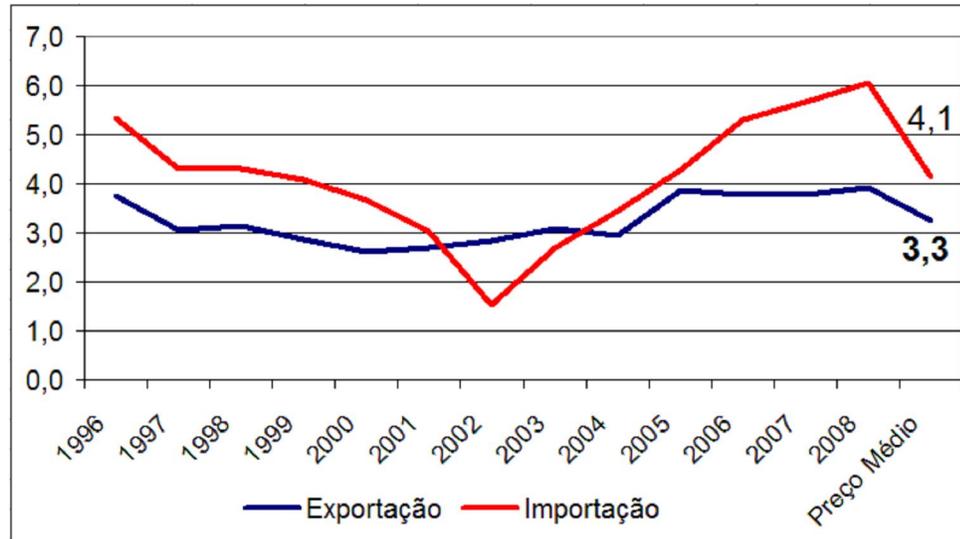


Gráfico 20: Evolução do preço da balança comercial brasileira de flores e plantas ornamentais

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

Na análise por grupos exportados, o principal na pauta das exportações brasileiras é o de **Bulbos, tubérculos, rizomas e similares**, cuja participação em 2008 foi de 44,3%. O seu faturamento no mesmo ano ficou em torno de US\$ 15,8 milhões, crescendo nesse período 16,9%. O crescimento de 12,4% em 2008 pode ser considerado excelente, uma vez que a sua comparação se dá com uma relevante expansão ocorrida em 2007 de 33,8%. Em valores, a Holanda importa cerca de 82% de tudo que é vendido pelo Brasil no mercado internacional neste tipo de segmento e os EUA ficam com um pouco mais de 14%. Além desses dois países, o Brasil também diversifica sua exportação para o Canadá, Dinamarca, México, Japão, Portugal, Chile, Venezuela, Reino Unido e Alemanha. Junqueira e Peetz (2008) afirmam que os principais produtos exportados foram bulbos de gladiolos, lírios e amarilis (principalmente para o mercado Holandês) e Caladium para o mercado norte-americano, e que os bulbos saíram dos estados de São Paulo (76,8%), Ceará (23,2%) e uma pequena participação do estado do Espírito Santo.

Na segunda colocação e perdendo a posição de liderança em relação a 2007, vem o segmento de **Mudas de outras plantas ornamentais**, cuja participação no valor

exportado no ano de 2008 chegou a 41,1%, cerca de US\$ 14,7 milhões, e crescimento médio de 7,0% nos últimos 10 anos. Em 1996, esse segmento participava com 56,9% de tudo que era comercializado. Os principais importadores desses produtos foram a Holanda, Estados Unidos, Itália, Japão, Bélgica, Espanha e Canadá. Segundo Junqueira e Peetz (2008), os principais produtos importados deste segmento pelos países são as estacas de crisântemos, cujo nosso parque industrial produtivo é considerado o principal depois da Holanda. As **Flores e botões frescos de corte para buquês e ornamentações** teve como principais produtos exportados até o ano de 2006 as flores de clima temperado, como por exemplo as rosas. Os principais clientes desse produto são Holanda, Portugal, Argentina, Alemanha, Bélgica e EUA. Outras flores importantes desse segmento foram os lisianthus, gérberas e lírios, crisântemos de corte e orquídeas de corte. Para as demais flores, como por exemplo, as temperadas e sub-tropicais, os principais destinos foram EUA, Holanda, Portugal, Canadá, Chile, Alemanha, Suíça e Itália. As flores e folhagens tropicais como helicônias, alpínias, bastão do imperador, ananás ornamental, dracenas, e cordilines tiveram como destino a Europa, principalmente Suíça, Portugal e Holanda. Vale salientar que a partir de 2007 a queda desse segmento ocorreu devido alteração do NCM por parte do MDIC/SECEX que separou algumas flores de corte importantes, como as rosas, o cravo, o crisântemo, as orquídeas e denominou um novo segmento (outros), criando dessa forma novos códigos para os respectivos produtos (tabela 14). O segmento **Folhagens, folhas e ramos cortados frescos e secos**, quarto na pauta de exportações brasileiras, tem como principais clientes Holanda, EUA, Itália e Alemanha. O principal estado fornecedor é Minas Gerais, cuja produção está situada principalmente em Diamantina. Segundo Junqueira e Peetz (2008), o último segmento da pauta das exportações, **Outros produtos da floricultura**, tem como principais produtos mudas de orquídeas, mudas de outras plantas, outras plantas vivas (destinadas ao Uruguai), flores e botões secos cortados para buquês (Holanda, Equador, Japão e Portugal), rododendros e azaléias enxertados ou não (Uruguai), musgos e líquens (EUA e Japão) e estacas não enraizadas e enxertos, que tem como principal cliente o Haiti.

TABELA 13
Valor exportado dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais*

ANO	TOTAL	BULBOS, TUBÉRCULOS, RIZOMAS E SIMILARES	MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	FLORES E BOTÕES FRESCOS DE CORTES P/BUQUÊS E ORNAMENTAÇÕES	FOLHAGEM, FOLHAS E RAMOS CORTADOS, FRESCOS E SECOS	OUTROS PRODUTOS DA FLORICULTURA
1996	11.855.354	2.764.534	6.744.978	420.416	455.976	1.469.450
1997	11.004.990	2.914.266	5.985.741	262.162	400.818	1.442.003
1998	12.042.129	3.522.670	6.671.140	165.432	280.684	1.402.203
1999	13.130.062	4.051.583	6.842.206	156.409	449.908	1.629.956
2000	12.010.545	3.197.038	6.499.245	379.163	1.495.379	439.720
2001	13.746.928	3.354.527	7.376.638	890.527	1.832.277	292.959
2002	16.133.770	4.042.228	8.284.292	2.087.827	1.400.166	319.257
2003	21.398.426	4.715.403	9.715.898	4.234.459	1.934.600	798.066
2004	25.357.195	5.541.358	11.483.390	6.313.500	1.671.901	347.046
2005	27.640.817	6.932.294	12.044.043	6.470.440	1.804.911	389.129
2006	32.329.151	10.495.035	13.549.688	5.295.252	2.123.254	865.922
2007	35.278.392	14.037.802	14.814.826	759.921	2.150.202	573.338
2008	35.596.241	15.777.481	14.637.107	0	2.014.787	781.462

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$

TABELA 14
Correlação da NCM SH-2002 com a NCM SH-2007*

TABELAS DE CORRELAÇÃO		TABELAS DE CORRELAÇÃO	
Correlação NCM 2007 / NCM 2002		Correlação NCM 2002 / NCM 2007	
NCM 2007	NCM 2002	NCM 2002	NCM 2007
0603.11.00	Ex 0603.10.00	0603.10.00	0603.11.00
0603.12.00	Ex 0603.10.00		0603.12.00
0603.13.00	Ex 0603.10.00		0603.13.00
0603.14.00	Ex 0603.10.00		0603.14.00
0603.19.00	Ex 0603.10.00		0603.19.00

TARIFA EXTERNA COMUM - BRASIL

POSIÇÃO DA NCM DE 04/07/2008 - SOMENTE CÓDIGOS A 8 DÍGITOS
(ATUALIZADA ATÉ A RESOLUÇÃO CAMEX No 73, DE 20/11/2008)

0603.11.00	- Rosas	0603.13.00	- Orquídeas
0603.12.00	- Cravos	0603.14.00	- Crisântemos
0603.19.00	- Outros	0603.90.00	- Outros

Antigo código NCM

06031000 - FLORES E SEUS BOTOES,FRESCOS,CORTADOS P/BUQUES,ETC.

Novos códigos NCM

06031100 - ROSAS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES

06031200 - CRAVOS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES.

06031300 - ORQUÍDEAS SEUS BOTS.,CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES

06031400 - CRISÂNTEMOS SEUS BOTS.CORT.P/BUQS.,ORN.FRES

06031900 - OUTROS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES

Fonte: SECEX - MDIC – 2009

* Elaboradas pelo comitê técnico 1 do MERCOSUL

Conforme os dados da tabela 15, o antigo quadro das flores de corte tinha maior representação pelas rosas frescas e pelo segmento “outros”, ou seja, esses dois segmentos sozinhos representavam praticamente tudo que era exportado pelo antigo segmento “FLORES E BOTÕES FRESCOS DE CORTES P/BUQUÊS E ORNAMENTAÇÕES”. Esses novos dados também possibilitam analisar separadamente o aumento das exportações de rosas frescas no anos de 2007 e 2008, fazendo com que esse tipo de interpretação possa apontar e indicar quais características foram essenciais e fundamentais para explicar o aumento da quantidade exportada desse tipo de produto. Em relação ao ano de 2008, o crescimento das exportações de rosas frescas frente a 2007 foi de 27,0%, cerca de US\$ 708.039,00. O volume exportado chegou a praticamente 181 toneladas. Os três primeiros meses foram os melhores conforme dados do SECEX.

Segundo Kiyuna (2008), apesar do crescimento identificado no corrente ano, a comercialização para o exterior de rosas brasileiras foram afetadas basicamente pela paralisação das exportações de São Benedito, no Estado do Ceará, principal pólo exportador e parceiro comercial da Holanda, sendo suspensas durante três a quatro meses consecutivos, enquanto que toda essa produção se dirigiu para o mercado interno (região de Holambra) baixando consideravelmente o preço nacional. Peixoto (2008) explica que os fatores negativos identificados nesse período foram por causa do câmbio desfavorável para as exportações e dos gargalos da logística do transporte aéreo que compensassem o comércio internacional. Um outro ponto a considerar para o final de 2008 e início de 2009, embora o setor apresente dados melhores frente ao ano de 2007, é a relação com a crise americana, que reflete na economia mundial e conseqüentemente nas exportações dos países emergentes, apesar do câmbio favorável neste momento para as exportações brasileiras.

TABELA 15
Valor exportado de flores e botões frescos de cortes p/buquês e ornamentações*

MÊS	2007			2008		
	ROSAS	CRISÂNTEMOS	OUTROS	ROSAS	CRISÂNTEMOS	OUTROS
jan		0	62.534	156.339	0	193.904
fev	94.277	1186	248.238	315.759	0	205.620
mar	99.288	1030	332.926	55.804	0	165.226
abr	30.643	0	216.259	0	0	155.246
mai	22.371	0	191.938	0	0	112.698
jun	1.370	300	139.062	0	0	116.942
jul	1.513	0	99.421	0	0	118.818
ago	3.718	0	167.569	39.909	0	117.298
set	79.796	0	264.337	12.784	0	130.629
out	77.391	0	267.365	24.118	0	145.901
nov	45.637	2	253.003	51.513	0	98.570
dez	101.335	0	139.714	51.813	0	116.513
Total	557.339	2.518	2.382.366	708.039	0	1.677.365

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$

9.2 - PRINCIPAIS CONTINENTES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS EXPORTAÇÕES

Segundo informações do SECEX os principais parceiros comerciais do Brasil nas exportações estão na Europa, América do Norte e Ásia. Dados de 2008 mostram que a União Européia leva praticamente 76,1% do que nós mandamos para o mercado externo, quase 3/4 de tudo que exportamos. Segundo a tabela 16 esses dados representam valores próximos a US\$ 27,0 milhões e desde 1996 acumula um crescimento médio de 9,6%. O preço médio pago pela Europa pelas nossas exportações gira em torno de 3,2 US\$/Kg, abaixo do que é praticado pelos outros continentes parceiros. Apesar dos preços mais baixos, a Europa ainda é o continente de possíveis e novas parcerias, uma vez que boa parte de nossa produção que segue ainda são adquiridas por muitos países que fazem parte do bloco. Para a América do Norte, as nossas exportações expandiram bastante desde 1996, evoluindo e crescendo com um resultado médio aproximado de 25,8%. A participação do continente nas nossas exportações passou de 5,6% em 1996 para 19,9% em 2008, chegando nesse ano com valores próximos a US\$ 7,1 milhões comercializados. O preço médio de 4,2 US\$/Kg, chegando a 7,3 US\$/Kg pagos em 2008, mostra que existem outros possíveis e novos parceiros que estão dispostos a pagar bem pelas nossas exportações, como também demonstra que esses países estão buscando novos parceiros em todo o

mundo, principalmente os países de clima tropical que produzem belas flores e resistentes plantas ornamentais. O segmento Ásia e Outros também se configuram como possíveis e futuros novos parceiros do Brasil, apesar de uma queda expressiva das exportações para os dois segmentos em 2008, mas que permite identificar a possibilidade do país em buscar novas janelas de mercado para o escoamento de nossa produção.

TABELA 16
Valor exportado de flores e plantas ornamentais para os principais continentes parceiros*

ANO	TOTAL	% **	UE	% **	AMÉR. NORTE	% **	ASIA	% **	OUTROS	% **
1996	11.855.354	-	9.658.591	-	668.963	-	662.859	-	864.941	-
1997	11.004.990	-7,2	8.461.340	-12,4	758.725	13,4	861.216	29,9	923.709	6,8
1998	12.042.129	9,4	9.538.112	12,7	630.149	-16,9	890.346	3,4	983.522	6,5
1999	13.130.062	9,0	10.386.599	8,9	841.520	33,5	1.162.497	30,6	739.446	-24,8
2000	12.010.545	-8,5	9.131.477	-12,1	891.109	5,9	1.160.567	-0,2	827.392	11,9
2001	13.746.928	14,5	9.930.044	8,7	1.432.992	60,8	1.014.561	-12,6	1.369.331	65,5
2002	16.133.770	17,4	12.124.204	22,1	2.299.903	60,5	1.073.565	5,8	636.098	-53,5
2003	21.398.426	32,6	14.584.966	20,3	4.688.610	103,9	1.024.944	-4,5	1.099.906	72,9
2004	25.357.195	18,5	17.263.016	18,4	6.074.477	29,6	1.276.614	24,6	743.088	-32,4
2005	27.640.817	9,0	18.365.367	6,4	7.267.153	19,6	1.254.395	-1,7	753.902	1,5
2006	32.329.151	17,0	21.644.102	17,9	8.162.225	12,3	1.188.929	-5,2	1.333.895	76,9
2007	35.278.392	9,1	25.222.914	16,5	8.263.118	1,2	874.517	-26,4	917.843	-31,2
2008	35.596.241	0,9	27.083.792	7,4	7.098.117	-14,1	728.824	-16,7	685.508	-25,3

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$

** Crescimento: Ano atual/Ano anterior

9.3 - PRINCIPAIS PAÍSES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS EXPORTAÇÕES

Os principais parceiros comerciais do Brasil nas exportações de flores e plantas ornamentais situam-se principalmente na União Européia e América do Norte. Os países que passam da casa do milhão exportado em 2008 são a Holanda, Estados Unidos e Itália. A participação desses países juntos leva aproximadamente 87,4% de nossas exportações, o que equivale a US\$ 31,1 milhões (tabela 17). Dentre esses países, os Estados Unidos é o que mais cresceu no período de 1996 a 2008, ou seja, 27,7%, passando a Itália em 2002 e ficando com a segunda posição no valor de nossas exportações. O Japão aparece em quinto lugar no ano de 2008, perdendo para a Bélgica a colocação, e apesar da queda, ainda mantém uma posição de destaque desde 1996, se configurando ainda como um importante parceiro comercial. A Bélgica,

por sua vez, obteve um extraordinário crescimento, como também um aumento na participação e passando o Japão em 2008, com uma diferença de US\$ 148 mil no consumo de flores e plantas ornamentais do Brasil. A Alemanha, que havia perdido em 2006 para o Canadá a posição, recupera em 2008 e se mantém em sexto atrás do Japão, se configurando também como bom parceiro comercial nas nossas exportações. Portanto, existe na Europa novos países de grande porte comprador e na América do Norte o Canadá, dando ao Brasil maiores possibilidades de busca de novos e promissores clientes.

O preço praticado em 2008 pelos países parceiros comerciais com o Brasil permite identificar por segmento o mais alto valor e o melhor comprador que o país possui no fornecimento desses produtos, a ponto de pontuar quais seriam os melhores mercados a serem explorados. Dentre os produtos comercializados a Holanda é o país que mais compra produtos brasileiros, porém paga os menores preços para o Brasil. Em seguida em números de produtos comercializados vem os EUA, a Itália, a Alemanha, Portugal, Chile, etc. As mudas de um modo geral são produtos que custam mais caro para nossos parceiros. Em relação aos “Bulbos, Tubérculos, Rizomas, etc., em repouso vegetativo”, a Itália é o país que melhor paga pelo produto. No caso das flores de corte, mas especificamente as rosas, a Holanda que importou praticamente mais que o dobro da quantidade que importou Portugal, pagou pelo nosso produto apenas US\$ 2,5, frente aos US\$ 7,8 pagos por Portugal em 2008 (tabela 19).

Vários são os parceiros comerciais do Brasil nas exportações de flores e plantas ornamentais. Temos muitos países da Europa, o México também é parceiro comercial do país na América do Norte, o Japão também é um bom mercado a ser mais explorado, e na América do Sul temos a Argentina, o Chile e o Uruguai.

Portanto, podemos explorar mais outros países que poderão se configurar em promissores compradores de nossos produtos, não deixando de lado àqueles que já são potenciais importadores e que garantem também o aumento expressivo de nossas exportações à nível mundial.

TABELA 17
Principais países parceiros comerciais das exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais*

PAÍS	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Holanda	5.726.562	6.616.378	6.773.929	5.740.984	6.194.326	7.958.637	10.308.502	12.387.244	13.017.739	16.461.654	20.223.474	22.067.059
EUA	539.110	518.712	724.960	719.031	1.235.856	2.152.086	4.470.758	5.782.823	6.847.671	7.315.232	7.428.815	6.376.825
Itália	2.043.969	2.212.446	2.103.292	1.944.928	2.016.536	2.082.544	2.194.672	2.207.202	2.510.791	2.728.302	2.455.798	2.656.913
Bélgica	37.705	2.954	9.703	76.260	18.771	6.451	32.821	432.561	668.021	713.434	755.384	824.912
Japão	774.392	843.622	1.046.123	1.090.329	909.353	940.276	872.145	1.187.794	1.163.295	1.133.061	809.744	677.723
Alemanha	301.449	256.672	306.770	332.083	299.179	442.455	487.726	525.004	470.332	358.977	608.290	622.308
Canadá	106.746	37.553	49.562	25.901	23.618	3.448	55.702	172.181	286.756	566.951	638.964	586.749
Portugal	71.608	41.225	18.656	73.018	298.420	557.469	368.053	511.380	445.591	542.282	576.660	453.304
Espanha	188.132	170.238	190.881	105.255	74.924	194.184	132.336	202.180	396.753	476.920	328.110	102.645
Argentina	542.921	475.681	287.652	348.333	455.714	79.200	210.717	149.790	174.445	153.810	212.442	87.848
Chile	43.616	62.794	20.561	13.598	23.402	27.690	48.950	83.865	79.977	87.544	223.928	168.452
Uruguai	258.073	338.391	323.388	267.993	490.696	289.395	386.329	333.877	285.173	782.413	170.580	166.622
México	112.869	73.884	66.998	146.177	173.518	144.369	162.150	119.473	132.726	280.042	195.339	134.543
Dinamarca	14.353	25.519	198.262	260.266	355.980	305.389	398.078	413.822	353.166	132.967	33.336	57.606
Inglaterra	36.511	131.415	645.448	535.819	608.637	476.689	464.786	536.996	266.135	40.119	46.467	31.986
Outros	206.974	234.645	363.877	330.570	567.998	473.488	804.701	311.003	542.246	555.443	571.061	580.746
TOTAL	11.004.990	12.042.129	13.130.062	12.010.545	13.746.928	16.133.770	21.398.426	25.357.195	27.640.817	32.329.151	35.278.392	35.596.241

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$

TABELA 18
Participação do valor nas exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais dos países parceiros comerciais*

PAÍS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Holanda	59,4	52,0	54,9	51,6	47,8	45,1	49,3	48,2	48,9	47,1	50,9	57,3	62,0
EUA	4,5	4,9	4,3	5,5	6,0	9,0	13,3	20,9	22,8	24,8	22,6	21,1	17,9
Itália	14,6	18,6	18,4	16,0	16,2	14,7	12,9	10,3	8,7	9,1	8,4	7,0	7,5
Bélgica	0,2	0,3	0,0	0,1	0,6	0,1	0,0	0,2	1,7	2,4	2,2	2,1	2,3
Japão	5,0	7,0	7,0	8,0	9,1	6,6	5,8	4,1	4,7	4,2	3,5	2,3	1,9
Alemanha	3,7	2,7	2,1	2,3	2,8	2,2	2,7	2,3	2,1	1,7	1,1	1,7	1,7
Canadá	0,6	1,0	0,3	0,4	0,2	0,2	0,0	0,3	0,7	1,0	1,8	1,8	1,6
Portugal	0,7	0,7	0,3	0,1	0,6	2,2	3,5	1,7	2,0	1,6	1,7	1,6	1,3
Espanha	2,1	1,7	1,4	1,5	0,9	0,5	1,2	0,6	0,8	1,4	1,5	0,9	0,3
Argentina	2,6	4,9	4,0	2,2	2,9	3,3	0,5	1,0	0,6	0,6	0,5	0,6	0,2
Chile	0,7	0,4	0,5	0,2	0,1	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3	0,3	0,6	0,5
Uruguai	2,9	2,3	2,8	2,5	2,2	3,6	1,8	1,8	1,3	1,0	2,4	0,5	0,5
México	0,5	1,0	0,6	0,5	1,2	1,3	0,9	0,8	0,5	0,5	0,9	0,6	0,4
Dinamarca	0,5	0,1	0,2	1,5	2,2	2,6	1,9	1,9	1,6	1,3	0,4	0,1	0,2
Inglaterra	0,1	0,3	1,1	4,9	4,5	4,4	3,0	2,2	2,1	1,0	0,1	0,1	0,1
Outros	2,0	1,9	1,9	2,8	2,8	4,1	2,9	3,8	1,2	2,0	1,7	1,6	1,6
TOTAL	100,0												

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* %

TABELA 19
Preço das exportações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*

SEGMENTOS	Holanda	EUA	Itália	Bélgica	Japão	Alemanha	Canadá	Portugal	Chile	Uruguai	Polônia	México
BULBOS,TUBERCULOS,RI ZOMAS,ETC.EM												
REPOUSO VEGETATIVO	2,3	2,5	8,8	-	-	-	2,5	-	2,1	2,2	-	2,5
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	21,9	49,8	14,7	50,1	19,2	33,1	29,3	93,1	39,8	5,8	30,9	35,5
OUTRAS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES.	4,0	6,8	2,9	-	-	5,5	4,2	3,4	8,6	4,1	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS, FRES- COS, P/BUQUES,ETC.	1,7	4,1	2,4	-	-	3,4	4,4	2,7	14,4	-	3,9	-
ROSAS E SEUS BOTÕES, CORT.P/BUQUÊS,ORN. FRES.	2,5	-	-	3,6	-	3,7	-	7,8	24,8	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS,SECOS, ETC.P/BUQUES,ETC	1,9	5,5	8,2	-	-	2,0	-	174,0	-	-	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,E TC.EM VEGET.EM FLOR												
MUDA DE CHICORIA	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS	466,5	201,1	-	-	454,7	132,7	-	26,4	65,7	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	9,4	-	-
FLORES E SEUS BOTÕES SECOS,ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	20,0	1,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS	-	17,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS RODODENDROS E AZALEIAS,ENXERTADOS OU NAO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,1	-	-
MUDAS DE CANA-DE- AÇÚCAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	102,5
MUDAS DE VIDEIRA ESTACAS NÃO ENRAI- ZADAS E ENXERTOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$/Kg

TABELA 19
Preço das exportações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*

SEGMENTOS	Angola	Espanha	Argentina	Dinamarca	República Tcheca	Paraguai	Equador	França	Hungria	Reino Unido	Índia
BULBOS,TUBERCULOS,RI ZOMAS,ETC.EM											
REPOUSO VEGETATIVO	-	-	-	3,2	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	-	16,7	28,3	5,2	30,9	-	-	191,0	-	183,6	-
OUTRAS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS, FRES- COS, P/BUQUES,ETC.	-	3,3	-	5,2	7,3	-	-	21,4	-	-	2,9
ROSAS E SEUS BOTÕES, CORT.P/BUQUÊS,ORN. FRES.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS,SECOS, ETC.P/BUQUES,ETC	-	9,5	-	-	-	-	-	-	10,5	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,E TC.EM VEGET.EM FLOR											
MUDA DE CHICORIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS	-	-	-	464,0	-	-	-	25,0	-	149,7	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	2,2	-	-	-	-	1,0	-	-	-	-	-
FLORES E SEUS BOTÕES SECOS,ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	-	-	-	-	-	-	98,6	-	-	-	-
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS	18,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS	4,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RODODENDROS E AZALEIAS,ENXERTADOS OU NAO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE CANA-DE- AÇÚCAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE Videira	33,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTACAS NÃO ENRAI- ZADAS E ENXERTOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$/Kg

TABELA 19
Preço das exportações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*

SEGMENTOS	China	Ucrânia	Bolívia	Indonésia	Gana	Suíça	Taiwan	Tailândia	Grécia	Guiana Francesa
BULBOS,TUBERCULOS,RI ZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	93,2	28,1	14,3	-	24,2	28,1	209,0	330,9	30,3	-
OUTRAS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES.	-	-	-	-	-	3,7	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS, FRES- COS, P/BUQUES,ETC.	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ROSAS E SEUS BOTÕES, CORT.P/BUQUÊS,ORN. FRES.	-	-	-	-	-	5,9	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS,SECOS, ETC.P/BUQUES,ETC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,E TC.EM VEGET.EM FLOR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDA DE CHICORIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS	-	144,8	-	-	-	17,5	138,9	-	-	23,2
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	-	-	-	468,8	-	-	-	-	-	-
FLORES E SEUS BOTÕES SECOS,ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS RODODENDROS E AZALEIAS,ENXERTADOS OU NAO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE CANA-DE- AÇÚCAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE Videira ESTACAS NÃO ENRAI- ZADAS E ENXERTOS	-	-	14,5	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$/Kg

TABELA 19
Preço das exportações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*

SEGMENTOS	Rússia	Peru	Egito	Coreia do Sul	Emirados Árabes	Colômbia	Cabo Verde	Hong Kong	África do Sul	Israel
BULBOS,TUBERCULOS,RI ZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	-	-	24,1	35,9	-	212,5	-	-	-	-
OUTRAS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES.	-	13,9	-	-	-	-	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS, FRES- COS, P/BUQUES,ETC.	-	17,0	-	-	-	-	-	-	-	-
ROSAS E SEUS BOTÕES, CORT.P/BUQUÊS,ORN. FRES.	-	10,7	-	-	5,7	-	12,6	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS,SECOS, ETC.P/BUQUES,ETC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,E TC.EM VEGET.EM FLOR MUDA DE CHICORIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	244,4	-	-	-	-	-	-	50,3	209,0	78,3
FLORES E SEUS BOTÕES SECOS,ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS RODODENDROS E AZALEIAS,ENXERTADOS OU NAO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE CANA-DE- AÇÚCAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE Videira ESTACAS NÃO ENRAI- ZADAS E ENXERTOS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$/Kg

9.4 - PRINCIPAIS CONTINENTES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS IMPORTAÇÕES

O Brasil é um país que além de exportar flores e plantas ornamentais, necessita também importar do comércio internacional diversos produtos da floricultura, seja para consumo direto (para abastecer o seu mercado, uma vez que é em alguns casos deficiente na produção de determinadas espécies e que precisa suprir daquelas que mesmo produzindo se esgota com a grande demanda interna), seja para aquisição de insumos, que são utilizados principalmente para a propagação das espécies, para reprodução ou para melhoramentos genéticos.

Analisados em bloco ou em continentes, o país segue importando de vários parceiros comerciais, dentre eles a Europa, que participou com aproximadamente 57,9% do valor pago em 2008 pelo Brasil para adquirir as flores e plantas ornamentais, seguida pela América do Sul e pelo segmento “Outros”. Outras informações também mostram um fato interessante sobre a participação da Europa na importação do Brasil: em 1996 a participação dos dois principais continentes fornecedores de flores e plantas ornamentais para o país estava na casa dos 38,0%, aumentando consideravelmente a escolha de se obter os produtos oriundos do velho continente, ou seja, o crescimento nesse período foi de aproximadamente 14,0% contra os 12,0% da América do Sul, e essa migração foi transferida basicamente do segmento Outros que caiu de 23,8% para 4,8% a sua participação, com queda no valor importado de 0,6%. Essa escolha pode ter ocorrido pela forte parceria que o Brasil tem com a Europa na comercialização dos produtos da floricultura, como também pelo aumento no nível da qualidade que as flores e plantas ornamentais possuem atualmente em alguns países europeus, fazendo com que essa migração reflita no valor que deixa de ser importado pelo segmento “Outros” e passa a ser fortemente distribuído na União Européia.

9.5 - PRINCIPAIS PAÍSES PARCEIROS COMERCIAIS DO BRASIL NAS IMPORTAÇÕES

Vários são os países ou parceiros internacionais das importações brasileiras, dentre eles a Holanda, a Itália e a França (continente europeu), a Colômbia, o Chile, a

Argentina, o Equador, Uruguai e a Costa Rica (continente americano), Israel e a Tailândia (no continente asiático). O país que mais participa das nossas importações é a Holanda com aproximadamente 55,3% de participação, e que obteve um crescimento geométrico de 11,0% entre 1996 a 2008. O valor ganho pela Holanda no ano de 2008 chegou próximo a casa dos US\$ 7,8 milhões e os produtos que mais influenciaram nesse valor total em 2008 foram os “Bulbos, tubérculos, rizomas em repouso vegetativo” e as “mudas de orquídeas” com preços respectivos de US\$ 4,3 e US\$ 155,7 por quilograma. Segundo país mais importante na pauta de importações e com uma participação de 17,9% é a Colômbia, seguida pelo Chile (10,9%), Argentina, Itália, Equador, Israel, Uruguai, Tailândia, Costa Rica e França. O país que mais evoluiu nas importações do Brasil foi a Argentina, seguido pelo Chile e pela Itália (tabela 20).

O preço pode ser um indicativo de qualidade do produto, nível de inserção de tecnologia, quantidade importada ou de tendências de mercado. Vistos separadamente dentro do segmento de flores e plantas ornamentais, os preços pagos pelo Brasil para determinado parceiro comercial das nossas importações permite identificar em qual produto o país está ganhando ou perdendo em relação ao preço praticado, como também analisar em qual segmento específico o Brasil está pagando mais baixo ou mais alto para determinado país. A Holanda que participa com 55,3% das nossas importações e o país que mais vende produtos para o Brasil e que pratica os maiores preços. No segmento de flores de corte, por exemplo, as rosas que vêm da Holanda detém os maiores preços praticados. Enquanto pagamos US\$ 4,3 para Colômbia e US\$ 2,1 para o Equador, a Holanda nos vendeu por US\$ 16,8 em 2008. A mesma coisa acontece com o segmento “Outras Flores, seus botões cortados para buquês ornamentais frescos”, neste caso possivelmente as tulipas (tabela 21).

Duas características são fundamentais para o Brasil melhorar o suprimento interno dos produtos da floricultura: uma é ser auto suficiente em produção e a outra é buscar novos parceiros para diminuir a necessidade de importar da Holanda os produtos da floricultura.

TABELA 20
Principais países parceiros nas importações brasileiras de flores e plantas ornamentais*

ANO	Holanda	Colômbia	Chile	Argentina	Itália	Israel	Equador	Uruguai	Tailândia	Costa Rica	França	Outros
1996	2.228.218	1.427.657	211.164	40.304	65.583	496.667	602.716	32.500	161.961	0	2.540	912.015
1997	1.818.198	2.122.445	153.164	127.095	123.332	69.863	737.670	18.226	154.201	5.000	15.440	531.266
1998	2.015.787	2.824.761	101.455	155.135	632.662	320.356	1.186.063	8.465	94.586	13.877	52.824	555.725
1999	1.906.495	1.356.227	103.085	199.033	588.834	212.732	522.473	1.123	42.025	12.600	50.677	481.605
2000	2.343.744	1.065.233	178.461	130.148	831.421	365.461	641.243	0	37.744	71.325	129.105	620.490
2001	2.690.297	975.114	308.914	78.865	903.186	129.669	499.233	0	37.463	138.823	334.467	998.389
2002	3.105.755	1.093.438	491.226	180.825	852.048	75.188	225.254	27.400	21.253	919.618	1.042.983	175.739
2003	4.116.786	738.828	410.314	113.557	373.116	10.095	36.930	0	14.758	360.966	361.243	333.350
2004	3.931.860	787.044	517.768	102.497	307.818	121.518	14.980	27.400	33.461	222.375	556.402	113.402
2005	2.848.842	1.012.852	685.724	127.639	195.286	423.314	52.074	17.400	42.931	0	0	215.711
2006	4.858.909	1.197.154	1.280.569	334.397	236.895	132.619	134.934	50.830	61.024	362.981	1.408	106.750
2007	6.028.895	1.624.021	1.302.418	450.102	263.596	192.957	242.977	202.275	173.965	160.670	477	145.792
2008	7.794.002	2.529.300	1.541.374	664.891	304.016	172.427	250.283	21.336	213.886	0	3.485	609.553

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$

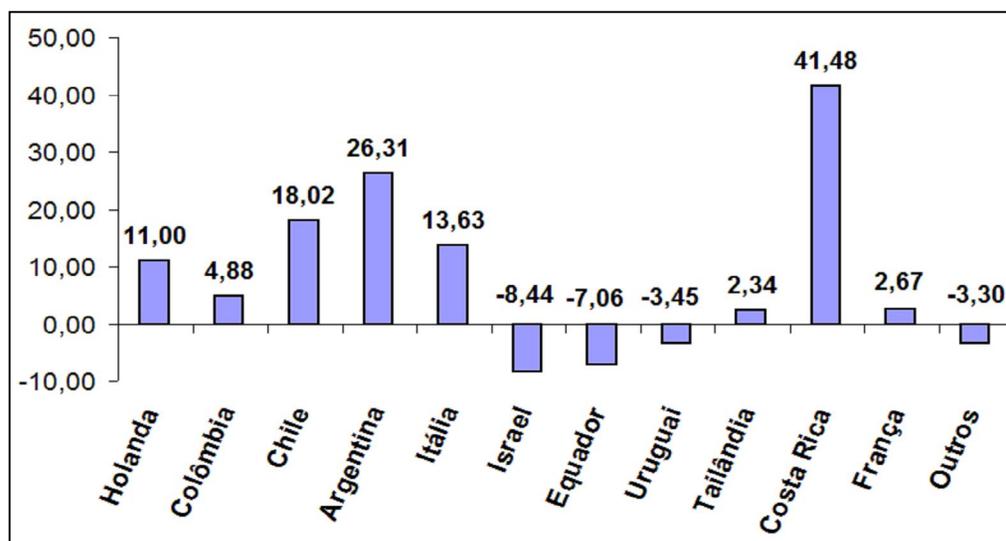


Gráfico 21: Crescimento geométrico dos principais países parceiros nas importações brasileiras de flores e plantas ornamentais -1996 – 2008 (%)

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

TABELA 21
Preço das importações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*

SEGMENTOS	Holanda	Colômbia	Chile	Argentina	Itália	Bolívia	Equador	Tailândia	Israel	Taiwan
BULBOS,TUBERCULOS,RIZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO	4,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS	155,7	-	-	-	-	-	-	23,1	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	89,2	64,2	19,9	-	73,5	9,6	-	-	481,6	7,8
OUTRAS FLORS.SEUS BOTS. CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES	18,6	3,3	-	-	-	-	2,1	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	24,9	-	5,7	5,4	68,2	-	-	-	-	-
ROSAS E SEUS BOTÕES CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES.	16,8	4,3	-	-	-	-	2,1	-	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,ETC.EM VEGET.EM FLOR,MUDA DE CHICORIA	3,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CRAVOS E SEUS BOTÕES, CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES.	-	5,2	-	-	-	-	1,5	-	-	-
FLORES E SEUS BOTÕES SECOS,ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	-	33,9	-	2,7	-	-	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAMOS DE PLANTAS,SECOS,ETC, P/BUQUES,ETC	-	47,2	-	4,9	-	-	-	4,0	-	-
MUDAS DE VIDEIRA	-	-	-	-	31,2	-	-	-	-	-
ESTACAS NAO ENRAIZADAS E ENXERTOS	-	-	-	-	6,0	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS MUSGOS E LINQUENS P/BUQUES OU ORNAMENTACAO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,0
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

*** US\$/Kg**

TABELA 21
Preço das importações brasileiras dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais em 2008*

SEGMENTOS	Japão	China	Cabo Verde	Alemanha	EUA	Uruguai	Espanha	Austrália	França	África do Sul
BULBOS,TUBERCULOS,RIZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS	32,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	-	-	-	92,0	253,8	-	6,2	-	-	-
OUTRAS FLORS.SEUS BOTS. CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	-	-	-	-	5,7	-	56,0	-	-	-
ROSAS E SEUS BOTÕES CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,ETC.E M VEGET.EM FLOR,MUDA DE CHICORIA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CRAVOS E SEUS BOTÕES, CORT.P/BUQUÊS,ORN.FRES.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FLORES E SEUS BOTÕES SECOS,ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	-	-	-	-	-	-	-	-	47,1	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAMOS DE PLANTAS,SECOS,ETC, P/BUQUES,ETC	-	7,5	-	-	3,8	-	-	-	-	-
MUDAS DE VIDEIRA	-	-	-	-	18,3	-	-	-	-	12,8
ESTACAS NAO ENRAIZADAS E ENXERTOS	-	-	-	265,1	-	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS MUSGOS E LINQUENS P/BUQUES OU ORNAMENTACAO	-	-	22,0	-	-	-	-	-	-	-
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS	-	-	-	-	-	496,2	-	51,5	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

*** US\$/Kg**

O que o Brasil importa de produtos da floricultura serve basicamente para manter a atividade em desenvolvimento e sempre em manutenção. A aquisição internacional desses produtos, principalmente materiais de propagação como bulbos e mudas de outras plantas, aponta para o curto prazo na estabilidade da produção de flores e plantas ornamentais no país (JUNQUEIRA e PEETZ, 2008). Além dos já citados, outros produtos ou insumos necessários para a continuidade da produção são: tubérculos, rizomas e similares em repouso vegetativo, mudas de outras plantas ornamentais, mudas de orquídeas, estacas não enraizadas e enxertos. Também fazem parte das importações brasileiras, mas com importância secundária, rosas e seus botões frescos de corte, outras flores e botões frescos de corte, cravos e seus botões frescos de corte, flores e seus botões secos de corte, folhagens e ramos secos de corte e outras plantas vivas.

Segundo dados do ALICEWEB (tabela 22), o segmento que mais importamos é o de bulbos, tubérculos e rizomas com gastos próximos a US\$ 4,7 milhões, representando cerca de 33,3% de participação em 2008 e crescimento de 13,6% em relação ao ano de 2007. Em seguida, e praticamente a metade do que é importado de bulbos, vem mudas de outras plantas com 15,8% de participação no total, chegando próximo a US\$ 2,3 milhões e crescimento em torno de 15,3% em relação a 2007. Em terceiro está o de mudas de orquídeas com US\$ 2,4 milhões, participação de 16,9% e crescimento em torno de 72,0% (produto que mais evoluiu nas importações brasileiras desde 1996). Já na quarta colocação está um produto que é adquirido basicamente para o consumo direto, o de rosas e seus botões frescos de corte, que começa a se configurar como um dos principais produtos importados no setor da floricultura nacional e que já pode ser analisado separadamente a partir de 2007, quando ocorreram mudanças nas normas dos códigos utilizados pelos principais órgãos do comércio exterior no Brasil, dentre eles o MDIC. Esse segmento pagou um pouco mais de US\$ 2 milhões no ano de 2008, crescendo em torno de 39,9% em relação ao ano anterior e com participação com 14,5% do que foi importado no ano passado. Ainda na casa do milhão importado, está o de mudas de outras plantas ornamentais, cuja participação foi de 12,2% em 2008, ou seja, com valores importados de US\$ 1,7 milhão e crescimento

de 54,1% em relação a 2007. Em seguida vem outros produtos utilizados tanto como insumos quanto para consumo direto. São eles: “Outras flores e seus botões cortados, para buquês, ornamentais frescos”, “Cravos e seus botões, cortados para buquês, ornamentais frescos”, “Folhagens, folhas, ramos, plantas, secos etc. para buquês”, “Flores seus botões, secos, etc. cortados, para buquês, etc.”, “Outras plantas vivas”, “Estacas não enraizadas e enxertos”, “Mudas de videira”, “Bulbos, tubérculos, etc. em vegetais, em flor, muda de chicória”, “Árvores, arbustos e silvados, de frutos comestíveis”, “Micélios de cogumelos” e finalmente “Musgos e línquens para buquês ou ornamentação”.

Em relação aos países que exportam para o Brasil, a Holanda é o que mais nos fornece produtos. Dentre os vários segmentos que entram no mercado interno, a Holanda é responsável por aqueles que são mais voltados para o desenvolvimento da produção e em segundo plano, para consumo interno, como por exemplo, rosas frescas. Em seguida, de uma forma diferente do país anterior, vem a Colômbia, que disponibiliza produtos que são mais utilizados no comércio, como rosas, cravos, folhagens, etc. Seguindo a linha Holandesa, estão países como Chile, Itália, Israel, etc. e parecidos com a Colômbia estão Argentina, Equador, etc. (tabelas 24 e 25).

TABELA 22
Valor importado dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais (US\$)

ANO	Bulbo,Tubérculo, Rizomas em Repouso Vegetativo	Mudas de Outras Plantas	Mudas de Orquídeas	Rosas e seus Botões,Cort.P/ Buquês,Orna. Frescos	Mudas de Outras Plantas Ornamentais	Outros Flors.seus Bots.Cort.P/Buqu ês, Orn.Fres	Cravos e seus Bot. Cort.P/Buquês, Ornam.Frescos	Folhagens, Folhas,Ramo Plantas,SecoEtc. P/Buquê
1996	713.661	748.265	386.775	0	507.372	0	0	73.835
1997	685.759	171.846	287.308	0	912.274	0	0	164.690
1998	892.769	391.249	229.984	0	946.226	0	0	53.218
1999	1.140.619	317.929	129.371	0	893.857	0	0	52.972
2000	1.461.355	593.348	95.435	0	969.129	0	0	42.643
2001	1.337.043	667.206	73.687	0	980.695	0	0	37.247
2002	1.464.521	1.228.578	41.079	0	856.753	0	0	18.957
2003	2.010.065	571.468	34.220	0	1.034.383	0	0	32.343
2004	2.456.875	468.825	253.162	0	1.089.968	0	0	15.872
2005	1.812.713	692.768	790.369	0	437.745	0	0	2.559
2006	2.767.970	1.943.408	1.059.351	0	700.619	0	0	8.142
2007	4.131.421	1.933.390	1.385.061	1.460.510	1.117.757	242.859	160.119	26.447
2008	4.692.065	2.228.263	2.382.694	2.043.004	1.722.709	486.386	229.949	55.145

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

TABELA 23
Valor importado dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais (US\$)

ANO	Mudas de Videira	Flors seus Botões,Secos ,Etc.Cortados, P/Buques,Etc	Outras Plantas Vivas	Estacas não Enraizadas e Enxertos	Musgos e Líquens,P/Buq uês ou Ornamentação	Árvores Arbustos e Silvados, de Frutos Comestíveis	Bulbos,Tubérculos,etc.e m Veget.em Flor,Muda de Chicória	Micélios de Cogumelos
1996		425.947	256.826	25.291				
1997		94.278	135.011	12.110				
1998		77.598	160.005	194.108				
1999		8.451	83.312	0				
2000		12.679	164.741	18.279				
2001		21.686	93.702	497				
2002		2.534	483.775	8.580				
2003		6.594	407.740	679				
2004		16.498	518.138	3.365				
2005		4.454	255.759	0				
2006	207.757	9.906	14.477	3.653				
2007	241.474	27.935	22.034	2.254	0	0	0	0
2008	149.065	16.390	17.505	4.316	43.915	27.520	5.627	0

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

TABELA 24
Principais produtos fornecidos pelos atuais parceiros comerciais do Brasil

SEGMENTOS	Holanda	Colômbia	Chile	Argentina	Itália	Israel	Equador	Uruguai	Tailândia	Costa Rica	França	Alemanha	Austrália
BULBOS,TUBERCULOS,RI ZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO	x												
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	x		x	x	x			x		x			
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	x	x	x		x	x						x	
MUDAS DE ORQUIDEAS ESTACAS NAO ENRAIZADAS E ENXERTOS	x				x				x			x	
ROSAS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊ S,ORN.FRES	x	x					x						
OUTROS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES	x	x					x						
CRAVOS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊ S,ORN.FRES		x					x						
FLORES E SEUS BOTOES,SECOS,ETC.CO RTADOS P/BUQUES,ETC		x		x							x		
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS,SECOS,ETC.P/ BUQUES,ETC		x		x					x				
OUTRAS PLANTAS VIVAS MUDAS DE Videira			x			x		x					
BULBOS,TUBERCULOS,E TC.EM VEGET.EM FLOR,MUDA DE CHICORIA	x					x							
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS								x					x
MICELIOS DE COGUMELOS MUSGOS E LINQUENS,P/BUQUES OU ORNAMENTACAO													

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

TABELA 25
Principais produtos fornecidos pelos atuais parceiros comerciais do Brasil

SEGMENTOS	Bolívia	Cabo Verde	China	Taiwan	Espanha	EUA	Filipinas	Indonésia	Japão	Portugal	Inglaterra	Sri Lanka	África Sul
BULBOS,TUBERCULOS,RI ZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO													
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS					X	X				X			
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	X		X	X	X	X							
MUDAS DE ORQUIDEAS						X			X				
ESTACAS NAO ENRAIZADAS E ENXERTOS										X			
ROSAS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊ S,ORN.FRES													
OUTROS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES													
CRAVOS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊ S,ORN.FRES													
FLORES E SEUS BOTOES,SECOS,ETC.CO RTADOS P/BUQUES,ETC			X				X				X	X	
FOLHAGEM,FOLHAS,RAM OS DE PLANTAS,SECOS,ETC.P/ BUQUES,ETC			X			X		X					
OUTRAS PLANTAS VIVAS MUDAS DE Videira				X									
BULBOS,TUBERCULOS,E TC.EM VEGET.EM						X							X
FLOR,MUDA DE CHICORIA													
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS										X			
MICELIOS DE COGUMELOS						X							
MUSGOS E LINQUENS,P/BUQUES OU ORNAMENTACAO		X											

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

Vale salientar que atualmente a aquisição internacional do Brasil pelos produtos da floricultura e plantas ornamentais está voltado principalmente e primeiramente para os insumos e/ou materiais de propagação, e secundariamente para o consumo direto. Os primeiros são utilizados basicamente para o desenvolvimento interno da produção como também para manutenção da atividade, e o segundo para o consumo interno de algumas flores e plantas que não são produzidas internamente ou que se esgotam rapidamente pelo pujante mercado nacional. Do total das importações brasileiras, 79,3% desse valor referem-se aos insumos, o que equivale aproximadamente a US\$ 11,2 milhões investidos contra US\$ 2,9 milhões do consumo direto ou 20,7% de participação. Em volume comercializado, os materiais para insumos chegam a 1.598 ton contra 732 ton dos produtos voltados para o consumo do mercado interno (tabela 26).

Os dados desta tabela também permitem identificar a importância da participação dos insumos nas importações brasileiras, uma vez que isto pode significar melhorias tecnológicas e investimentos em cultivares fundamentais para a produção de flores e plantas ornamentais e que possivelmente vão gerar maior valor agregado internamente, diversificando a qualidade desses produtos que serão produzidos e conseqüentemente ampliando as opções de compra dos consumidores brasileiros.

TABELA 26
Participação das importações dos principais produtos da floricultura

Importação em valor	US\$	Participação
Total	14.104.553	100,0
Insumos	11.184.739	79,3
Consumo direto	2.919.814	20,7
Importação em volume	Kg	Participação
Total	2.330.256	100,0
Insumos	1.598.319	68,6
Consumo direto	731.937	31,4

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

9.6 - PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS BRASILEIROS NO VALOR DAS EXPORTAÇÕES

O mapeamento realizado em 2005 pela pesquisa do IBRAFLOR (Instituto Brasileiro de Floricultura) identificou doze pólos de produção ou pontos estratégicos que possuem características diferenciadas entre si tanto à nível de qualidade quanto à nível de quantidade dos produtos, e que foram divididos e classificados segundo os seus níveis de produção, estágio tecnológico, em grau de organização dos produtores, inserção no mercado e o potencial exportador (tabela 27).

TABELA 27
Principais pólos de produção de flores e plantas ornamentais no Brasil

Principais tipos de pólos estratégicos	Pólos produtores
1. Pólos com inserção definida e estratégias efetivas de crescimento no mercado internacional	<ul style="list-style-type: none"> • Pólos Produtivos do Estado de São Paulo (I e II); • Pólo Produtivo de Santa Catarina; • Pólos Produtivos do Nordeste (Pernambuco, Alagoas e Ceará).
2. Pólos com inserção parcial e em fase de definição de estratégias efetivas de crescimento no mercado internacional	<ul style="list-style-type: none"> • Pólo Produtivo do Rio Grande do Sul; • Pólo Produtivo de Minas Gerais; • Pólo Produtivo do Rio de Janeiro.
3. Pólos com foco prioritário na consolidação da produção da floricultura local e no auto abastecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Pólo Produtivo do Paraná; • Pólo Produtivo de Goiás e Distrito Federal; • Pólo Produtivo da Bahia e Espírito Santo; • Pólo Produtivo da Região Norte.

Fonte: IBRAFLOR - 2005

O pólo 1 se destaca pela articulação eficiente e madura dos órgãos e entidades públicas e privadas locais que visam a exportação dos produtos, baseados em pesquisas e estudos que identificam promissores mercados consumidores, e que geram a posteriori a necessidade de apoio financeiro aos produtores, de capacitação e treinamento dos agentes, inserção tecnológica nos elos que compõem a cadeia produtiva, e que gradativamente vão definindo padrões estratégicos de inserção no mercado internacional. No pólo 2, apesar de produtores tecnificados e que sabem explorar mercados específicos, as ações de grupos maiores ainda são isoladas, não havendo articulações abrangentes das instituições públicas e/ou privadas, seja no âmbito estadual ou regional. O pólo 3 pode ser caracterizado como pólos produtivos que ainda estão em processo de amadurecimento e que abastecem prioritariamente o seu

mercado interno de consumo, visando para o longo prazo uma possível conquista de mercados internacionais.

Segundo o IBRAFLOR (2005), a produção e a comercialização nacional empregam mais ou menos 120 mil pessoas e está dividida da seguinte forma: 58 mil (48,3%) estão localizados na produção, 4 mil (3,3%) na distribuição, 51 mil (42,5%) no comércio varejista e 7 mil (5,9%) em outras funções como por exemplo as atividades de apoio. Dados de Junqueira e Peetz (2008), baseados em estudos da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais, afirmam que a floricultura brasileira movimentava anualmente US\$ 1,3 bilhão. Segundo a tabela 28, a área cultivada pelo setor está distribuída da seguinte forma:

TABELA 28
Estimativa da área cultivada com flores e plantas ornamentais no Brasil,
por macro-regiões geográficas, em 2005

Macro-região geográfica	Área cultivada (ha)
Norte	172
Nordeste	854
Centro-Oeste	260
Sudeste	5.559
Sul	1.578
Brasil	8.423

Fonte: JUNQUEIRA e PEETZ, com base em informações de Brainer e Oliveira, 2007

Segundo dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) do Ministério do Trabalho, somente o setor de cultivo de flores, plantas ornamentais e produtos de viveiro fechou o ano de 2005 com 16.531 empregados, o que mostra um crescimento de 2,8% em relação ao ano de 2004 e uma expansão média de 4,3% desde 2000. As regiões que mais influenciam o setor são a Sudeste com 77,2% (cerca de 12.767 empregados), seguido pelo Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte (MEDEIROS, SILVA e VITAL, 2007). Contudo, há grandes possibilidades de aumento do número de empregados como também da expansão no cultivo desses produtos nos estados do Rio

de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará, e alguns estados das regiões centro-oeste e norte do país.

A partir da competência de janeiro de 2008, ocorreram mudanças nas variáveis da nova Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) disponibilizadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), fazendo com que mudasse também o código e a nomenclatura utilizados pela RAIS para esse setor nos anos de 2006 e 2007. Com os novos dados divulgados no final de 2008, o setor da Floricultura em 2007 registrou 18.511 empregados, 6,1% maior que no ano de 2006, que tinha 17.440 pessoas atuantes. O Sudeste continua em primeiro, com 81,3% de participação, ou seja, 15.041 empregados e crescimento de 5,9%. O Nordeste, que estava em terceiro, ultrapassa o Sul no ano de 2007, chegando a 1.563 empregados contra 1.404 da Região Sul e crescimentos respectivos de 16,8% e 4,8%. Analisando os estados, São Paulo é o que mais emprega no setor da floricultura, chegando a 68,4% de participação em todo o país. Minas Gerais emprega 9,6%, Ceará (5,1%), Rio de Janeiro (2,6%), com 2,5% estão os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e com 1,1% Pernambuco. O restante dos estados brasileiros estão todos abaixo de 1%.

Com relação aos dados das exportações dos estados brasileiros divulgados pelo ALICEWEB, São Paulo é o principal fornecedor de flores e plantas ornamentais, participando atualmente com 71,6% da pauta de exportações brasileiras, o que corresponde a aproximadamente US\$ 25,5 milhões, com um crescimento anual de 0,6% entre os anos de 2007 e 2008 (tabela 30). O Ceará é o segundo estado mais exportador do Brasil com um valor próximo aos US\$ 4,9 milhões em 2008 seguido pelo Rio Grande do Sul e Minas Gerais (tabela 29). Apesar desses dois últimos estados citados caírem bastante em participação nas exportações brasileiras desde 1996 (tabela 31) e perderem as posições do ranking para o Ceará, eles ainda continuam passando da casa do milhão comercializado.

O país exporta dezesseis segmentos diferentes de flores e plantas ornamentais para o comércio internacional. O preço recebido é maior no segmento de mudas, com

as orquídeas em primeiro lugar (US\$ 162,3) seguida pelas mudas de cana-de-açúcar, com US\$ 102,5. Atualmente quatorze estados exportam produtos da floricultura. São Paulo é o que mais diversifica a sua pauta de exportações, seguido pelo Ceará, Minas Gerais e Santa Catarina (tabela 32). Analisados separadamente (é uma particularidade que acontece com a maioria dos produtos exportados), o estado que mais exporta em volume acaba recebendo um preço menor pela exportação, em compensação recebe mais em valor pelo produto exportado. No caso das flores de corte, mais especificamente com as rosas, o estado do Ceará que exportou em 2008 124.605Kg do produto, recebeu um total de US\$ 450.379 a um preço de US\$ 3,6; enquanto que São Paulo exportou 16.505Kg, faturando US\$ 147.116 a um preço de US\$ 8,9.

TABELA 29
Principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais (US\$)

ANO	BR	SP	CE	RS	MG	SC	RJ	AL	PE	OUTROS
1996	11.855.354	8.293.011	825	1.510.551	1.411.383	436.006	55.012	-	-	148.566
1997	11.004.990	7.253.037	14.405	2.018.650	1.161.752	296.229	74.165	-	-	186.752
1998	12.042.129	8.283.518	45.409	2.065.933	1.220.481	283.568	40.371	-	-	102.849
1999	13.130.062	9.311.269	64.155	1.803.781	1.512.557	265.352	49.680	-	-	123.268
2000	12.010.545	8.490.175	213.707	1.675.859	1.150.606	338.142	30.678	956	14.725	95.697
2001	13.746.928	10.223.763	130.427	1.713.373	1.243.557	238.083	38.023	20.061	23.360	116.281
2002	16.133.770	12.082.677	535.829	1.797.032	1.166.841	312.287	37.094	20.307	11.876	169.827
2003	21.398.426	15.715.257	1.078.366	1.890.361	1.722.929	213.335	40.415	44.750	29.533	663.480
2004	25.357.195	19.056.851	2.087.199	1.822.564	1.479.055	332.993	36.282	62.550	80.177	399.524
2005	27.640.817	20.142.837	2.955.235	2.162.260	1.498.613	182.331	40.400	110.915	51.348	496.878
2006	32.329.151	22.123.761	4.783.143	2.720.192	1.656.004	292.802	30.362	208.915	58.121	455.851
2007	35.278.392	25.342.046	4.992.986	2.317.089	1.537.176	449.073	137.773	84.308	63.911	354.030
2008	35.596.241	25.490.499	4.883.052	2.360.516	1.422.609	526.915	76.039	12.208	82.020	742.383

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

TABELA 30
Crescimento dos principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais - % *

ANO	BR	SP	CE	RS	MG	SC	RJ	AL	PE	OUTROS
1997	-7,2	-12,5	1.646,1	33,6	-17,7	-32,1	34,8	-	-	25,7
1998	9,4	14,2	215,2	2,3	5,1	-4,3	-45,6	-	-	-44,9
1999	9,0	12,4	41,3	-12,7	23,9	-6,4	23,1	-	-	19,9
2000	-8,5	-8,8	233,1	-7,1	-23,9	27,4	-38,2	-	-	-22,4
2001	14,5	20,4	-39,0	2,2	8,1	-29,6	23,9	1.998,4	58,6	21,5
2002	17,4	18,2	310,8	4,9	-6,2	31,2	-2,4	1,2	-49,2	46,0
2003	32,6	30,1	101,3	5,2	47,7	-31,7	9,0	120,4	148,7	290,7
2004	18,5	21,3	93,6	-3,6	-14,2	56,1	-10,2	39,8	171,5	-39,8
2005	9,0	5,7	41,6	18,6	1,3	-45,2	11,3	77,3	-36,0	24,4
2006	17,0	9,8	61,9	25,8	10,5	60,6	-24,8	88,4	13,2	-8,3
2007	9,1	14,5	4,4	-14,8	-7,2	53,4	353,8	-59,6	10,0	-22,3
2008	0,9	0,6	-2,2	1,9	-7,5	17,3	-44,8	-85,5	28,3	109,7

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* Ano atual / Ano anterior

TABELA 31
Participação dos principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais - %

ANO	BR	SP	CE	RS	MG	SC	RJ	AL	PE	OUTROS
1996	100,0	70,0	0,0	12,7	11,9	3,7	0,5	-	-	1,3
1997	100,0	65,9	0,1	18,3	10,6	2,7	0,7	-	-	1,7
1998	100,0	68,8	0,4	17,2	10,1	2,4	0,3	-	-	0,9
1999	100,0	70,9	0,5	13,7	11,5	2,0	0,4	-	-	0,9
2000	100,0	70,7	1,8	14,0	9,6	2,8	0,3	0,0	0,1	0,8
2001	100,0	74,4	0,9	12,5	9,0	1,7	0,3	0,1	0,2	0,8
2002	100,0	74,9	3,3	11,1	7,2	1,9	0,2	0,1	0,1	1,1
2003	100,0	73,4	5,0	8,8	8,1	1,0	0,2	0,2	0,1	3,1
2004	100,0	75,2	8,2	7,2	5,8	1,3	0,1	0,2	0,3	1,6
2005	100,0	72,9	10,7	7,8	5,4	0,7	0,1	0,4	0,2	1,8
2006	100,0	68,4	14,8	8,4	5,1	0,9	0,1	0,6	0,2	1,4
2007	100,0	71,8	14,2	6,6	4,4	1,3	0,4	0,2	0,2	1,0
2008	100,0	71,6	13,7	6,6	4,0	1,5	0,2	0,0	0,2	2,1

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

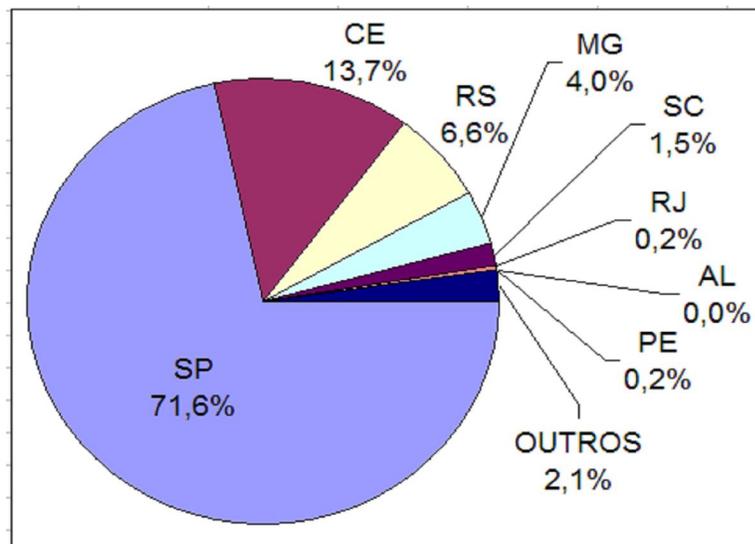


Gráfico 22: Participação dos principais estados brasileiros exportadores de flores e plantas ornamentais – 2008

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

TABELA 32

Preço recebido pelos estados brasileiros exportadores dos principais segmentos de flores e plantas ornamentais*

SEGMENTOS	BR	SP	CE	RS	MG	SC	PA	RN	PE	RJ	MS	PR	ES	AL	BA
BULBOS,TUBERCULOS,RIZOMAS,ET C.EM REPOUSO VEGETATIVO	2,3	2,4	2,0	-	-	-	-	-	8,8	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS	24,4	36,4	3,1	29,9	40,9	1,4	-	-	-	0,2	-	1,0	-	-	-
OUTROS FLORS.SEUS BOTS.CORT P/BUQUÊS,ORN.FRES.	5,0	6,2	3,4	-	-	-	-	6,5	2,9	-	-	-	-	2,8	-
FOLHAGEM,FOLHAS,RAMOS DE PLANTAS,FRESCOS,P/BUQUES,ETC.	2,4	16,2	3,5	-	3,5	1,0	-	5,9	2,2	-	-	-	-	4,5	1,8
ROSAS E SEUS BOTÕES,CORT.P/ BUQUÊS,ORN.FRES.	3,9	8,9	3,6	-	2,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FOLHAGEM,FOLHA,RAMOS DE PLAN TAS,SECOS,ETC.P/BUQUES,ETC	2,8	174,0	-	-	-	10,9	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE ORQUIDEAS	162,3	78,4	-	450,0	-	240,0	-	-	-	32,6	620,7	-	324,8	-	-
BULBOS,TUBERCULOS,ETC.EM VE- GET.EM FLOR,MUDA DE CHICORIA	2,5	-	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS	1,4	22,2	-	-	2,2	0,7	-	-	-	1,0	-	-	-	-	-
OUTRAS PLANTAS VIVAS	1,4	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MUDAS DE VIDEIRA	33,7	-	-	-	33,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FLORES E SEUS BOTÕES,SECOS, ETC.CORTADOS P/BUQUES,ETC.	38,3	-	-	98,6	20,0	-	-	-	-	-	-	-	-	1,9	-
MUDAS DE CANA-DE-ACUCAR	102,5	102,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RODODENDROS E AZALÉIAS,ENXERTADOS OU NÃO	2,1	2,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS DE FRUTOS COMESTIVEIS	18,6	18,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTACAS NAO ENRAIZADAS E ENXERTOS	14,5	14,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

* US\$/Kg

Os dados apresentados pelo ALICEWEB (tabela 33) referente às importações estaduais dos principais segmentos permite visualizar também a real necessidade do país em relação aos insumos que são importantes para a propagação da nossa produção como também pela necessidade de adquirir esses produtos para o consumo direto que é absorvido pelo crescente mercado interno, só que desta vez a visão se volta para os estados detentores dos produtos da floricultura. Do total de produtos importados, que totalizam dezesseis, sete estão voltados para a manutenção das atividades e nove para consumo direto, mas em valor importado, os primeiros somam aproximadamente US\$ 11,2 milhões, enquanto que os outros somam valores próximos a US\$ 3,0 milhões. Em primeiro vem São Paulo com a importação de onze produtos diferentes, sendo seis para continuidade da produção e cinco para consumo direto. O produto que o estado mais paga são as rosas, passando a um pouco mais de US\$ 2 milhões. Em seguida vem mudas de outras plantas ornamentais com valores de US\$ 1,12 milhão. O Rio Grande do Sul também é um estado que importa vários produtos, sendo na sua grande maioria insumos para a produção, como mudas e bulbos. Em valor o estado fica atrás apenas do Paraná, que importando somente mudas chega a pagar US\$ 1,56 milhão, enquanto que o Rio Grande do Sul paga US\$ 1,3 milhão. Outros estados também são importantes compradores, como Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Distrito Federal, Santa Catarina, etc.

TABELA 33
Principais produtos importados pelos estados brasileiros - 2008

Segmentos	AM	CE	PE	BA	MG	ES	RJ	SP	PR	SC	RS	DF	ND	Total
BULBOS,TUBERCULOS,RIZO MAS,ETC.EM REPOUSO VEGETATIVO											134.262		4.557.803	4.692.065
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS		x		x	x			51.845	1.545.904		597.239	1.841	31.434	2.228.263
MUDAS DE OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS		x						1.118.283	8.429		327.094	10.374	258.529	1.722.709
MUDAS DE ORQUIDEAS ESTACAS NAO ENRAIZADAS E ENXERTOS				78.144			1.270	274.205			86.908		1.942.167	2.382.694
ROSAS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES			x								4.316			4.316
OUTROS FLORS.SEUS BOTS.CORT.P/BUQUÊS,ORN. FRES								2.034.750			x		8.254	2.043.004
CRAVOS E SEUS BOTÕES,CORT.P/BUQUÊS,O RN.FRES								486.386						486.386
FLORES E SEUS BOTOES,SECOS,ETC.CORTA DOS P/BUQUES,ETC								229.949						229.949
FOLHAGEM,FOLHAS,RAMOS DE PLANTAS,SECOS,ETC.P/BUQ UES,ETC	x				34	44.194	x	1.619	4	9.294				55.145
OUTRAS PLANTAS VIVAS MUDAS DE VIDEIRA			17.505						x					17.505
BULBOS,TUBERCULOS,ETC. EM VEGET.EM FLOR,MUDA DE CHICORIA		x	19.310					5.627					x	5.627
ARVORES,ARBUSTOS E SILVADOS,DE FRUTOS COMESTIVEIS				x				6.184			21.336			27.520
MICELIOS DE COGUMELOS MUSGOS E LINQUENS,P/BUQUES OU ORNAMENTACAO								43.915					x	0
Total dos Estados em 2008	0	0	36.815	78.144	34	44.194	1.270	4.269.153	1.554.337	9.294	1.297.709	12.215	6.801.388	14.104.553

Fonte: ALICE Web – SECEX - MDIC – 2009

9.7 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE FLORES DE CORTE

O surgimento do setor de flores e plantas ornamentais no Brasil ocorreu em sua maior parte no entorno das grandes cidades, ocasionado principalmente pela migração de produtores tradicionais que atuavam no mercado agrícola de FLV (frutas, legumes e verduras) e que aos poucos foram perdendo espaço para àqueles mais desenvolvidos, onde então procuraram manter-se ainda no campo através de uma outra atividade paralela, amadora e pouco desenvolvida na época. Valter Udler, citado por Medeiros e Favero (2005, p.12), informa que os primeiros registros de produção e comercialização de flores e plantas ornamentais no país se deram através de empresas tradicionais como a Dierberger (1893) e Roselândia (1929), e que produziam como atividade secundária da fruticultura.

Foi na década de 50, na grande São Paulo, que o setor de flores e plantas ornamentais começou a ganhar maior importância, principalmente através dos imigrantes portugueses, alemães, italianos, japoneses e holandeses que começaram a comercializar e abastecer esses produtos no varejo e no mercado distribuidor. Melissa et ali (2008) informa que existem também registros em outros estados sobre o aparecimento da cultura, como por exemplo em Pernambuco e Espírito Santo com os colecionadores de orquídeas, e em Santa Catarina com os imigrantes alemães, italianos e holandeses. Meados da década de 50 e início de 60, jovens e recém formados imigrantes holandeses começaram a trazer conhecimentos como também tecnologias um pouco mais avançadas para o desenvolvimento interno da cultura na então recém constituída Cooperativa Agropecuária Holambra.

Já na década de 70 e através dos próprios imigrantes holandeses que a produção continuou a obter relevantes melhorias tecnológicas trazidas das principais regiões produtoras da Holanda, quando então impulsionados pelo novo tipo de cultura a ser explorado e pela alta rentabilidade gerada na época, vários estados começaram a se interessar pela produção e comercialização dessa nova cultura que surgia e que tem crescido bastante até hoje no país. Tamnil Saito, citado por Medeiros e Favero (2005,

p.12), informa que o surgimento do *Veiling Holambra* na década de 90, um mercado exclusivamente do produtor, com a melhora da ampliação das técnicas de produção, pós-colheita e comercialização, maior abrangência da área de logística e marketing, e com os investimentos relevantes na qualidade dos recursos de embalagens e em sistemas e equipamentos de mercado, fizeram fortalecer consideravelmente toda a cadeia de produção - distribuição – varejo, atingindo conseqüentemente raios de comercialização aéreos e rodoviários maiores.

De acordo com a figura 3, a cadeia de comercialização básica na floricultura engloba o consumidor, mercados atacadista, varejista e importador, o produtor; o fornecedor de insumos e acessórios, o ambiente institucional de regulação, os bancos, as redes de transporte, os fornecedores de embalagens, redes de armazenamento, as agências de marketing e outros serviços. Segundo Favero (1999), o novo enfoque tem o mercado e não mais a produção como ponto de partida. Nas últimas décadas, a agroindústria, as modernas redes de distribuição e os supermercados determinaram seus próprios padrões de qualidade e através de contratos verticais condicionam a produção rural.

No caso do Brasil merecem destaque aspectos relevantes de alguns agentes da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais:

- **Consumidor:** é o principal responsável pelo fluxo de informações que são necessárias à adequação e organização dos demais elos da cadeia produtiva. O agente consumidor de cada um dos segmentos da produção tem exigências próprias, mas há padrões gerais de qualidade e preço que devem ser atingidos pelo setor produtivo;
- **Produtor:** recentemente a maioria dos produtores, além de produzir, tinham que colocar a venda os produtos da floricultura para fora de suas bases de produção. Alguns ainda convivem com essa dificuldade, porém, com a organização dos agentes e canais de comercialização, o problema acabou diminuindo. No Brasil, apesar de uma percepção clara em relação ao fortalecimento do setor, viveiristas ainda atuam como

multiplicadores, vendendo a produção sem o planejamento necessário. As ações de órgãos de fomento, voltados para o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas empregadas na seleção e especialização de produtores devem ser estimuladas;

- **Mercado:** quem observa a cadeia de comercialização de flores de uma perspectiva externa, percebe que o setor encontra-se em profunda transformação, ou seja, é através dos mercados que o produtor vende sua produção diretamente para o atacadista, varejista ou consumidor final. Os grandes centros de vendas no atacado são representados atualmente pelas CEASAS (entrepósitos), pela Internet (comércio eletrônico), ligando e articulando produtor, banco (cartão de crédito), transportadora, suprimindo intermediários e consumidor, bem como os leilões, cuja forma de comercialização é a mais moderna;

- **Varejo:** o mercado varejista pode ser subdividido da seguinte forma:
 - ✓ Varejo Tradicional: Floricultura, Funerárias e Feirantes;
 - ✓ Eventos e Decoração: Buffets e Decoradores Profissionais;
 - ✓ Grande Distribuição: Super e Hipermercados;
 - ✓ Pequeno Varejo: Postos de Gasolina, Quitandas e Comércio Informal.

- **Instituições de Crédito:** as políticas de crédito, financiamento e investimento são destacadas hoje em dia como um dos mais importantes meios de evolução para o desenvolvimento e profissionalização da floricultura no Brasil. As principais instituições financeiras e de crédito do País são o Banco do Brasil, BNDES, Banco do Nordeste e Banco da Amazônia.

- **Pesquisa e Desenvolvimento:** necessidade de uma base interna científica e tecnológica sólida para o crescimento e o bom desenvolvimento do mercado brasileiro de flores, através da construção de parcerias com órgãos de atuação no setor.

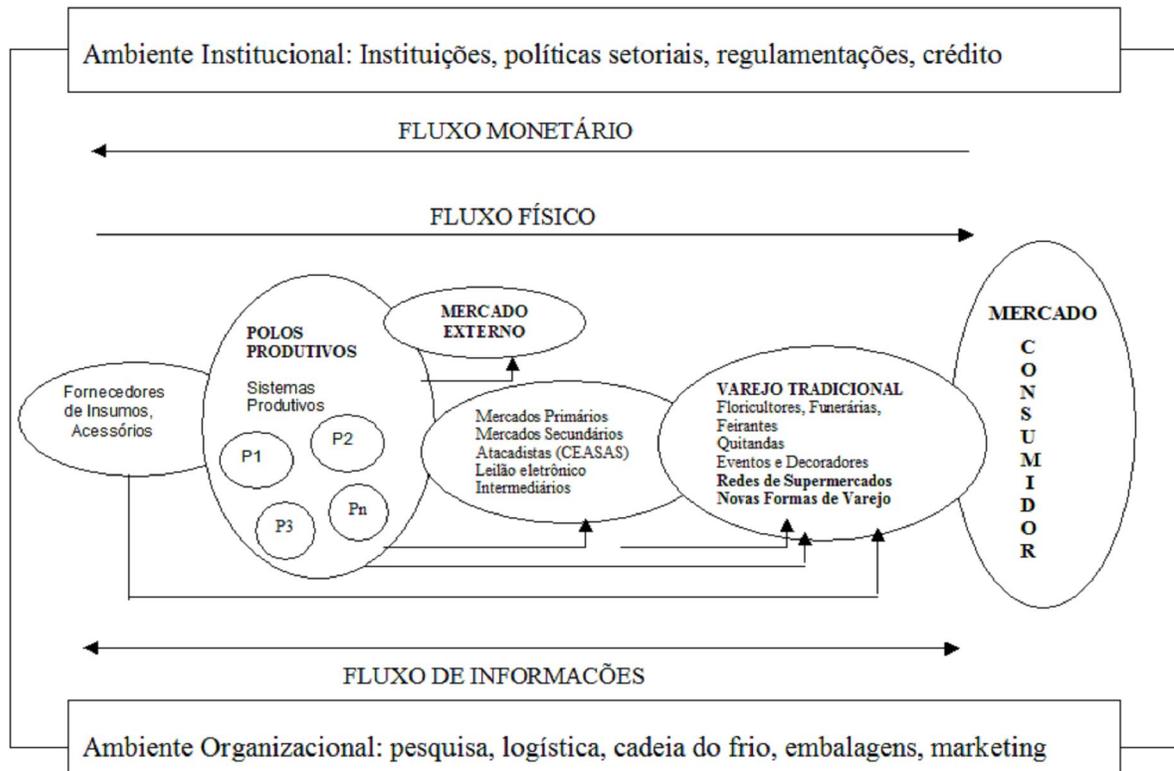


Figura 3 – Modelo simplificado da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no Brasil
Fonte: Elaborada pelo autor - 2009

Atualmente, o Brasil está dividido geograficamente em três pólos estratégicos e que se subdividem em doze o número de localidades produtoras de flores e plantas ornamentais (Figura 4). Os estados de São Paulo, Ceará e Pernambuco estão incluídos no primeiro pólo que foi determinado como regiões de produção já definidas e bem estruturadas com forte possibilidade de expansão e crescimento no mercado internacional. As tecnologias de produção empregadas nessas localidades servem de base para a comparação com outros países produtores e que são referência à nível mundial.

As informações acerca da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais desses estados permitem a análise das seguintes características na produção de flores de corte e que são destaques a nível nacional:

a) São Paulo:

Grande produtor brasileiro, o estado concentra um pouco mais de 70% de toda a produção nacional, tendo essas áreas situadas nas seguintes regiões: de Holambra, Atibaia, Campinas, Grande São Paulo, Paranapanema (Holambra II), Vale da Ribeira e Região do Dutra. Os destaques tecnológicos empregados em toda a cadeia de produção são identificados principalmente na região de Holambra, o qual se pode denominar como o principal centro de desenvolvimento da floricultura no país, e que foi construído a partir do número crescente de produtores e do aumento da comercialização do produto que levaram à profissionalização da atividade através da busca por um maior aperfeiçoamento tecnológico (Figura 5). O emprego dessas tecnologias na produção, como por exemplo, no sistema de cultivo protegido, na irrigação e na utilização de substrato, o processo de pós-colheita mecanizado (packing house), o sistema de comercialização conhecido como *Veiling* (leilão em holandês) e que foi implantado no Brasil pela experiência holandesa havia mais de 100 anos, logística de distribuição, marketing, etc., se tornaram fatores preponderantes para fazer com que essa região se tornasse destaque em todo o país na produção de flores e plantas ornamentais. Apesar da importância dessa região e de outras no estado de São Paulo, ainda existem na atividade muitos produtores de pequeno porte que adotam tecnologias rudimentares, embora possamos presenciar a adoção de níveis tecnológicos de ponta, mas que são utilizados por um número reduzido de empresas.

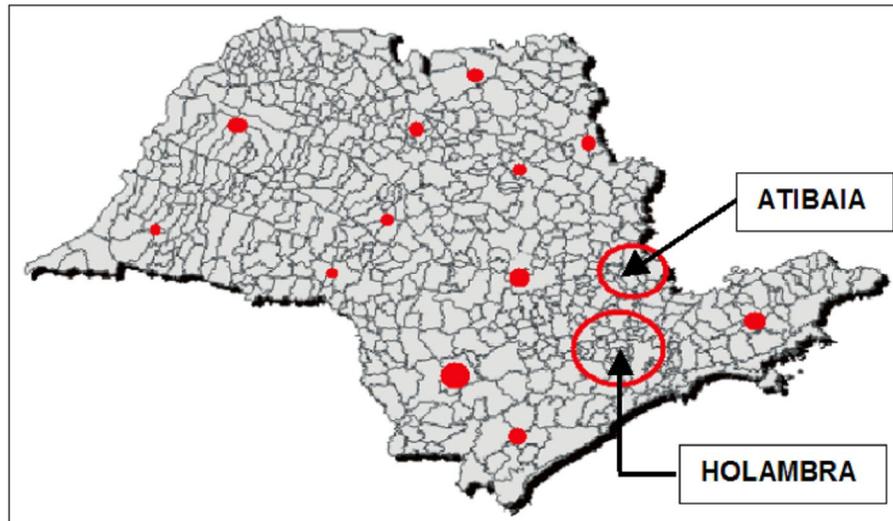


Figura 5 – Mapa dos principais pólos de produção de flores em SP
Fonte: Autor - 2009

Grande indutor da qualidade (agregam valor) e de menores custos, uma vez que geram maior produtividade, os insumos que são utilizados na produção de flores e plantas ornamentais em São Paulo ainda são na sua grande maioria importados de empresas internacionais que trabalham com melhoramentos genéticos e que são detentoras de alto nível de tecnologia. Apesar de importantes e fundamentais, o estado ainda é obrigado a importar os insumos (mudas, bulbos e sementes), visto que não existe no país muitas empresas que invistam nesse segmento e se tornem especialistas no ramo. Insumos também necessários como adubos e substratos alternativos, podem ser característicos na diminuição dos custos finais de produção, por que proporcionam melhoria na qualidade e durabilidade do produto, principalmente no pós colheita.

No processo produtivo, um exemplo de inserção de tecnologia de produção se dá na Empresa Flora Reijers, que utiliza para as rosas o sistema de produção em estufas, proporcionando padrões de qualidade internacional. Outras características também são fundamentais para se identificar o uso de níveis tecnológicos importantes na produção da empresa: o sistema de irrigação por gotejamento, totalmente controlado por computador (protege o meio ambiente devido o uso racional da água e do adubo), o sistema de reuso da água com solução nutritiva, onde as rosas são cultivadas em fibras de coco e colocadas em canaletas de plástico, onde passa uma calha plástica que

recolhe o excesso da solução nutritiva, podendo ser reutilizada na próxima irrigação. A empresa investe também em climatização nas estufas, fazendo com que não haja diferença na coloração das rosas, devido a uniformidade da quantidade de luz que incide na flor. O uso do sistema de iluminação artificial permite também que as rosas garantam flores do mesmo tamanho e com a mesma qualidade durante todo o ano. A empresa utiliza satélites que monitoram as condições climáticas, velocidade e direção do vento, umidade, precipitação pluviométrica, temperatura do ar, etc., proporcionando informações relevantes que permitem prevenir (através de pulverizações) a ocorrência de pragas e doenças em vez de utilizar de métodos curativos e que são os mais caros. Para as rosas comuns que são vendidas internamente, o uso de tecnologia na produção diminui, ocorrendo no campo ou em estufas menos estruturadas.

O centro de comercialização e distribuição de São Paulo é o mais bem sucedido do país. Os mais importantes são o da Ceasa Campinas, Ceagesp em São Paulo, o Floranet e o Veiling em Holambra. Este último (que reúne em todo o país aproximadamente 300 produtores) é considerado como o maior centro de comercialização de flores e plantas ornamentais do Brasil. Segundo Sakio e Soraya (2005), um dos destaques da introdução de níveis tecnológicos nesse estágio da cadeia é devido a Tecnologia da Informação. Nesse caso, um produto pode ser vendido antecipadamente, permitindo que o produtor esteja mais tranquilo e seguro para planejar a sua produção futura. Já os clientes consultam pela Internet ou pelos próprios terminais do Veiling quais os produtos que estão disponíveis, além de permitir consultas dos pedidos que já ocorreram no passado. Outra parte de destaque no Veiling Holambra são as atividades de logísticas internas envolvidas de armazenagem e do material circulante: área climatizada adequada para o acondicionamento dos produtos com condições ideais de temperatura e umidade do ar, câmaras frias, rampas de carga e descarga, tudo isso concentrado em um espaço físico de aproximadamente 15 mil m². Disponibilidade para o produtor, agentes ou clientes que chegam para comercializar, de materiais e infra-estrutura adequada para a armazenagem rápida e curta dos produtos, possibilitando maior agilidade na hora da entrega. A central também se responsabiliza pela logística externa até a hora de embarque, apoiada por um infra-estrutura que não

está muito adequada para os padrões internacionais estabelecidos, principalmente no acondicionamento antes do embarque e de meios de transporte impróprios para tal finalidade.

b) Ceará:

Grande produtor nacional do ramo da floricultura voltados para o consumo direto como também aos insumos que são utilizados para a manutenção ou crescimento da produção, o estado do Ceará atualmente se constitui como um dos grandes atores da cadeia produtiva nacional de flores e plantas ornamentais. Inovador e pioneiro em algumas espécies que são produzidas hoje em dia no país e líder em algumas flores que já são tradicionais no mundo, a região cearense que compreende quatro pólos importantes de produção, o Agropólo Metropolitano, o Agropólo do Maciço de Baturité, Agropólo Cariri e o Agropólo da Ibiapaba, representa para o Brasil um relevante instrumento de pesquisa e de desenvolvimento para a propagação da atividade da floricultura em outras localidades nacionais (Figura 6).

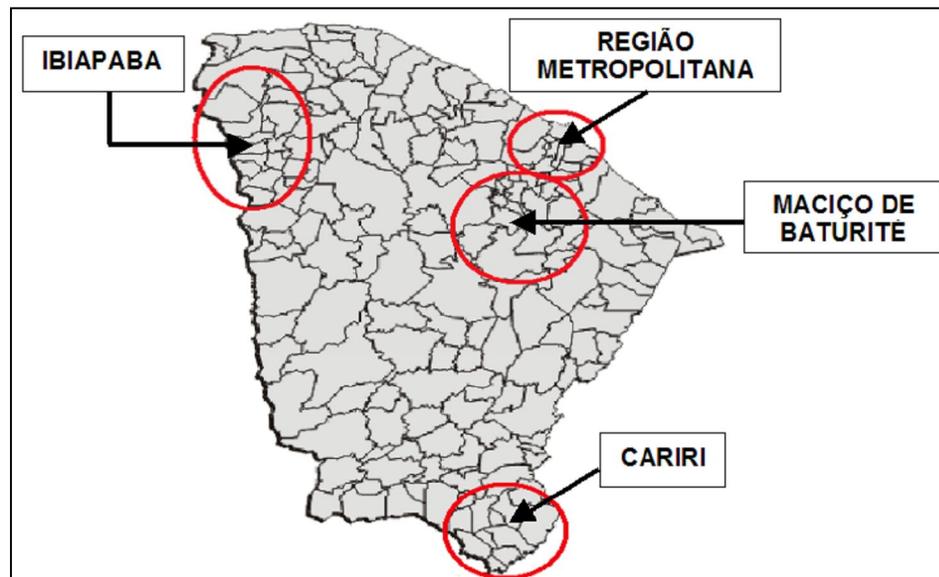


Figura 6 – Mapa dos principais pólos de produção de flores no CE
Fonte: Autor - 2009

Historicamente, o modo de produção Cearense de flores e plantas ornamentais como também a sua evolução podem ser identificadas em diferentes períodos de tempo: na primeira, que começou em 1919, a produção se concentrava basicamente em Fortaleza e abastecia somente o mercado interno, e tinha como principais produtores duas famílias de imigrantes, uma japonesa e outra portuguesa. O segundo período evolutivo inicia-se em 1970, cuja característica foi a de começar a atender um novo mercado de varejo, principalmente com o aumento da área e conseqüentemente do volume produzido fora de Fortaleza (Serra de Baturité), fazendo com que ocorresse uma diversificação da produção. Em 1994, projetos voltados para a produção e que eram destinados à exportação começavam a surgir, tudo isso aliado a introdução de níveis tecnológicos de produção que eram representados na época principalmente pela incorporação de estufas. Já o ano de 2000 representa a introdução de grandes projetos de produção localizados na Serra de Ibiapaba com a chegada de empresas especialistas principalmente em rosas, como a Flora Reijers e a Cearosa.

Baseado em estruturas formadas propositadamente próximas à produção, o fornecimento de insumos e matérias primas utilizados atualmente na cultura (substrato, material de irrigação, adubos e fertilizantes, defensivos, estruturas de cultivo, material genético e embalagens) partem quase que exclusivamente de empresas que se instalaram ao redor das produtoras de flores, impulsionadas pelos apoios dos órgãos estaduais, atraindo essas empresas que forneciam e distribuíam esses produtos diretamente de São Paulo. Existem empresas que são auto suficientes e preparam suas próprias mudas. Segundo Luzianny (2006), na empresa Cearosa e na Reijers os meios de produção são intensivos com cultivo no solo ou em vasos plásticos com substratos de coco, e as tecnologias mais empregadas são os cultivos protegidos com irrigação localizada (construção de açudes) e fertirrigação (a irrigação pode ocorrer também através de condutores plásticos perfurados que transportam os nutrientes até as flores). Em média, o ciclo produtivo das rosas que ocorre totalmente em estufas, da emissão do ramo ao ponto de corte, pode durar de 38 a 45 dias.

No caso das rosas, a colheita é realizada manualmente todos os dias no período da manhã e transportadas cuidadosamente até o galpão de pós colheita onde ocorre o tratamento (por exemplo a retirada dos espinhos), como também a seleção, classificação (variedades, tamanho das hastes), embalagem e seguem posteriormente em esteiras para o acondicionamento dos produtos em câmaras frigoríficas e ficam prontas para o transporte. Nesse acondicionamento as flores são colocadas em suportes que recebem um preparado de sacarose, bactericidas e fungicidas. Na logística, as flores são transportadas em caminhões refrigerados até Fortaleza e depois ficam depositados em locais climatizados para posteriormente serem comercializadas internamente e ou exportadas.

- A Reijers no Ceará, empresa paulista que trabalha tem mais de 30 anos no ramo da floricultura, faz com que todo o processo de colheita das rosas desde o ponto de corte no campo ao encaminhamento para a classificação ocorra em temperaturas ideais de conservação dos produtos, passando por três câmaras de resfriamento (cada câmara existe um *packing house* específico), primeiro passando pela câmara de recepção que fica em torno de 15°C a 16°C, e quando não existe movimento a temperatura pode chegar a 11°C. Após esse primeiro choque térmico menos intenso, saindo do campo em torno de 32°C, sempre em hidratação e ficando mais ou menos 4 horas trabalhando essa queda de temperatura, ela passa para uma outra fase que é na câmara de classificação, temperatura essa que pode chegar a 21°C a 22°C, mas as rosas são trabalhadas rapidamente e sempre hidratadas, classificadas e embaladas conforme o tipo de mercado (para o mercado nacional os pacotes possuem vinte botões e para o mercado externo o pacote possui dez botões) e posteriormente acondicionadas em câmaras de estocagem que podem chegar de 2°C a 3°C de temperatura, quando então seguem para a distribuição no mercado nacional através da teia de comercialização ou para o mercado externo (84% vai principalmente para o Veiling na Holanda, 13% são distribuídos pela Alemanha que fica com 9% e Portugal que importa 4%). O caminho percorrido pelas rosas pode ocorrer através do próprio estado ou por Natal, sempre monitoradas via satélite como também armazenadas em transportes refrigerados para não quebrar a cadeia do frio. A empresa detém de uma

câmara fria no aeroporto de Fortaleza, onde as flores são acondicionadas embaladas e prontas para o embarque. No avião comercial as flores são armazenadas nos porões em cima de paletes, quando então seguem para Amsterdam na Holanda.

A Reijers comercializa os seus produtos como rosas, gérberas, cravos, dente de leão, etc, em três pólos estratégicos de distribuição no país, que são chamados de teia de distribuição, localizados no Centro Oeste (pólo de comercialização situado em Brasília), Norte e Sudeste. Os pólos de produção se concentram em São Paulo, Minas Gerais e no Ceará, pólo esse mais voltado para o mercado interno e externo, empregando mais ou menos 250 pessoas em uma área de 22 ha. A forma de distribuição do estado para o mercado interno ocorre a partir do momento que as exportações ficam mais caras em determinado período do ano, fazendo com que a produção acabe percorrendo todo o país mais facilmente. O melhor período de escoamento dessa produção para o mercado internacional ocorre nos períodos de setembro a fevereiro.

Uma outra questão interessante e que absorve grande nível tecnológico ocorre ou na pesquisa de novas variedades ou em adaptações desses produtos na região (principalmente com as rosas) que são mandadas ao Ceará pelos Holandeses para a seleção dessas possíveis variedades ou que já foram lançadas anteriormente no mercado e que já pagam os *royalties* pela sua utilização posterior. Vários são os acompanhamentos: aspectos fitossanitários, de cultivo, do ciclo produtivo, características do botão, etc. Estes experimentos são conduzidos em São Benedito, onde existe uma estufa própria para esses tipos de procedimento.

Um investimento completo como esse na empresa pode ficar em torno de R\$ 600 mil por ha, enquanto que na manutenção dessa produção a empresa acorda com os fornecedores o pagamento dos *royalties* das variedades por planta e o produtor negocia com os *breeders* (profissionais que criam e desenvolvem novas variedades de rosas) as datas de pagamento da produção baseado na quantidade de hectare utilizado.

- Toda essa evolução na produção de flores e plantas ornamentais no estado do Ceará é caracterizado por uma série de implantações e implementações de projetos e programas ao longo do tempo que permitiu essa diferenciação à nível nacional como também internacionalmente, servindo dessa forma de base para novas idéias de levar esses conhecimentos adquiridos para outras regiões do Brasil. Uma outra característica fundamental que ocorreu após o surgimento desses projetos foi a aceitabilidade definitiva da produção das flores brasileiras no exterior a partir do reconhecimento de patentes e de pagamento dos *royalties*, tirando por completo a fama negativa de país sacador de material de fora para posteriormente replicar internamente, pirateando os produtos de outros países como era feito anteriormente. Vários trabalhos foram realizados politicamente entre as instituições brasileiras para que o Brasil pudesse entrar de vez nesse mercado e não fosse mais discriminado. Conversas posteriores entre os órgãos estaduais cearenses, a associação brasileira de produção de flores e o MAPA ocorreram para que a nossa legislação fosse atualizada e adequada às exigências do mercado internacional. A partir dessas ações o Brasil começou a mostrar para o mundo e para as empresas internacionais que era interessante o investimento no país. O trabalho inicial estava mais voltado visando às exportações de rosas, quando então foi através do reconhecimento e de legitimação dessas patentes, baseado em um estudo profundo com a contratação de consultores especialistas e viagens internacionais, que o estado realizou pela primeira vez a partir de 2002 uma exportação legal de rosas. O ponta pé inicial da inserção do país no mercado internacional se deu com a licença de produção e de entrada no comércio de uma variedade de rosas (Fashion) que até então nessa época só era produzida na Europa (Holanda), na África (Quênia) e aqui no país (Ceará). O Brasil depois de 2002 entrava definitivamente no mercado internacional de flores e plantas ornamentais.

Segundo entrevista no Agropólos em Fortaleza (CE) com José Rubens Aguiar, coordenador do Projeto Setorial Integrado de Promoção das Exportações de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil – FloraBrasilis / Convênio APEX Brasil – Instituto Agropólos com apoio do IBRAFLOR, antes dos projetos novos existentes atualmente no estado, existia um projeto setorial integrado de promoções das exportações de flores

que começou em 2002 e finalizou em 2006 (FloraBrasilis do Ceará), paralelo aos projetos nacionais que existiam e que eram coordenados pelo IBRAFLO. Já o Flores do Ceará é um programa governamental de desenvolvimento do setor que começou no final de 1999, o qual criou-se uma gerência de floricultura, grupo este composto por técnicos, que tinham como meta e objetivo desenvolver um novo tipo de cultura no estado. Dentre as ações havia àquela voltada para a promoção das exportações e que já existia antes da Florabrasilis – APEX, quando então a própria APEX determinou em 2006 que não haveria mais projetos estaduais, ficando somente as ações do nacional e que a coordenação ficaria como o Instituto Agropólos. Hoje em dia o apoio do programa está mais voltado para as promoções do setor do que para a capacitação, ou seja, direcionamentos da produção de material publicitário, participação em feiras internacionais (Holanda, Alemanha, Estados Unidos, etc.), estudos de mercado, recepção de importadores (projetos compradores), etc. Atualmente o projeto está em doze estados brasileiros, com um total de 40 empresas participantes.

No caso das exportações, Rubens explica que as flores brasileiras começaram a participar do mercado internacional tem mais de 20 anos, principalmente para a Holanda - Veiling (o direcionamento da produção era voltado mais para o mercado do VBA em Aalsmeer e em menor proporção para o Flora Holland), quando então o estado do Ceará a partir de 2002 se tornou o grande responsável pelo reinício desse novo diálogo comercial, principalmente com as rosas, estreitando o relevante relacionamento dos holandeses com os brasileiros e ganhando ainda mais em escala comercial, uma vez que as duas empresas holandesas formaram nova parceira e se uniram. Existe um outro tipo de canal exportador que são as parcerias e *joint ventures* nas exportações principalmente de bulbos, mudas e plantas que ocorre entre empresas brasileiras e holandesas, e que são também os atuais responsáveis pela grande participação no valor e no volume das exportações cearenses.

Gargalos também foram citados principalmente para as flores na área de logística que não é uma questão somente do estado do Ceará, mas também do Brasil como um todo, sem cargueiros próprios para esse tipo de produto, sem infra estrutura

aeroportuária adequada para o recebimento somente das flores (por exemplo câmara fria própria e especializada, apesar de existir no estado desde 2002 uma câmara somente para flores), como também de voos especializados e de carga específicos. Uma questão interessante relatada na entrevista com José Rubens Aguiar e que acontece tanto em Fortaleza como também em Natal, é a seleção natural na hora do embarque do que vai viajar e do que fica caso não tenha mais espaço no avião comercial, ficando sempre por último as caixas repletas de flores que voltam para a câmara fria para depois seguir viagem em outro avião de passageiros. Tudo isso é muito ruim, uma vez que existe a quebra involuntária de contrato por parte das empresas brasileiras que se prontificaram em entregar a mercadoria no dia e no horário que foi acordado. Outro ponto atualmente interessante é o não pagamento de seguros para as flores uma vez que os voos por serem difíceis, fazem com que a carga seja fracionada, e pagar seguro para os vários voos acabaria em prejuízo para os exportadores, portanto, se tivéssemos voos cargueiros específicos especiais e com cargas maiores, as flores poderiam seguir para o mercado internacional bem mais protegidas e com menores riscos.

Esse problema não acontece com os bulbos que são produzidos no estado. Diferentemente das rosas, o escoamento da produção para o mercado internacional não depende de avião, seguindo mais ou menos três semanas via navio dentro de containers refrigerados e com tratamento específico para a conservação dos produtos. Segundo Rubens, o estado do Ceará produz bulbos de *Amarilis* (carro chefe nacional), *de Canna Índica* e *Calladium*. Uma novidade relatada na entrevista sobre o transporte para as rosas e que vai mudar o conceito de embarque para esse tipo de produto no mundo aconteceu pela primeira vez em um evento internacional em Amsterdam na Holanda, a Hortifair. Os produtos foram enviados por navio pelo Equador, um dos grandes especialistas no ramo internacional. Isso aconteceu tendo em vista que os produtos do Equador chegam muito caros ao mercado europeu por conta do frete, caso sejam transportados por avião. Por via marítima o custo diminui bastante e o país pode concorrer com outros que fornecem para a Europa, como por exemplo os países da África. Esse experimento deu certo, uma vez que vários embarques já aconteceram,

apesar de comprometer um pouco a qualidade dos produtos, mas que impressionou todos os que estavam participando da feira na época. Em pouco tempo, as rosas não dependerão mais do canal aéreo para chegar aos mercados de todo o mundo.

Em relação as certificações o estado do Ceará se torna pioneiro em trazer para o Brasil a MPS, empresa certificadora mais importante da Holanda para o setor de flores. Com a incorporação da ECAS, a MPS passa a ser a maior e mais importante certificadora de horticultura e flores do mundo e que já trabalha em mais de 50 países. Sob a bandeira da MPS, estão duas unidades diferentes de negócio: HCS (Horti Certification Services – responsável por toda a orientação, acompanhamento e implementação de melhores métodos de produção, sempre de acordo com os mais elevados padrões internacionais) e a ECAS (responsável pela auditoria e certificação de empresas e produtores). São essas certificações que aproximam as flores e plantas ornamentais do Brasil com o mundo. Depois dessa parceira, já são aproximadamente 10 produtores que trabalham com essas certificações no país. O escritório central da MPS está localizada em Fortaleza, e é do estado que o consultor atende toda a América Latina. A meta é propagar toda a divulgação da importância da inserção dos certificados para as flores brasileiras e o estado do Ceará, além de pioneiro, está confiante nesse avanço.

c) Pernambuco:

Primeiro na produção nacional de flores tropicais e quinto na de flores temperadas, o estado se destaca pelas condições climáticas favoráveis e apropriadas, de calor e relativa umidade no litoral para as tropicais, e micro-clima frio e altitude das regiões serranas do agreste para a cultura das temperadas, proporcionando o cultivo dessas flores durante boa parte do ano (LIMA 2005). A história pernambucana na produção de flores e plantas ornamentais começou na década de 70, baseado principalmente na migração de pequenos produtores agrícolas, que unindo as condições climáticas das regiões, optaram pelo cultivo de flores. Atualmente a produção pernambucana está distribuída pela Região Metropolitana, Zonas da Mata Norte e Sul (raio de 150 km da capital), Região do Agreste, e mais recentemente no Sertão, no

município de Petrolina, distante 635 km do Recife (Figura 7). Segundo Freitas, citado por Pedroza Filho (2006), o estado reúne 234 produtores, sendo que deste total, 150 estão envolvidos no cultivo de flores temperadas e 84 das flores tropicais. A área total cultivada representa atualmente 310 ha, dos quais 130 ha estão disponíveis para temperadas e 180 ha para as tropicais.

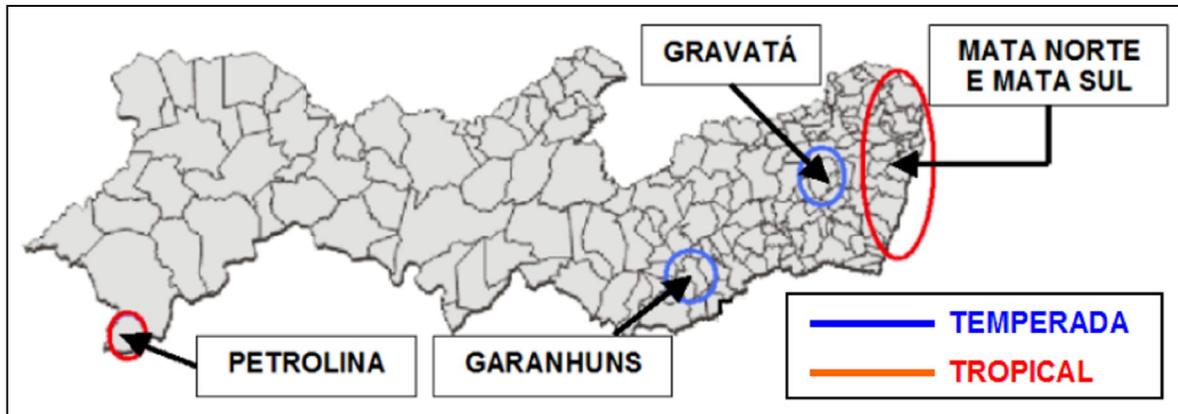


Figura 7 – Mapa dos principais pólos de produção de flores em PE
Fonte: Autor - 2009

As condições de produção, comercialização e distribuição tanto de flores temperadas quanto de flores tropicais, ainda reúnem fatores um pouco distantes da real capacidade produtiva que as regiões do estado poderiam proporcionar, comparação essa baseada principalmente nas experiências favoráveis que ocorrem nos pontos localizados em alguns estados brasileiros. A inserção tecnológica utilizada atualmente em todos os elos da cadeia produtiva pernambucana precisam ser melhoradas e estimuladas no ambiente interno, como também, e principalmente, dos apoios por parte de alguns atores envolvidos no ambiente externo da cadeia, acerca da importância da introdução dessas tecnologias tão relevantes para a geração da diferenciação desses produtos no mercado nacional e internacional. Os pólos destaques do estado são:

- Município de Gravatá: região do agreste pernambucano, distante 85 km da capital e com 450 metros acima do nível do mar, é um grande produtor estadual de flores temperadas, principalmente rosas, uma vez que reúne condições de clima e temperatura ideais para a exploração desse tipo de cultura.

Os insumos utilizados para propagação das flores e plantas tem início na aquisição em sua grande maioria de sementes, ou em menor proporção, de mudas sadias que são isentas de patógenos e que permitem um alto potencial de produção com vistas à implantação de lavouras produtivas e rentáveis. As mudas são produzidas em pequena parte na propriedade ou são adquiridas em poucos estabelecimentos de produtores agropecuários situados em Pernambuco, como também uma pequena parte que é importada de São Paulo. Vale salientar que os fertilizantes e pesticidas utilizados no cultivo contaminam o solo e os lençóis freáticos. Um dos problemas sérios identificados neste elo são: a precária estrutura de assistência técnica e de fiscalização; falta de um programa de incentivo a produção de mudas no estado e a falta de mão-de-obra qualificada para a produção de mudas. Uma outra solução e que se torna rentável com diminuição nos custos, é a compra coletiva de insumos, que permite a divisão e o rateio igualitário na aquisição desses tipos de produtos. Um exemplo da importância da inserção de tecnologia nesse elo da cadeia se deu pela distribuição e doação de coletores solares e de caldeiras e injetores de vapor no solo (inovação tecnológica genuinamente brasileira) em vários municípios brasileiros produtores, inclusive em Gravatá, o que fez reduzir para zero o uso de 144 toneladas do brometo de metila que eram utilizados em 2004 na produção de flores em todo o país. Segundo a Embrapa (2008) esse tipo de inovação tecnológica fez diminuir em relação aos outros países os custos de produção, como também melhora a vida do produtor no campo e preserva a camada de ozônio com a eliminação do gás.

No processo produtivo, a maioria dos produtores analisados planejam a sua área de produção mais em função das datas comemorativas, embora exista uma parcela que não segue a qualquer tipo de planejamento. As áreas variam de um a cinco hectares, onde a função de produzir fica a cargo do próprio produtor ou de técnicos e funcionários contratados. O sistema de produção, dependendo da espécie de flor a ser cultivada, é realizado de dois tipos: a céu aberto, aproximadamente 75% dos produtores, ou a céu aberto e em estufas (cerca de 25%), informando também que os avanços tecnológicos de produção ainda não chegaram a esses produtores. Os custos altos no manuseio

desses produtos reflete fortemente na produtividade, e que é ainda muito baixa nessa localidade.

As atividades de colheita e pós-colheita também são responsabilidade de todos. São eles que conduzem a lavoura desde o plantio, adubando, controlando pragas (o uso de defensivos e adubos químicos e orgânicos é intenso); como também são os responsáveis pela armazenagem, limpeza, beneficiamento e embalagem. Quanto ao processo de pós-colheita, as flores são colhidas um dia antes da feira, ou em sua grande maioria, no período noturno próximo ao horário de venda. As flores ficam armazenadas sem nenhum cuidado especial, em locais não apropriados, sobrepostas, uma vez que não existe na localidade uma estrutura de armazenagem adequada. Posteriormente, as flores colhidas são embaladas em papéis inadequados, sem classificação e em número superior ao recomendado pelos padrões nacionais (o beneficiamento e a seleção dos produtos são realizados manualmente). Uma forma de adequar as flores ao padrão nacional de comercialização seria o de utilizar as recomendações do Ibraflor (Instituto Brasileiro de Floricultura), que segue por sua vez os níveis internacionais de padronização, classificação e embalagem.

Após o processo de classificação e embalagem, as flores seguem nos mais variados tipos de transportes para o Reciflor (Feira de Flores e Plantas da CEASA/PE), colocadas em carros particulares ou coletivos sem nenhum cuidado especial, condicionadas umas sobre as outras, embaixo de plásticos ou lonas e que acaba acarretando em uma desidratação mais rápida, alterando em muito as suas características já tão prejudicadas nos elos anteriores. Uma dica seria a de utilizar caminhões fechados e pré-resfriados, com temperaturas adequadas para o transporte e acondicionamento desse tipo de produto. O transporte adequado e coletivo reduziria os custos que seriam rateados por todos, diminuindo consideravelmente os gastos nesse elo da cadeia. Segundo estudo da Ceasa/PE (2007), 60% do total de permissionários que participam da feira são produtores, e desse total, 68,75% que fazem parte e que comercializam no Reciflor dispõem de veículo próprio.

Os principais clientes do Reciflor são as floriculturas, os feirantes, varejistas, funerárias, hotéis e restaurantes. O espaço ainda necessita de mecanismos apropriados para o acondicionamento das flores que são comercializadas. Apesar do local ter uma ampla cobertura, de ser um espaço reservado especificamente para esse tipo de comércio e possuir infra-estrutura adequada para o estacionamento dos carros e para a recepção dos clientes, as vendas são realizadas do lado de fora dos galpões, nos próprios veículos ou em cima de paletes e que não deveriam ser utilizados para essa finalidade, uma vez que o produto entra em contato direto com o piso. Preliminarmente, deveriam ser utilizados no grande espaço destinado às vendas de flores e plantas ornamentais barracas específicas com reservatórios de água para que as flores pudessem ficar armazenadas e não perdessem suas características, ou então utilizar carrinhos específicos que também possibilitam o armazenamento das flores em reservatórios próprios para esse tipo de acondicionamento. Uma outra forma para a comercialização permanente na CEASA/PE são os galpões inutilizados e que possuem câmaras frigoríficas próprias para esse tipo de produto, o que permitiria melhorar a infra-estrutura, possibilitando que as flores e plantas não retornassem caso houvesse sobras, melhorando o atendimento aos clientes e gerando um ganho coletivo na vantagem competitiva, e conseqüentemente elevando o nome da feira e atraindo mais produtores, intermediários e mais consumidores.

- Zona da Mata Norte e Sul: nestas localidades o destaque produtivo está mais voltado para a cultura das flores tropicais e folhagens, regiões propícias para esse tipo de plantação e que proporcionam atualmente produtos de qualidade e durabilidade, dando ao estado o primeiro lugar na produção nacional dessas espécies (dentre as 50 variedades cultivadas no estado, as mais produzidas são Helicônias, Antúrios, Alpínias, e Bastão do Imperador, além das folhagens tropicais). Segundo Lima (2005), as perspectivas da continuidade de inserção da floricultura tropical pernambucana no mercado interno e externo continuam promissoras, tendo em vista a boa qualidade e pequena quantidade de produtores que existem atualmente quando comparado com o mercado das flores tradicionais. Ele explica também que existe uma necessidade muito grande de estudos de demanda que permitam orientações da oferta, principalmente em

relação as áreas que já estão implantadas no estado, para que não ocorra nesse pequeno espaço de tempo fortes restrições e perdas consideráveis em mercados que se configuram bastante promissores no longo prazo.

Segundo Pedroza Filho (2006), vários são os fatores que tem levado ao aumento da área de produção no estado e conseqüentemente a criação de associações, empresas e consórcios que visam ao mercado externo. Dentre eles, o maior destaque se dá pelo crescente aumento de oferta, o que reflete na diminuição dos preços do mercado interno, e a possibilidade de melhores ganhos na inserção desses produtos no mercado internacional. O uso de consultoria técnica, que chega praticamente para a metade dos produtores, também é um forte indutor de melhorias da qualidade dos produtos, gerando um relevante aumento da competitividade interna e externa. Mas, segundo o próprio autor, algumas características acabam prejudicando a inserção dessas flores pernambucanas no mercado europeu. Antúrios e orquídeas, por exemplo, flores tropicais que são consideradas de alta tecnologia, acabam representando um fator negativo quando de sua ausência nas exportações. Apesar de serem bem aceitas no mercado europeu, as flores tropicais mais tradicionais (considerado na Europa um grupo menos estruturado, de padrões menos rígidos e de oferta mais diversificada e inconstante) perdem no *mix* de produtos quando não são incorporadas no pacote habitual as flores de alta tecnologia. Essa quebra de participação acaba dificultando a entrada das flores tropicais nos mercados mais exigentes e que estão dispostos a pagar mais caro pelos produtos que incorporam alta tecnologia na produção.

Na cadeia produtiva, a aquisição dos insumos é basicamente utilizada da mesma forma que nas flores temperadas. No entanto, a aquisição do material propagativo (sementes, bulbos, mudas ou rizomas), pode ocorrer dentro da propriedade, com outros produtores da própria região, através de outros municípios ou de outros estados. Com relação aos adubos, fertilizantes, defensivos ou substratos, os maiores fornecedores são as empresas especialistas nesses tipos de produto. Os sistemas de irrigação podem ser por aspersão alta, microaspersão ou por sulcos de irrigação. Já a produção no estado ocorre em pequenas propriedades, a céu aberto, a pleno sol ou em locais

parcialmente sombreados, As áreas em torno de 3 a 5ha na média, podem chegar a 10ha em alguns casos, produzindo basicamente e na sua grande maioria flores tropicais de campo. Existem espécies que são perenes (produzidas o ano todo) e espécies que são sazonais (produzidas em uma determinada época do ano). Àquelas consideradas de alta tecnologia, como por exemplo os antúrios, são produzidos por uma parte muito pequena dos produtores pernambucanos.

A colheita é realizada manualmente, preferencialmente no período mais frio do dia, e o transporte até o galpão para o tratamento pós-colheita é feito pelos próprios produtores ou empregados em baldes contendo água. A diferenciação que o mercado pernambucano de flores tropicais faz em relação aos seus compradores (mercado nacional ou internacional) ocorre no galpão de beneficiamento da produção, uma vez que dependendo do porte e do tipo do produtor, os fornecimentos dessas flores para os clientes podem ocorrer para o mercado interno ou externo. A produção é selecionada e classificada por tamanhos e por qualidade, e depois acondicionadas diretamente em caixas de papelão específicas ou embrulhadas em plásticos para depois serem armazenadas nas caixas.

A comercialização e a distribuição do estado das flores tropicais podem ocorrer para o mercado interno, aproximadamente 90% de toda a produção estadual, e desse total grande parte vai para o estado de São Paulo; e também para o mercado externo, onde os 10% restantes seguem para o mercado europeu, principalmente Holanda, Portugal e Inglaterra. Segundo análise realizada por Pedroza Filho (2006), as flores podem ser transportadas por vias terrestres ou aéreas, dependendo da localidade que estejam saindo. Para os mercados mais próximos, a utilização de carros não refrigerados acaba prejudicando a vida útil das flores e conseqüentemente a qualidade do produto. Os produtores da Zona da Mata Norte e Sul e Região Metropolitana do Recife utilizam as vias aéreas de transporte, saindo do Aeroporto Internacional dos Guararapes e seguindo para a Europa diretamente (sete horas e meia de voo) ou utilizando como intermediário o Veiling Holambra, como é o caso dos produtores do Vale do São Francisco, fazendo com que as flores façam o percurso de Petrolina a

Recife, aproximadamente 635 Km, em carros não refrigerados para posteriormente seguirem do Recife para São Paulo e de lá embarcarem para a Europa. Vale salientar que os aviões também não utilizam de espaços adequados de armazenagem, ficando as flores em compartimentos aeronáuticos sem refrigeração. O tempo total, desde a colheita até a chegada dessas flores na Europa pode levar de um a dois dias se a saída ocorrer dos produtores da Zona da Mata e Região Metropolitana do Recife via Aeroporto Internacional dos Guararapes, enquanto que se as flores forem colhidas no Vale do São Francisco para posteriormente sair do Recife e depois de São Paulo para o mercado europeu, o tempo pode chegar a três dias.

10. CONCLUSÕES E SUGESTÕES

O estudo sobre as exportações brasileiras de flores de corte permitiu identificar uma série de informações relacionadas acerca do aumento da participação do agronegócio de flores e plantas ornamentais do país no mundo, e paralelamente se o reflexo desse aumento foi ou não pela inserção de inovações tecnológicas em toda a cadeia produtiva. Os principais atores estudados como São Paulo, Ceará e Pernambuco, estados que são classificados pelo IBRAFLORE como “inserção definida e estratégias efetivas de crescimento no mercado internacional” foram identificados pelas suas representações nas exportações do país e/ou pelo histórico de sucessos e pelo amadurecimento que esses representantes obtiveram ao longo dos últimos anos. Essas informações foram esclarecedoras a partir do momento que puderam ser comparados as atuações do contexto nacional com a realidade vivida por eles no âmbito local e por sua vez em todo país.

Como contribuições secundárias, foram identificados nos principais elos da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais os diversos níveis tecnológicos adotados pelos estados produtores para posteriormente apontar os seus principais pontos críticos e apresentar exemplos de sucesso, como por exemplo, a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da Holanda, principal mercado produtor,

importador e exportador internacional. Os níveis tecnológicos adotados nos diversos elos em toda a cadeia produtiva nesse país servem de referência para todo o mundo.

- **No âmbito interno da cadeia produtiva**, uma característica identificada no trabalho e que tem a ver com a participação do país no mercado internacional é a necessidade do Brasil importar produtos voltados para a propagação da espécie e da continuidade da produção, com a importação de um modo geral de mudas e de material genético de qualidade (oriundos na sua grande maioria dos Países Baixos e que possuem alto valor tecnológico na produção), demonstrando a fragilidade interna acerca do suprimento desse tipo de produto e pela falta também de empresas capacitadas e especializadas nesse ramo, fazendo com que sejam pagos preços elevados para adquiri-los. A mesma coisa acontece com produtos que são voltados para o consumo interno, mostrando que o país ainda não é auto suficiente na produção em determinadas flores de corte.

No processo produtivo, poucos são os estados que possuem autorização legal para a produção de determinadas flores de corte, e que por sua vez ficam livres para exportar. O pagamento de *royalties* aos breeders para a produção interna de algumas espécies é pouco comum, fazendo com que o Brasil seja reconhecido ainda como pirata da produção (essa visão externa está diminuindo bastante com a inserção dos cearenses no contexto internacional). A identificação da pesquisa do método utilizado para a produção de rosas no estado do Ceará (o mesmo utilizado em São Paulo) e que por sua vez é herdado da Holanda, se torna hoje em dia o melhor a ser explorado pelos produtores nacionais, cuja utilização, por exemplo, de *packing house* e que já é decorrência desse mecanismo holandês, faz com que seja inserido no processo de pós colheita um maior valor agregado aos produtos, permitindo posteriormente o reconhecimento das flores de corte do Brasil no mercado internacional. O Veiling Holambra, método de comercialização adotado em São Paulo, é o mais indicado para o escoamento da produção, uma vez que liga diretamente produtores e compradores em um único lugar e o preço não sofre seguidos aumentos devido a exclusão de intermediários.

Em relação ao planejamento, faz-se necessário também um estudo que identifique internamente e externamente a melhor época de se produzir e principalmente do escoamento dessa produção. As análises das janelas de mercado (ou calendários dos mercados consumidores) é essencial para a integração e a regulação por parte dos produtores da melhor época de produção e conseqüentemente da venda dos produtos. O estudo das importações internacionais mensais de um determinado país é importantíssimo para identificar a melhor época de compra e qual produto aquele importador está adquirindo. Esse problema foi identificado principalmente com as empresas exportadoras que não analisam se em determinada época do ano o fornecimento das flores no mercado internacional para determinada região ou país está alto ou baixo, fazendo com que o preço do produto seja diminuído lá fora devido a grande oferta pela concorrência ou menores ganhos por causa do fornecimento posterior para o mercado interno.

Na logística de distribuição, o país ainda é carente principalmente de uma infraestrutura adequada que possa facilitar o fornecimento da produção tanto interna quanto externamente. No caso das exportações, a carência de portos e aeroportos especializados com câmaras frias específicas que possam ligar diretamente os vendedores e compradores faz com que se torne ainda complicado vender para fora. Diferentemente do que acontece com os bulbos no Ceará, as exportações desses produtos são feitos em navios cujos containers são próprios para esse tipo de mercadoria, dando maior credibilidade e confiança ao chegar no destino da mesma forma como saíram dos portos. No caso das flores de corte, a produção ainda disputa lugar com malas em aviões comerciais, e quando conseguem embarcar, ficam compartimentadas em locais impróprios para esse tipo de produto. Existe ainda uma carência muito grande no país de uma rede própria de transporte e armazenamento refrigerados.

- **No âmbito externo da cadeia**, os órgãos de fomento da cultura no país devem seguir e propagar o método utilizado pelo estado do Ceará, cujo sucesso na produção e

na exportação das flores de corte, como por exemplo as rosas, foram obtidos pelo esforço conjunto de setores ligados ao ramo e que permitiram em um curto espaço de tempo mostrar que existe a possibilidade da maior exploração do agronegócio de flores e plantas ornamentais no país. Participação em feiras e congressos internacionais foram fundamentais para dar credibilidade às flores de corte que eram expostas como também a obtenção de conhecimentos do que está acontecendo e de novos produtos e variedades que estavam surgindo.

Em relação aos financiamentos, as instituições de crédito oficiais precisam se aproximar mais diretamente dos pequenos produtores, uma vez que existe uma distância muito grande entre eles, cujo produtor sem saber como solicitar os recursos não consegue crescer e os bancos sem se preocupar com o produtor, não conseguem oferecer os recursos necessários para o engrandecimento do setor.

Como já acontece em grande países produtores, a importância das certificações já podem ser identificadas no Ceará. O estado tem um trabalho específico com a maior e mais importante certificadora do mundo para o setor de flores, a MPS/ECAS, empresa presente na Holanda e também espalhada em mais de 50 países. É através dessas certificações que as flores cearenses ganharam credibilidade no mercado internacional, disputando igualmente com os melhores países produtores e fornecedores internacionais de flores de corte.

Conclui-se que este trabalho atendeu ao seu objetivo de analisar e mostrar, principalmente através da teoria apresentada, a evolução das exportações brasileiras de flores de corte como também sobre a importância da inserção de inovações tecnológicas em todos os elos que compõem a cadeia produtiva brasileira de flores e plantas ornamentais. A metodologia utilizada mostrou-se adequada para a análise em questão e que pode ser adotada e propagada em trabalhos semelhantes. Torna-se também fundamental o aprofundamento cada vez maior de temas referentes a cadeia produtiva, permitindo que as informações colhidas possam expandir ainda mais o interessante e promissor setor brasileiro de flores e plantas ornamentais.

REFERÊNCIAS

AGRIANUAL 2002. **Anuário da Agricultura Brasileira. Artigos especiais:** Valter Udler Cromberg, FNP: Editora, p.353-354, 2002.

ALICEWEB: **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior**, Disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>, Acesso em: 09 jan 2009.

BATALHA, M.O. – **Gestão Agroindustrial – GEPAl:** Grupo de estudos e pesquisas agroindustriais – coordenador Mário Otávio Batalha. – 3.ed – São Paulo: Atlas, 2007.

BORTOLIN, Bárbara. **Flores: alta tecnologia na produção e diversificação.** Inovação Uniemp, Campinas, v.2, n.1, 2006. Disponível em: <http://inovacao.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-23942006000100010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 Oct 2008

CANADA. **Ministry of Agriculture and Lands. Ornamentals.** Disponível em: <http://www.al.gov.bc.ca/ornamentals/overview_floriculture.htm>. Acesso: 13 set. 2008.

CEASA/PE - **Relatório de atividades 2006: Programa Horti&Fruti Qualidade.** Coordenador: Luiz Andrea Favero: Recife, 2007.

COMTRADE - **Commodity Trade Statistic Database - United Nations**, Disponível em <http://comtrade.un.org/db/ce/ceSnapshot.aspx>, Acesso em: 09 jan 2009.

EMBRAPA - **Tecnologia da Embrapa ajuda a eliminar o brometo de metila na produção de flores.** Artigo de Eliana Lima, Disponível em <http://www.embrapa.br/embrapa/impressa/noticias/2008/junho>. Acesso em: 09 jan.2009.

EUROSTAT (EXPORT HELPDESK) - **Estatística de Comércio da União Européia** Disponível em http://exporthelp.europa.eu/index_pt.html, Acesso em: 09 jan.2009.

FAVERO, L.A - **A Comercialização e o Processo de Comercialização Agrícola.** Recife, 1999.

FAVERO, L.A - **Cadeias produtivas: conceitos básicos, metodologia, caracterização, estudo**, UFRPE/PADR, Recife, 2008.

IBRAFLOR. **Plano estratégico para as exportações de flores e plantas ornamentais do Brasil – Relatório final.** Janeiro 2005.

JUNQUEIRA, A. H. PEETZ, M. S – **Exportações de flores e plantas ornamentais superam US\$ 35 milhões em 2007: recorde e novos desafios para o Brasil.** Revista Brasileira de Horticultura Ornamental - Disponível em: <http://www.hortica.com.br/>; Acesso em: 07 set. 2008.

JUNQUEIRA, A. H. PEETZ, M. S – **Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância sócio-econômica recente.** Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, v. 14, n.1, p.37 – 52 - Disponível em: <http://www.hortica.com.br/>; Acesso em: 01 set. 2008

KIYUNA, I., ANGELO, J.A., COELHO, P.J. – **Floricultura: o difícil caminho do mercado externo** - <http://www.ica.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=9652>, acesso em 28/12/2008

LIMA, Ricardo C. et al. **Perfil Econômico e Cenários de Desenvolvimento para a Cadeia Produtiva de Floricultura**, (mimeo) Recife, jul-2005. 60 p.

LUZIANNY, B. R. – **A produção de flores no estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito**, 2006. 111p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Ceará.

MEDEIROS, F.O.; SILVA, L.S; VITAL, T.W. **Estudo sobre a Função Direção no Agronegócio de Flores e Plantas Ornamentais no Estado de Pernambuco: O Caso do Engenho Primavera.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 45, Londrina, 2007. Anais... Londrina: SOBER, 2007. CD.

MEDEIROS, F. O, FAVERO L. A. **Estudo da Cadeia Produtiva de Flores Temperadas no Município de Gravatá, Estado de Pernambuco: (segmento – Produção e Distribuição no Atacado).** Monografia de conclusão do curso de Economia Rural da UFRPE. Recife, 2005.

MELISSA, M.A.O., FOGAÇA, L.A., et al - **Por que estudar a produção de plantas ornamentais? O caso Catarinense.** Revista Brasileira de Horticultura Brasileira, Campinas, SP, V.14, n.1, p.85-90, 2008.

NEVES, M. F. – **Um Modelo para Planejamento de Canais de Distribuição no Setor de Alimentos.** Tese de Doutorado - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, A. A. P., BRAINER, M; S; C. P. - **Floricultura: caracterização e mercado /** Alfredo Augusto Porto Oliveira, Maria Simone de Castro Pereira Brainer. - Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 180p. – (Série Documentos do ETENE, n.16).

PEDROZA FILHO, M. X. - **A cadeia produtiva da floricultura de Pernambuco: Análise da inserção do mercado Europeu.** 2006. Dissertação (Mestrado Administração e Desenvolvimento Rural – PADR) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

PEIXOTO, M. – **Exportação de flores e retomada** - <http://www.florabrasilis.org.br/sis.noticias.asp?pasta=1&pagina=29&categoria=4¬icia=60&aplicacao=sim>, acesso em 28/12/2008.

PORTER, Michael E. - **On Competition: estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. cap. 3, p.46-82, cap. 10, p.371-397.

PROCHNIK, V. – **Cadeias produtivas e complexos industriais** – (Seção do capítulo FIRMA, INDÚSTRIA E MERCADO, do livro HASENCLEVER, L. & KUPFER, D. ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL, Ed. Campus, 2002), Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/cadeiasprodutivas/index.html>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

RAIS - **Relação Anual de Informações Sociais**: Disponível em <http://sgt.caged.gov.br/index.asp>, Acesso em: 09 jan 2009.

SAKIO TANIO, D; SORAYA SIMÕES – **Cadeia de suprimentos de flores e plantas ornamentais no Brasil: uma nova abordagem para aumentar a participação do setor no mercado internacional**, Grupos de Estudos Logísticos - UFSC, 2005.

SÉRIE AGRONEGÓCIOS - **Cadeia produtiva de flores e mel** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura; Antônio Márcio Buainain e Mário Otávio Batalha (coordenadores), Agronegócios v. 9 – Brasília : IICA : MAPA/SPA, 2007.

TIGRE, P.B. - **Gestão da Inovação: a economia da tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2006. Cap. 7, Cap. 8.

UNITED STATES. **Economic research service. Briefing room: floriculture crops: background**. Disponível em: <<http://usda.mannlib.cornell.edu>> Acesso: 13 set. 2008.

USDA - **United States Department Of Agriculture**. Disponível em <http://www.fas.usda.gov/USTrade/USTEXHS2.asp?Ql=/>, Acesso em: 09 jan 2009.

XAVIER, P. F. M.; FAVERO, L. A. **A competitividade da Cadeia Exportador de Flores Tropicais de Pernambuco**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43, Ribeirão Preto, 2005. Anais... Ribeirão Preto: SOBER, 2005. CD.

ZÚÑIGA, A. M. **Costa Rica: pequeno gran exportador de productos tradicionales**. San José: Ministério de Comercio Exterior de Costa Rica. Disponível em: <http://www.comex.go.cr/difusion/ciclo/1996/amonge.htm>; Acesso em: 14 set. 2008.

ZYLBERSZTAJN, D. – **Estruturas de Governança e Coordenação do Agribusiness. Uma Aplicação da Nova Economia das Instituições**. Tese de Livre-Docência apresentada ao Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE: ROTEIROS DE ENTREVISTAS

ROTEIRO I: ÓRGÃOS PÚBLICOS

- 1) Discorra sobre a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da região.
- 2) Ocorreram mudanças estruturais da cadeia como um todo no decorrer dos últimos anos?
- 3) O que o órgão tem feito para melhorar a introdução de níveis tecnológicos nos elos da cadeia produtiva?
- 4) Quais as formas de apoio dos órgãos de pesquisa (ex. EMBRAPA) de assistência técnica (Emater) quem atua nos programas de incentivo à comercialização e às exportações (SEBRAE, programa FLORABRASILIS)?
- 5) Quais os tipos de eventos que o órgão apoia para que os produtores possam expor seus produtos no nível local, regional, nacional e/ou internacional?
- 6) Quais os tipos de programas especiais de financiamentos que os produtores utilizam para incrementar sua cadeia produtiva?
- 7) Existe no órgão estudos sobre o mercado de flores e plantas ornamentais?
- 8) Os produtores baseiam sua produção em quais janelas de mercado? (à nível local, regional, nacional e/ou internacional)
- 9) Quais as épocas mais importantes para o escoamento da produção?
- 10) O que precisa ser feito para que a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da região melhore para que possa disputar com mais eficiência à nível local, regional, nacional e/ou internacional?
- 11) Enumere de 1 a 3 as principais dificuldades apontadas pelos produtores _____
- 12) Quais as possibilidades de superação destas dificuldades _____ sua instituição poderia contribuir para superá-las? _____ e de que forma _____

ROTEIRO II: PRODUTORES / ASSOCIAÇÕES / COOPERATIVAS

1) Discorra de um modo geral sobre seu sistema de produção:

Área total da propriedade _____

Total da área plantada com flores _____

Principais variedades _____

Flores cortadas _____ em vasos _____

Plantas ornamentais _____

Outras culturas _____ quais _____

Ocupam uma área de _____ ha

Sua receita é proveniente principalmente de flores _____

As outras culturas em valor representam _____% da sua receita total

2) Discorra sobre a produção de sua propriedade / da sua empresa (desde a compra de insumos até a comercialização).

3) Qual o tipo de mão-de-obra utilizado? Temporária, permanente, familiar, contratada? Discorra sobre a importância de ter mão-de-obra especializada.

4) Produz as mudas ou compra? _____ De onde provêm as mudas compradas? _____

5) Qual o tipo de inovação incorporado na produção (por exemplo: participação de pesquisas de novas espécies, de novos tipos de cultivares, pagamento de Royalties, biotecnologia e técnicas de produção de mudas, reprodução *in vitro*, etc.)

6) Recebe assistência técnica pública _____ Utiliza assistência técnica privada _____

7) Participou de algum curso de formação técnica para produzir ou para a comercialização? _____

8) Quais os melhoramentos ocorridos na aquisição de novas máquinas, equipamentos, instalações, etc.

9) Como ocorre a produção? Discorra sobre o tipo utilizado, ou seja, a céu aberto ou cultivo protegido (quais tipos utilizados?)

10) Discorra qual o procedimento adotado na pós-colheita (*packing house*, classificação, embalagem, acondicionamento, armazenamento em câmara fria, etc.)

- 11) Discorra sobre o processo de comercialização de sua produção?
- 12) Qual o nível de inserção da empresa no mercado? (local, regional, nacional ou internacional)
- 13) Qual o tipo de programa de crédito é adotado atualmente? Se não, qual os problemas em se obter financiamento?
- 14) Qual o tipo de planejamento é utilizado em função das datas comemorativas ou em função das janelas de mercado?
- 15) Participa de algum programa de incentivo à comercialização e exportação da produção?